



## UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA

Av. General Carlos Cavalcanti, 4748 - Bairro Uvaranas - CEP 84030-900 - Ponta Grossa - PR - <https://uepg.br>

### RESOLUÇÃO CEPE - Nº 2023.16

Aprova Novo Projeto Pedagógico do Curso de Bacharelado em História, da UEPG.

O CONSELHO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO, no uso de suas atribuições legais e estatutárias, na reunião do dia 07 de março de 2023, *considerando* os termos do expediente protocolado sob nº 22.000078986-8, de 13.12.2022, que foi analisado pelas Câmaras de Graduação e de Extensão, através do Parecer deste Conselho sob nº 2023.22, *aprovou* e eu, Vice-Reitor, sanciono a seguinte Resolução:

**Art. 1º** Fica aprovado o Novo Projeto Pedagógico do Curso de Bacharelado em História, da Universidade Estadual de Ponta Grossa - UEPG, na forma do *Anexo* que passa a integrar este ato legal.

**Art. 2º** Esta Resolução entrará em vigor na data de sua publicação. Reitoria da Universidade Estadual de Ponta Grossa.



Documento assinado eletronicamente por **Ivo Mottin Demiate, Vice-reitor**, em 16/03/2023, às 16:20, conforme Resolução UEPG CA 114/2018 e art. 1º, III, "b", da Lei 11.419/2006.



A autenticidade do documento pode ser conferida no site <https://sei.uepg.br/autenticidade> informando o código verificador **1351061** e o código CRC **461CFA82**.



## UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA PROJETO PEDAGÓGICO DE CURSO BACHARELADO EM HISTÓRIA

### 1. CONTEXTUALIZAÇÃO

#### 1.1 Atos Legais

A UEPG foi criada pelo Governo do Estado do Paraná, através da Lei nº 6.034, de 06 de novembro de 1969, e Decreto nº 18.111, de 28 de janeiro de 1970. Foi reconhecida pelo Governo Federal através do Decreto nº 73.269, de 07/12/73 que, simultaneamente, aprovou seu Estatuto, o Regimento Geral e o Plano de Reestruturação.

#### 1.2 Endereço

- Página: <http://uepg.br>
- Fone: (42) 3220-3000
- Campus Uvaranas - Av. General Carlos Cavalcanti, 4748, CEP 84030-900 - Ponta Grossa – Paraná.
- Campus Central - Praça Santos Andrade, 1 – CEP 84010-790 - Ponta Grossa – Paraná

#### 1.3 Perfil e Missão da IES

A finalidade que justifica a existência da UEPG enquanto Instituição de Ensino Superior do complexo educacional do estado do Paraná e que baliza seus objetivos estratégicos, táticos e operacionais consiste, de modo geral, em proporcionar à sociedade meios para dominar, ampliar, cultivar, aplicar e difundir o patrimônio universal do saber humano, capacitando todos os seus integrantes a atuar como força transformadora. Tal finalidade se sintetiza na ideia de ação unitária entre o ensino de graduação e pós-graduação, a pesquisa e a extensão. Deste modo, a Universidade está comprometida com a educação integral do estudante, preparando-o para:

- Exercer profissões de nível superior;
- Praticar e desenvolver ciência;
- Valorizar as múltiplas formas de conhecimento e expressão, técnicas e científicas, artísticas e culturais;
- Exercer a cidadania;
- Refletir criticamente sobre a sociedade em que vive;
- Participar do esforço de superação das desigualdades sociais e regionais;
- Assumir o compromisso com a construção de uma sociedade socialmente justa, ambientalmente responsável, respeitadora da diversidade e livre de todas as formas de opressão ou discriminação de classe, gênero, etnia ou nacionalidade;
- Lutar pela universalização da cidadania e pela consolidação da democracia;
- Contribuir para a solidariedade nacional e internacional.

#### 1.4 Dados Socioeconômicos da Região

Desde a década de 1960, a UEPG, mediante o ensino de graduação e pós-graduação, a pesquisa e a extensão, vem desempenhando um papel de polo irradiador de saber, conhecimento e cultura na região centro-sul do Paraná.

Ponta Grossa é um município paranaense distante 117,70 km da capital Curitiba, com IDH-M de 0,804 e densidade demográfica de 156,66 hab/km<sup>2</sup>. É o núcleo de uma das regiões mais populosas do Paraná: os Campos Gerais, que soma mais de 1.100.000 habitantes (IBGE/2012) e conta com o maior parque industrial do interior do estado.

A cidade é a 4ª (quarta) mais populosa do Paraná e a 76ª (septuagésima sexta) do Brasil. Sua população, segundo dados do IBGE para o ano de 2018, foi estimada em 348.043 pessoas. A área de influência da UEPG se estende por vários municípios paranaenses e mesmo paulistas. Grande parte das comunidades pertence às microrregiões dos Campos Gerais e dos Campos de Jaguaíva, vasta superfície de estepes por onde se espalhavam populações indígenas, principalmente kaingang e guarani, e onde se desenvolveu o tropeirismo na rota que ligava Viamão, no Rio Grande do Sul, a Sorocaba, em São Paulo.



A definição de Campos Gerais integra critérios fitogeográficos e geomorfológicos que, por sua vez, exprimem a estrutura geológica e natureza das rochas, responsáveis pelos solos rasos e arenosos, pouco férteis, que favorecem a vegetação de campos e o aparecimento do limite natural representado pela Escarpa Devoniana, um degrau topográfico que em vários locais ultrapassa 300m de desnível. A expressão “Campos Gerais do Paraná” foi consagrada por MAACK (1948), que a definiu como uma zona fitogeográfica natural, com campos limpos e matas galerias ou capões isolados de floresta ombrófila mista, onde aparece o pinheiro araucária. Nessa definição, a região é ainda limitada à área de ocorrência desta vegetação que a caracteriza, situada sobre o Segundo Planalto Paranaense, no reverso da Escarpa Devoniana. Está separada do Primeiro Planalto, situado a leste. (DICIONÁRIO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DOS CAMPOS GERAIS. Disponível em: > [www2.uepg.br/dicion](http://www2.uepg.br/dicion)).

Entretanto, a identidade histórica e cultural da região dos Campos Gerais remonta ao século XVIII, quando, graças aos ricos pastos naturais, abundância de invernadas com boa água e relevo suave, foi rota do tropeirismo do Sul do Brasil, com o deslocamento de tropas de muares e gado de abate provenientes do Rio Grande do Sul com destino aos mercados de São Paulo e Minas Gerais. Nessa época, os campos naturais da região tornaram-se muito disputados, e a coroa portuguesa começou a expedir cartas de sesmarias em favor de homens a ela fiéis e de prestígio político local. (IDEM).

Com a descoberta do ouro nas Minas Gerais, no início do século XVIII, grandes contingentes populacionais passaram a se dedicar quase que exclusivamente à mineração. Surgia, em decorrência, uma demanda interna de consumo dos mais diversos produtos, especialmente de gêneros alimentícios e animais de carga. A agricultura, a pecuária e o tropeirismo passaram a ocupar a atenção das populações do Paraná, especialmente a dos Campos Gerais. Serviu de estímulo a impossibilidade de as vilas paulistas suprirem a demanda de alimentos da região mineradora. O alto preço do gado, nas Gerais, resultou na multiplicação de fazendas de criar nas áreas de campos. O Paraná se integrou assim ao mercado interno da colônia. As fazendas de gado passariam, então, a ser o centro de interesse, principalmente dos homens ricos do litoral e do planalto.

O tropeirismo, na porção central do território, propiciou um maior movimento repovoador e uma base econômica mais sólida que a mineração. Dadas as suas características naturais, essa região era propícia à criação e invernagem de gado vacum. Os Campos Gerais formam um “corredor” natural desde o sul brasileiro até São Paulo, entre as serras do Mar e da Boa Esperança. O relevo suave da maior parte do terreno era coberto de vegetação herbácea, entrecortado por capões de mato dominados pelos pinheiros.

Desde o século XVII, o gado introduzido no primeiro planalto encontrou ali ambiente favorável; alcançou os Campos Gerais no século XVIII e os campos de Guarapuava e Palmas no século XIX. O período áureo do tropeirismo estendeu-se de 1850 a 1920. Nesses campos, conquistados aos índios mediante a chamada “guerra justa”, foram formadas diversas fazendas. A partir de 1731, com a abertura do Caminho do Viamão, unindo Vacaria a Sorocaba, foi-se povoando mais intensamente os Campos Gerais. A aspiração por lucros maiores, assim como a menor exigência de investimentos e mão de obra, fez com que a invernagem se sobressaísse à atividade de criação.

As atividades ligadas à criação e ao comércio do gado abriram caminhos e repovoaram o sertão. Ao longo das estradas formaram-se não apenas grandes fazendas, mas pequenos sítios. Entre 1725 e 1744, cerca de 90 sesmeiros requereram propriedade de terras na região; porém, o número de sesmarias era bem maior, pois muitos fazendeiros (oriundos de Curitiba, Paranaguá, Santos e São Paulo) eram absenteístas e tinham mais de uma propriedade. O recenseamento de 1772 indicou a existência de 50 grandes fazendas e 125 sítios na região dos Campos Gerais. Diferentemente das colonizações dirigidas, a população vinha por contra própria, lentamente.



Os rebanhos itinerantes estão na origem e crescimento de muitos povoados paranaenses. Nos lugares de pouso das tropas sulinas nos campos do Paraná nasceram vários núcleos urbanos, com pequenas redes de serviços e indústrias artesanais. A atividade periódica dos homens de tropas, que permaneciam alguns meses distantes de suas famílias, fez prosperar nos pousos uma série de atividades: tropeiros, condutores, seleiros, ferreiros e arreadores, entre outros ofícios; e também um comércio, de início incipiente: as “vendas” e “bodegas” em que não faltavam a bebida, o jogo e a prostituição. Dessa forma, pequenas freguesias e vilas, como a do Príncipe (Lapa), Palmeira, Ponta Grossa, Piraí do Sul, Castro e Jaguariaíva tiveram seu desenvolvimento inicial dependente das fazendas e do movimento das tropas.

Os sítios eram pequenas propriedades ocupadas por posseiros. Ficavam próximos aos povoados e às margens das estradas das tropas. A maioria dos sítiantes não possuía escravos; plantavam feijão, milho, mandioca e alguns outros produtos para abastecimento das tropas que passavam pela região; também criavam vacas, cavalos, muares, porcos e galinhas.

A partir do estabelecimento de fazendas e sítios, a pecuária passou a ser a principal atividade da população local. Em 1820, ao percorrer os Campos Gerais, o viajante francês Saint-Hilaire notou que a vida cotidiana gravitava ao redor da criação de gado; que “os homens estão sempre a cavalo e andam quase sempre a galope”; e que “os meninos aprendem desde a mais tenra idade a atirar o laço” (SAINT-HILAIRE, 1995, p. 18).

Com o tropeirismo estabeleceu-se uma nova onda de reocupação do território do atual Paraná, no sentido norte-sul, à margem da franja litorânea, e leste-oeste. Durante esse período, formaram-se as fazendas de criação de gado e invernagem de muares e vacuum por todas as regiões dos campos naturais do Paraná, desde Curitiba e Campos Gerais aos Campos de Guarapuava e Palmas, e até às fronteiras do Rio Grande do Sul e Argentina. Depois da independência do Brasil (1822), e especialmente depois da emancipação política da província (1853), os tropeiros e criadores dos Campos Gerais se tornaram a elite econômica e política do Paraná. Em suma, Ponta Grossa “surge como um povoado em função dos caminhos das tropas, e seus habitantes pelas fazendas irão, no decurso do século XIX, se concentrando e convergindo para o ponto mais central de seu território”. Este, “se por um lado se restringe espacialmente, por outro se amplia socialmente” (PINTO; GONÇALVES, 1983, p.18). Integrada à estrutura econômica brasileira, a incipiente sociedade ponta-grossense desenvolveu vida própria, independentemente da vila de Castro. “Concomitantemente ao progresso político, evidenciam-se transformações sensíveis na estrutura social e econômica, ocorrendo concentração urbana em oposição à dispersão rural daqueles proprietários em busca de outras atividades econômicas” (IDEM).

As tropas de mulas, o criatório e a invernagem aceleraram a reocupação do Paraná; contudo, a partir de 1870, deixaram de ter importância nas exportações da Província em virtude do início da operação de estradas de ferro em São Paulo. O tropeirismo manteve-se ativo enquanto mantinha-se ativa a feira de Sorocaba. O declínio ocorreu a partir de 1860, quando se iniciou a construção das ferrovias que substituiriam os muares no transporte de café.

Com a posição geográfica favorável e a atividade econômica aquecida pelo tropeirismo, Ponta Grossa passou a receber constantes correntes migratórias que afetaram o seu crescimento e alteraram as estruturas demográficas. No final do século XIX, ocorrem outras mudanças econômicas importantes. “A indústria foi a opção já nos primeiros anos da República. As serrarias multiplicaram-se nos arredores da cidade, muitas passaram a beneficiar a madeira e a erva-mate, gerando mão-de-obra para as pessoas que para cá vieram em busca de trabalho” (WALDMANN, 2018, s.p.).

Em um contexto mais geral, o Brasil passou por transformações políticas, sociais e econômicas importantes na segunda metade do século XIX. Desde 1844, o comércio exterior encontrou novas possibilidades de expansão. A introdução do trabalho assalariado,



principalmente nas fazendas paulistas de café, e a gradativa abolição do trabalho escravo, desde 1850, dinamizaram o comércio interno. Nessa conjuntura, a economia provincial do Paraná mudou seu caráter de subsistência para uma fase comercial. A produção para exportação substituiu quase completamente a produção de subsistência das próprias comunidades locais.

A exportação da erva-mate passa a prosperar ao lado do comércio de tropas muares, compradas no sul, invernadas no Paraná e vendidas em Sorocaba. Esses negócios eram rendosos e relativamente “fáceis”: a erva-mate nativa não exigia cultura e o comércio de animais, apesar de exigir capitais, proporcionava lucros com o simples arrendamento de terras de campos para os períodos de invernagem.

A vegetação natural do território apresentava dois elementos extremamente importantes na economia que se desenvolveu na província: o mate e o pinheiro. A economia do mate, seguida pela da madeira, teve efeitos importantes na estrutura social. A economia de extração predominou sobre a economia de produção até o século XIX.

No final do século XIX, observa-se um certo crescimento urbano. O crescimento e desenvolvimento da cidade são frutos da chegada de imigrantes europeus no final do século XIX, que traziam consigo as sementes da Revolução Industrial. Como consequência, observou-se a modernização de diversos setores da sociedade, como transportes, cultura e comércio. Além disso, a ferrovia chegou em Ponta Grossa facilitando a ligação da cidade com os grandes centros do país e, conseqüentemente, ampliando os horizontes e mudando conceitos de um povo que, até então, limitava-se às atividades campeiras.

O universo da cultura tropeira é aberto regularmente aos encontros. Ponta Grossa, e de modo geral a região dos Campos Gerais, foi, desde o início da economia tropeira – essencialmente nômade – um entroncamento de caminhos entre o sul e o centro-sul do país. Observa-se a singularidade desses espaços na formação das mentalidades. São, antes de tudo, espaços de comunicação entre diferentes grupos sociais. Comunicação de linguagem (cultura), de famílias (parentesco) e de mercadorias (economia). Essa situação é geográfica, econômica, política, sociológica e cultural. Em parte, o crescimento da cidade explica-se pela sua situação geográfica privilegiada. A partir da década de 1870, Ponta Grossa firmou-se como “entroncamento de carreiros”, um encontro de caminhos e pessoas de diferentes origens sociais e culturais. Os caminhantes e as mercadorias contavam com as estradas para o litoral, para o oeste do Paraná, para o Mato Grosso, São Paulo e Rio Grande do Sul.

Em termos políticos, os Campos Gerais foram reocupados por uma sociedade marcada econômica e politicamente pela dominação de famílias ligadas ao tropeirismo, formando clãs que detinham o poder político em escala local e regional. Conforme Brasil Pinheiro Machado, a “comunidade paranaense tradicional” limita a sua expansão e consolida-se em meados do século XIX: “O elemento fundamental da expansão e da fixação das populações foi a fazenda de criação de gado como instrumento, a família como agente social e econômico, as regiões de campos naturais como espaço geográfico e a escravidão como sistema de trabalho” (MACHADO, 1959, p. 86).

Em escala regional, importantes transformações na relação campo-cidade estavam em curso na segunda metade do século XIX, com o início do declínio da criação de gado, substituída progressivamente pela invernagem. O comércio, os serviços e as profissões liberais se desenvolviam; a cidade aproximava-se de ideais cosmopolitas. “De muito antes dessa época [...] as famílias fazendeiras passaram a residir nas cidades, ao mesmo tempo em que se ampliava a economia monetária, se firmava a supremacia comercial das cidades sobre a antiga economia autossuficiente das fazendas e diminuía o número de escravos.” (Idem, p. 98) Trata-se de um processo de rurbanização, uma cidade rural, combinação de elementos contraditórios. No plano econômico, por exemplo, o desenvolvimento do comércio contra a autossuficiência das fazendas. Em 1857, “as artes e os ofícios já vão sendo apreciados, de modo que encontram-se em pequena escala, carpinteiros, alfaiates, pedreiros, ourives e sapateiros” (IDEM, p.100).



Ainda conforme Brasil Pinheiro Machado: “O limite de cada vila ou comarca vai até onde vão os seus habitantes que se conservam ligados ao núcleo inicial, de modo que a região constitui uma unidade homogênea de população, de interesses, de convívio, de parentesco mesmo”. Mas que essa “unidade homogênea” não obscureça a heterogeneidade cultural, econômica e social que compõe uma “região” em sua concretude no espaço e no tempo, especialmente com o advento da imigração europeia (MACHADO, 1987, p. 182).

Sem dúvida, como em outras partes do país, a imigração afetou a sociedade campeira sob muitos aspectos. “Em Ponta Grossa, não obstante as dificuldades encontradas, imigrantes alemães, italianos, russos, ucranianos, poloneses, sírios, e de outras nacionalidades contribuíram, com suas culturas, no processo de construção das identidades locais” (CHAVES, 2001, p. 74). No que tange às transformações étnicas e demográficas, a síntese de Balhana e Westphalen (DAUMARD et al., p. 78) expressa com precisão o impacto do processo imigrantista: A sociedade paranaense, constituída nos séculos XVII, XVIII e XIX, foi uma sociedade heterogênea composta de índios, europeus e africanos, e marcada também pela escravidão. A participação econômica e social de escravos na formação do efetivo populacional paranaense foi bastante significativa e persistiu durante longo tempo, imprimindo-lhe características que o identificam com aquelas do modelo clássico da população brasileira. Contudo [...], o quadro demográfico do Paraná foi substancialmente alterado, durante a segunda metade do século XIX, pelas transformações econômicas da sociedade tradicional paranaense. A desagregação da sociedade campeira ocasionou, de um lado, a evasão da força de trabalho representada pelos escravos, vendidos em grande parte no mercado interno e, de outro, pela entrada de novos contingentes populacionais, representados pelos imigrantes.

Ponta Grossa é, de certa forma, a cidade-síntese dos Campos Gerais, ao menos do ponto de vista da sua diversidade étnica. As colônias de imigrantes estabelecidas a partir de 1878 nas terras municipais “Eram em número de 18, abrangendo a área de 101.200: 685 braças quadradas, com as denominações de Rodrigo Octávio, Tavares Bastos, Taunay, Tibagy, D. Luiza, Moema, Eurídice, Santa Matilde, Botuquara, Itaiacoca, Guaraúna, Guarauninha, Uvaranas, Rio Verde, Santa Rita, D. Adelaide, Trindade e Floresta, onde se haviam localizado colonos russos e alemães. Não tardou que uma corrente de colonização polaca viesse se juntar aos primeiros, dando maior incremento à atividade e produção agrícolas” (ÁLBUM DO PARANÁ, 1920, s.p.).

A imigração aparecia, para o governo provincial, como uma panaceia para resolver variados problemas conjunturais e estruturais da sociedade brasileira. É o caso, em especial, da região dos Campos Gerais e suas localidades. “As autoridades provinciais conhecedoras da situação decadente das estruturas socioeconômicas dos Campos Gerais, alimentaram a esperança de que a introdução de novos contingentes populacionais imigrados propiciava condições de mudança e progresso agrários para a região” (BALHANA, op. cit., p. 76.). Em outros termos, havia uma certa concepção romântica sobre os efeitos a curto, médio e longo prazo da colonização estrangeira. Segundo Brasil Pinheiro Machado, o objetivo era estabelecer uma “civilização camponesa à maneira da Europa”, baseada no regime de pequenas propriedades, “agrupadas em redor de uma aldeia, visando o abastecimento das cidades” (MACHADO, op. cit., p. 51). O processo resultou, do ponto de vista da demografia, em um marcante crescimento populacional e na inserção de uma variedade de elementos étnicos. Em suma, uma mudança na composição da população sob múltiplas características.

Um povoado que nasce e cresce como um “entroncamento de caminhos” potencializa a complexidade dos encontros e interações culturais. Tem-se a formação de identidades híbridas. “Nesse ir e vir, o tropeiro levou para o sul, em cada viagem, um pouco de São Paulo e levou para o norte um pouco do Rio Grande, deixando, porém, nos Campos Gerais, bem misturados, dos dois” (ERICHSEN PEREIRA, 1962, p. 67). A imigração, a



partir do último quartel do século XIX, temperou ainda mais o caldo étnico e cultural da população campeira.

É importante observar, conforme vários estudiosos da história regional/local, a “decadência” ou crise da pecuária e do tropeirismo a partir de meados do século XIX. A ascendência econômica do mate e logo, com a ferrovia, a da madeira. A expansão da malha ferroviária não decretou de imediato a morte do tropeirismo: as tropas agora limitavam-se ao caminho para Mato Grosso. O único setor econômico a prosperar é o comércio urbano, a abastecer com mercadorias importadas as grandes fazendas locais (que deixaram de ser autossuficientes), a população flutuante e a própria gente das vilas e pequenas cidades da região. Segundo Trindade e Andrezza, de modo geral, “A região dos Campos Gerais estava ainda fortemente ligada às atividades econômicas das grandes fazendas, mas já assistia à emergência de pequenas fábricas e de um movimentado comércio” (TRINDADE; ANDREAZZA, 2001, p. 59). As lojas de secos e molhados serviam os habitantes do lugar e os viajantes que por aqui passavam. No século XIX, e até meados do XX, essas lojas, como se dizia, “vendiam de tudo”: farinha de trigo, centeio, milho, feijão, batata, carne seca, manteiga, charutos, rapé, papel e palha para cigarro, fumo em rolo ou picado, desfiado, bebidas estrangeiras (bitter, fernet, vermouth, kirch, rum, brandy), fósforos, sal grosso e moído, botas, botinas, coturnos de couro, sapatos, velas, perfumes, remédios, conservas, vinagre, cartas de jogar, chapéus, sombrinhas, guarda-chuvas, bengalas, tecidos de lã e de algodão.

A acumulação do capital na economia tropeira estimulou, portanto, a urbanização. Verifica-se o aumento de atividades propriamente citadinas como o comércio a varejo, profissões como advogados, sapateiros, ourives, padeiros, telheiros, marceneiros, obreiros, ferreiros, curtidores, etc., que centralizam suas atividades no espaço urbano. A cidade de Ponta Grossa afirmava-se, assim, ao longo do século XIX, e com mais solidez a partir dos meados do mesmo século, como uma capital regional, urbanizada, firmando a tradição de um encontro de caminhos, transformada já em entroncamento ferroviário, o que aumentou sobremaneira a circulação de pessoas e mercadorias. A sociedade campeira começou a ser impactada pela modernidade. De modo geral, a população dos Campos Gerais absorvia o impacto das conquistas tecnológicas do final do século: máquinas a vapor, telégrafo, telefone, imprensa, estrada de ferro, “ao atingirem a região, despertaram os anseios incubados pelo isolamento interiorano. Foi um período de prosperidade política, de ideias avançadas, até onde permitiam as condições econômicas da região” (BORBA, 1991, p. 50). Em verdade, poder-se-ia dizer que a população da região vivenciava as ambiguidades características do Brasil no final do segundo Império: as tensões entre a modernidade (o progresso e a civilização) e a tradição herdada do período colonial e imperial.

A região foi marcada pela escravidão. A escravidão no Paraná foi diferente em relação a outras regiões do Brasil, o que não quer dizer que não existiu. Se a utilização da força de trabalho escrava no nordeste e no sudeste, na produção de açúcar e café, respectivamente, caracterizava fazendas com cerca de 200 escravos, no caso paranaense algumas fazendas não tinham mais de 20 cativos. No entanto, há registros em inventários post-mortem de que alguns grandes proprietários de terras nos Campos Gerais chegaram a possuir 50 ou mais escravos (OLIVEIRA, 2016). Portanto, não se deve deduzir que a escravidão não teve relevância na história do Paraná; pelo contrário, a sociedade tradicional paranaense, particularmente a região dos Campos Gerais, foi profundamente marcada pelo regime de trabalho escravo e pelo consequente recorte racial que opunha o status jurídico da liberdade ou do cativo entre os brancos e os não-brancos.

No que tange à industrialização de Ponta Grossa, um fato que indica um aceleração do processo na cidade foi a inauguração, em 1894, da Cervejaria Adriática, propriedade de Henrique Thiellen. A empresa chegou a comercializar alguns de seus rótulos em mercados para além das fronteiras nacionais. Na década de 1940, a cervejaria Adriática foi vendida para a Antarctica. Sua desativação ocorreu gradualmente, efetivando-se no início da década de 1990. O imóvel da Adriática, situado na região central da cidade, um



dos últimos remanescentes da arquitetura industrial do início do século XX na cidade de Ponta Grossa foi demolido, apesar das 11 inúmeras solicitações de tombamento para sua preservação (DICIONÁRIO HISTÓRICO E GEOGRÁFICOS DOS CAMPOS GERAIS. Disponível em: > [www2.uepg.br/dicion](http://www2.uepg.br/dicion)).

Desde o último terço do século XIX foram estimuladas atividades culturais e educativas, além do aparecimento da imprensa. Há que se falar, em especial e de modo geral, da banda municipal, da biblioteca pública e do teatro Santana. Conforme as historiadoras Pinto e Gonçalves, “[...] o interesse pela construção de um teatro em 1873, por iniciativa dos habitantes [...] e a existência de biblioteca em 1876, indicam o novo vigor e a mentalidade arejada de seus habitantes” (PINTO & GONÇALVES, 1983, p. 32). A imprensa, a fundação de bibliotecas e a circulação de livros (anunciados desde 1854 nas páginas dos jornais) atestam, ao lado das políticas de instrução pública, o crescimento do público leitor, embora a grande maioria da população, em especial os segmentos populares, continuasse majoritariamente analfabeto.

Ao problematizar a implantação da energia elétrica em Ponta Grossa, Silva (1993, p. 91) ressalta que as primeiras tentativas de implantar o serviço de iluminação em Ponta Grossa, em 1902, revelam o desejo cidadão de incorporar-se ao mercado capitalista internacional. Neste contexto de expansão capitalista, a infraestrutura para os transportes e as comunicações se intensifica: “A Estrada de Ferro que a ligava a São Paulo e a Paranaguá trazia, além de passageiros e mercadorias, os novos fetiches [...] que simbolizavam o que havia de mais moderno e dinâmico na sociedade ocidental” (PETUBA, 2011, p. 35).

A invernada de bois e muars das tropas marcou fortemente a economia desse espaço geográfico desde os séculos XVII e XIX até a chegada das ferrovias, na virada do século XX. A partir daí, a excepcional posição geográfica de suas cidades passou a permitir o desenvolvimento de atividades industriais, alimentadas pelo sistema de transportes, que transformou Ponta Grossa, Jaguariaíva, Irati e União da Vitória em polos industriais de certa monta, o que ainda hoje se reflete na vitalidade do setor secundário nesses municípios.

É reconhecida a importância do polo agroindustrial de Ponta Grossa a partir de meados do século XX (esmagamento de soja, moinhos de trigo, fábricas de cerveja, de massas alimentícias, além de um forte segmento metalomecânico). Telêmaco Borba, Jaguariaíva e Arapoti concentram significativo percentual das indústrias brasileiras de papel e papelão, a primeira já desde 1940. Sendo a transformação industrial fortemente vinculada ao processamento direto de produtos da agricultura e 12 da silvicultura, parece evidente a alavancagem do setor primário regional, locus, hoje, de importantes pesquisas relacionadas a técnicas agrícolas adequadas aos solos estépicos regionais (Embrapa, Iapar, Fundação ABC) e ao desenvolvimento da silvicultura (estas, especialmente patrocinadas pelas grandes papeleiras, como Pisa, Inpacel e Klabin). Em ambos os casos, a grande extensão de terras da região, aliada à necessidade de obtenção de oferta firme e constante, tem levado a uma “industrialização da agricultura” e da silvicultura.

Já a região sul se caracteriza pela agricultura colonial inaugurada pela imigração – especialmente polonesa, italiana e ucraniana –, exercida em propriedades de pequena extensão. Tradicional fornecedora de erva-mate aos mercados mundiais desde meados do século XIX até a década de 1930, a região voltou-se, após a Depressão, à exploração das matas de Araucária. A maneira predatória com que foi exercida essa atividade acarretou estagnação econômica a partir dos anos 1960, restando hoje uma indústria madeireira, em Imbituva, União da Vitória e adjacências, voltada a produtos de maior valor agregado, como esquadrias e móveis de madeira. Também na região sul são desenvolvidas atividades papeleiras, porém de menor porte em relação às da região campestre. Um importante polo cerâmico vem se desenvolvendo nas últimas décadas no triângulo Imbituva-Guamiranga-Prudentópolis.

Em ambas as mesorregiões, destacam-se a atividade da pecuária leiteira e da indústria de laticínios (Carambeí, Castro, Palmeira e Irati), calcada em cooperativas de





produtores e desenvolvida em moldes tecnicamente avançados. Fortes laços culturais ligam o centro e o sul paranaenses, desde primórdios do século XX, quando a ferrovia inaugurou Ponta Grossa como capital regional, transformando-a em cidade-polo fornecedora de bens e serviços para o interior paranaense.

O processo de industrialização mais acentuado aconteceu na cidade no período entre 1975 e 2005, impulsionado pela boa infraestrutura de transporte, mão de obra qualificada e barata, com a presença marcante da UEPG. Algumas das plantas industriais instaladas em Ponta Grossa são: Monofil, LP Masisa, Braslar Eletrodomésticos, Makita, Cervejarias Heineken, Continental, Tetra Pak, Beaulieu do Brasil, Cargill, Bunge, Louis Dreyfus Commodities, Nidera, Brasil Foods, CrownCork Embalagens, entre outras, principalmente do ramo moageiro-alimentício. Na região do Distrito Industrial também está instalado o armazém graneleiro da Companhia Nacional de Abastecimento – CONAB, o maior complexo armazenador de grãos do Brasil, com capacidade estática para 420 mil toneladas.

Tais modificações no espaço regional dos Campos Gerais fazem com que outras definições desse espaço emergjam, atendendo a objetivos e interesses diversos, resultando em delimitações também diferentes. Para a Associação dos Municípios dos Campos Gerais – AMCG, prevalecem critérios econômicos e políticos. Atualmente, integram a Associação 19 municípios: Ortigueira, Curiúva, Ventania, Arapoti, Sengés, Telêmaco Borba, Jaguariaíva, Imbaú, Reserva, Tibagi, Piraí do Sul, Castro, Carambeí, Ivaí, Ipiranga, Palmeira, São João do Triunfo, Porto Amazonas e Ponta Grossa, sede AMCG.

A partir da década de 2000, um novo complexo Industrial se desenvolveu na região norte da cidade, com a implantação de indústrias alimentícias e ligadas ao ramo automobilístico. Em 2013 foi inaugurada a DAF/PACCAR Caminhões, a primeira fábrica de caminhões da marca na América Latina; no mesmo ano, também se instalou na cidade a fábrica da AmBev Cervejaria. O município de Ponta Grossa, por meio de grupo de gestores como Prefeitura Municipal, Associação Comercial e Industrial – ACIPG, Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas – SEBRAE, Federação das Indústrias do Paraná – FIEP, Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social de Ponta Grossa – CDESPONTA, Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG, Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR, dentre outros, incentiva o crescimento do Parque Eco-Tecnológico de Ponta Grossa.

O Parque Tecnológico está desenvolvido em um espaço de aproximadamente 600.000 m<sup>2</sup>, com possibilidade de construção de indústrias em 50 (cinquenta) lotes. A vocação industrial, a existência de uma Incubadora Tecnológica e, agora, a implantação do Parque Tecnológico, tornam evidente a importância das ações de ensino, de extensão e pesquisa desencadeadas pelos cursos de Graduação e Programas de Pós-Graduação em Química, Física (Ciências) e Engenharia e Ciência de Materiais para Ponta Grossa e região. A formação de profissionais em nível superior nessas áreas do conhecimento e as pesquisas realizadas nos Programas de Pós-Graduação contribuem para o desenvolvimento científico e tecnológico necessário para o crescimento industrial.

Considerando que o agronegócio é a principal fonte de riqueza tanto para a região dos Campos Gerais quanto para o estado do Paraná, o desenvolvimento de tecnologias mais sustentáveis e que proporcionem incremento no rendimento de grãos, frutas e olerícolas é de fundamental importância. A região dos Campos Gerais do Paraná é pioneira na adoção do sistema plantio direto – sistema que tem causado uma das maiores revoluções na agricultura brasileira por ser considerada uma das estratégias mais eficazes para aumentar a sustentabilidade da agricultura em regiões tropicais e subtropicais, e frequentemente utiliza e difunde tecnologias de ponta na agricultura. Nessa região são produzidos mais de 160 produtos agropecuários e há um sistema consolidado de cooperativas agropecuárias que apresentam faturamento médio anual de aproximadamente 1,5 bilhão de reais.



Segundo pesquisa coordenada por Augusta Pelinski Raiher acerca do impacto econômico e social da UEPG no desenvolvimento regional do Paraná, “quanto maior é o número de alunos inseridos na instituição procedentes de um município específico, maior é o nível de emprego desse município”. Para ela, há “uma associação positiva entre a formação da UEPG e as melhores condições no mercado de trabalho formal” (RAIHER, 2017, p. 177-178).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ÁLBUM DO PARANÁ Curitiba, ano II, n. 13, 1920.
- BALHANA, Altiva Pilatti. Política imigratória do Paraná. Revista Paranaense de Desenvolvimento. Curitiba: Banco de Desenvolvimento do Paraná S.A, n.12, mai/jun. 1969.
- BORBA, Oney B. Canhão do Guartelá. Castro: Kluger Artes Gráficas, 1991. CHAVES, Niltonci Batista (Org.). Visões de Ponta Grossa. Ponta Grossa: Ed. UEPG, 2001.
- DAUMARD, Adeline; BALHANA, Altiva Pilatti; WESTPHALEN, Cecília Maria; GRAF, Marcia Elisa de CAMPOS. História social do Brasil. Teoria e metodologia. Curitiba: Editora da UFPR, 1984.
- DICIONÁRIO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DOS CAMPOS GERAIS. In: <<http://www2.uepg.br/dicion>>. Acesso em 10/03/2019.
- ERICHSEN PEREIRA, J. E. Uma História de Caminhos. Estudo sobre a formação e influência do Paraná no sul do Brasil. Curitiba: O Formigueiro, 1962. MAACK, R. Notas preliminares sobre clima, solos e vegetação do Estado do Paraná. Curitiba, Arquivos de Biologia e Tecnologia, v.II, p.102-200, 1948. MACHADO, Brasil Pinheiro. Expansão da sociedade campeira. In: EL-KHATIB, Faissal (Org.). História do Paraná. Curitiba: Grafipar, 1969, v. 1.
- \_\_\_\_\_. Esboço de uma sinopse da história regional do Paraná. História: Questões & Debates. Curitiba, APAH, ano 8, n. 4, 1987.
- OLIVEIRA, Mariani Bandeira Cruz. Patrimônio, fortuna e escravidão. Campos Gerais do Paraná, 1820-1844. Saarbrücken, Alemanha: Novas Edições Acadêmicas, 2016.
- PETUBA, Rosângela Maria Silva. Na trama dos trilhos: Cidade, Ferrovia e Trabalho. Ponta Grossa – PR (1955 – 1997). Tese (Doutorado em História). Florianópolis, UFSC, 2011.
- PINTO, Elisabete Alves; GONÇALVES, Maria Aparecida Cezar. Ponta Grossa – Um século de vida (1823-1923). Ponta Grossa: Kluger Artes Gráficas, 1983.
- RAIHER, Augusta Pelinski (Org.). As universidades estaduais e o desenvolvimento regional do Paraná. Ponta Grossa: Ed. UEPG, 2017.
- SAINT-HILAIRE, Auguste de. Viagem à Comarca de Curitiba em 1820. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, 1995.
- SILVA, Edson A. Energia elétrica e desenvolvimento industrial em Ponta Grossa. 1904 – 1973. Curitiba: UFPR (Dissertação de Mestrado em História), 1993.
- TRINDADE, Etelvina Maria de Castro; ANDREAZZA, Maria Luiza. Cultura e educação no Paraná. Curitiba: SEED, 2001.
- WALDMANN, Isolde Maria. Um pouco sobre a história de Ponta Grossa. In: <http://www.eventospg.com.br/eventos/histpg.htm>. Acesso em: 11/4/2019.

## 1.5 Breve Histórico da IES

A Universidade Estadual de Ponta Grossa, localizada na região centro-sul do Estado do Paraná, foi criada pelo Governo do Estado do Paraná, através da Lei no 6.034, de 06/11/1969, publicada em 10/11/1969, e do Decreto no 18.111, de 28/01/1970.

Trata-se de uma das mais importantes instituições de Ensino Superior do Paraná, resultante da incorporação das Faculdades Estaduais já existentes e que funcionavam isoladamente. Eram elas: a Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras de Ponta Grossa, criada pelo Decreto Estadual no 8.837, de 08/11/1949, e reconhecida pelo Decreto Federal no 32.242, de 10/02/1953; a Faculdade Estadual de Farmácia e Odontologia de Ponta Grossa, criada pela Lei no 921, de 16/11/1952, e reconhecida pelo Decreto Federal no 40.445, de 30/11/1956, posteriormente desmembrada em Faculdade Estadual de Farmácia e Bioquímica de Ponta Grossa e Faculdade Estadual de Odontologia de Ponta Grossa, através da Lei no 5.261, de 13/01/1966; a Faculdade Estadual de Direito de Ponta Grossa, criada pela Lei no 2.179, de 04/08/1954, e reconhecida pelo Decreto Federal no 50.355, de 18/03/1961; e a Faculdade Estadual de Ciências Econômicas e Administração de Ponta Grossa, criada pela Lei no 03/66, de 12/01/1966, e reconhecida pelo Decreto



Federal no 69.697, de 03/12/1971. A personalidade jurídica de cada uma dessas unidades isoladas foi extinta no ato da criação da Universidade sob o regime da Fundação de Direito Público, reconhecida pelo Governo Federal através do Decreto no 73.269, de 07/12/1973 que, simultaneamente, aprovou seu Estatuto, Regimento Geral e Plano de Reestruturação.

O início das atividades da UEPG foi assinalado pela posse do professor Álvaro Augusto Cunha Rocha, no cargo de Reitor, e do professor Odeni Villaca Mongruel, no cargo de Vice-Reitor, ambos nomeados pelo Governador na época, Dr. Paulo Cruz Pimentel, conforme Decreto nº 20.056, de 06/05/1970. A segunda gestão teve início em 1974, quando foram nomeados para o cargo de Reitor o professor Odeni Villaca Mongruel e, para o cargo de Vice-Reitor, o professor Daniel Albach Tavares. A terceira gestão iniciou no dia 28 de março de 1979, com a nomeação do professor Daniel Albach Tavares para o cargo de Reitor e do professor Waldir Silva Capote para o cargo de Vice-Reitor. Pelo Decreto nº 226, de 29/03/1983, o Governador José Richa nomeou o professor Ewaldo Podolan para o cargo de Reitor e o professor João Lubczyk para o cargo de Vice-Reitor, dando início à quarta gestão administrativa da Instituição. Os dirigentes da quinta gestão foram os professores João Lubczyk e Lauro Fanchin, respectivamente Reitor e Vice-Reitor da Instituição, nomeados pelo Decreto nº 106, de 19/03/1987. A sexta gestão, constituída dos professores João Carlos Gomes para o cargo de Reitor e Roberto Frederico Merhy para o cargo de Vice-Reitor, foi oficializada por ato do Governador Álvaro Dias, que os nomeou através do Decreto nº 7.691, de 06/03/1991. O professor Roberto Frederico Merhy e a professora Leide Mara Schmidt, que assumiram a Reitoria e a Vice-Reitoria da Instituição, dando início à sétima gestão, foram nomeados para os respectivos cargos pelo Decreto nº 3.828, de 22/07/1994.

Ao fim dessa gestão, ouvida a comunidade universitária, os referidos professores foram reconduzidos aos seus cargos, instituindo o primeiro caso de reeleição da Instituição – reeleição esta que foi confirmada pelo Decreto nº 4.725, de 31/08/1998, sancionado pelo Governador Jaime Lerner. Em 22 de agosto de 2002, nomeados pelo Decreto nº 6.181/2002 do Governador Jaime Lerner, assumiram a Reitoria os professores Paulo Roberto Godoy e Ítalo Sergio Grande, respectivamente Reitor e Vice-Reitor da UEPG, eleitos em pleito democrático do qual participaram docentes, discentes e funcionários da UEPG. Em 11 de julho de 2006, nomeados pelo Decreto nº 6.885 pelo Governador Roberto Requião, assumiram a Reitoria os professores João Carlos Gomes, Reitor, e Carlos Luciano Sant'Ana Vargas, Vice-Reitor, escolhidos por meio de consulta à comunidade universitária. A décima primeira gestão na história da Universidade, também escolhida mediante consulta à comunidade universitária, figura como o segundo caso de reeleição, constituída pelos professores João Carlos Gomes, Reitor, e Carlos Luciano Sant'Ana Vargas, Vice-Reitor, nomeados pelo Decreto nº 7.265, de 01/06/2010, do Governador Orlando Pessuti.

Em meados de 2013, o então Governador do Estado, Carlos Alberto Richa, efetua convite ao Reitor da Universidade Estadual de Ponta Grossa, professor João Carlos Gomes, para assumir a pasta da Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior. Pelos Decretos nº 8776, de 21 de agosto de 2013 e Decreto nº 12, de 1º de janeiro de 2015, do Governador Carlos Alberto Richa, o professor João Carlos Gomes é nomeado Secretário de Estado da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, onde permaneceu até 6 de abril de 2018. Em conformidade com o Estatuto e Regimento Geral da Universidade Estadual de Ponta Grossa, em sessão solene e pública do Conselho Universitário, no dia 12 de setembro de 2013, o professor Carlos Luciano Sant'Ana Vargas, é empossado Reitor da Universidade Estadual de Ponta Grossa, nomeado pelo Decreto nº 8775, de 21 de agosto de 2013, em cumprimento ao término de mandato, até 31 de agosto de 2014. Em 1º de setembro de 2014, após consulta à comunidade universitária, inicia-se a décima segunda gestão na condução dos caminhos da Instituição. Nomeados pelo Decreto nº 11.491, de 2 de julho de 2014, do Governador Carlos Alberto Richa, respectivamente aos cargos de Reitor e Vice-Reitor, da Universidade Estadual de Ponta Grossa, os professores Carlos Luciano Sant'Ana Vargas e Gisele Alves de Sá Quimelli. Em 1º de setembro de 2018, o



reitor Miguel Sanches Neto e o vice-reitor Everson Augusto Krum assumem a reitoria da UEPG para próximos quatro anos (1º de setembro de 2018 a 31 de agosto de 2022).

Quanto as suas áreas de atuação, a vocação agropecuária dos Campos Gerais deixa clara também a importância da UEPG como formadora de profissionais qualificados nos cursos de Graduação e Programas de Pós-Graduação em Agronomia, Ciência e Tecnologia de Alimentos, Bioenergia, Zootecnia e Computação Aplicada, os quais têm como grande foco o desenvolvimento científico e tecnológico da agricultura, por meio da realização de estudos voltados para a produção de alimentos e energia com o auxílio da computação, visando maior precisão e sustentabilidade da agricultura. Como consequência, novos conhecimentos têm sido gerados e repassados para a comunidade científica e aos agricultores, contribuindo com métodos e técnicas inovadoras de manejo de solo, culturas e insumos agrícolas para propiciar uma agricultura mais sustentável.

Na área da saúde, Ponta Grossa é a cidade-polo da mesorregião centro-oriental do estado do Paraná. A UEPG, desde antes da sua criação, ainda como faculdades isoladas, já tinha tradição na área de saúde, com os cursos de Farmácia, Educação Física e Odontologia. A vocação da UEPG na área de saúde e biológicas é demonstrada pela formação de recursos humanos de excelência nos cursos de graduação em Farmácia, Enfermagem, Odontologia, Biologia e, recentemente, em Medicina. Nesse sentido, essas áreas têm diversas atividades de ensino e pesquisa, por meio dos cursos de Mestrado e Doutorado em Ciências Farmacêuticas e de Mestrado e Doutorado em Odontologia. Além disso, com uma interface bastante estreita com a área da saúde, está o curso de Mestrado em Ciências da Saúde. Dessa forma, considerando a importância da cidade no contexto da saúde regional, as carências e necessidades da população em termos de saúde, justificadas pelos baixos valores de IDH de algumas cidades atendidas, os cursos de Pós-Graduação citados têm uma importância ainda maior, a de formar pesquisadores e profissionais de elevado nível para contribuir com o desenvolvimento regional. Além da projeção regional, a área de saúde da UEPG tem se destacado pela atração de pós-graduandos de vários países da América Latina.

Na área de humanas, a UEPG conta com os cursos de graduação em História, Estudos da Linguagem, Artes, Música, Pedagogia, e com cursos de Pós-Graduação em História - Mestrado, Estudos da Linguagem - Mestrado e Doutorado, Educação - Mestrado e Doutorado. A formação de professores para atuação na Educação Básica, desde 1950, atende as áreas de Matemática, Química, Física, Biologia, Geografia, História, Letras, Pedagogia, Artes Visuais, Música e Educação Física. Os cursos de Licenciatura da UEPG vêm desenvolvendo um trabalho coletivo reconhecido nacionalmente pelo caráter inovador das ações da Comissão Permanente das Licenciaturas – COPELIC e dos Programas voltados à formação docente (PIBID, PRODOCÊNCIA). Projetos e atividades extensionistas voltados à melhoria do Ensino Básico e a formação inicial e continuada de professores são desenvolvidos pelos professores da Instituição.

Soma-se a isso a parceria da UEPG com a Secretaria de Estado da Educação do Paraná – SEED no desenvolvimento do Programa de Desenvolvimento Educacional – PDE para qualificação de professores atuantes nas escolas públicas paranaenses. A atuação dos Programas de Pós-Graduação em Educação - com Mestrado e Doutorado, Educação Inclusiva, História, Geografia, Estudos da Linguagem, Física e Matemática na formação de pesquisadores e docentes para atuação na Educação Básica e Educação Superior se caracteriza como um polo de fomento e irradiação de pesquisas e inovações na área educacional.

As áreas de Ciências Jurídicas e de Ciências Sociais e Aplicadas defendem a perspectiva da interdisciplinaridade na construção do saber científico, dada a própria complexidade dos fenômenos da vida social. A atuação dos Programas de Pós-Graduação em Ciências Sociais Aplicadas - com Mestrado e Doutorado, Direito, Economia e Jornalismo numa das áreas de menor IDH do Estado do Paraná, demanda à UEPG a realização de estudos e pesquisas que contribuam para a compreensão desta realidade, com o objetivo



de subsidiar intervenções possíveis que conduzam à elevação dos padrões de justiça e inclusão sociais.

A UEPG conta no total de suas Pós-Graduações com 27 cursos de Mestrado e 10 de Doutorado. A UEPG também se dedica, desde 1985, à política de fundação de campi avançados, hoje reproduzida pelas demais componentes do sistema estadual, que chegou a contar com cinco conjuntos universitários fora da sede. Nas instalações fora da sede, em face da demanda limitada, têm sido ofertados cursos diversos de forma rotativa, de maneira a não saturar o mercado de trabalho local e regional.

Outro aspecto da inserção da UEPG, que remete ao contexto estadual e nacional, se dá através da Educação a Distância, iniciado com o Curso Normal Superior com Mídias Interativas integrante do Programa Estadual de Formação de Professores das Séries Iniciais do Ensino Fundamental. A oferta em EaD na instituição, ocorre para 10 cursos de Graduação e 12 de Especialização.

## 2. DADOS SOBRE O CURSO

### 2.1 Nome do Curso: Bacharelado em História

### 2.2 Habilitação/Grau:

Bacharelado       Licenciatura       Tecnólogo

### 2.3 Modalidade de Ensino:

Presencial       Educação a Distância

### 2.4 Local de funcionamento do Curso: Campus de Uvaranas

### 2.5 Turno de Funcionamento:

Matutino       Vespertino  
 Integral       Noturno

### 2.6 Carga Horária do Curso:

	<b>Carga Horária</b>
<b>Formação Básica Geral</b>	1666
<b>Formação Específica Profissional</b>	714
<b>Diversificação ou Aprofundamento</b>	187
<b>Estágio Curricular Supervisionado</b>	102
<b>Prática enquanto componente curricular</b>	—
<b>Atividades Complementares</b>	200
<b>Extensão como componente curricular *</b>	289*
<b>Carga Horária Total do Curso</b>	2.869

\* 10% do total da CH do curso. Descontar na informação total dos grupos anteriores 289 horas de Extensão como componente curricular inclusas nas disciplinas; sendo 136h em disciplinas de Formação Básica Geral e 153h em disciplinas de Formação Específica Profissional.

### 2.7 Tempo de duração do Curso: 4 anos.

**Mínimo:** 4 anos      **Máximo:** 6 anos.

### 2.8 Ano da Primeira Oferta: 2020 (Adequação Curricular a partir de 2023)

### 2.9 Atos Legais:

• Criação: Decreto nº 28.169 de 01/06/1950;



# Universidade Estadual de Ponta Grossa

ANEXO DA RESOLUÇÃO CEPE Nº 2023.16

FL. 13 DE 72

- Currículo aprovado pela Resolução Universitária nº 03, de 05/12/2001;
- Reconhecido pelo Decreto nº 6.862, de 30.06.06, D.O.E. nº 21 7.258 de 30.06.06;
- Renovação de Reconhecimento Decreto Est. nº 3.140, de 28.10.11, D.O.E. no 8.579 de 28.10.11;
- Renovação do reconhecimento: Decreto nº 8.430, de 25/06/2013;
- Renovação de reconhecimento: Decreto nº 6101, de 31 de janeiro de 2017, expedido pelo governador com base no Parecer CEE/CES nº 145/16 do Conselho Estadual de Educação do Paraná.
- Reconhecimento Renovado pela Portaria nº 053/2020 - SETI, de 07/04/2020, Publicado no Diário Oficial do Estado do Paraná nº 10666, de 13/04/2020

## 2.9.1 Local de Funcionamento e vínculo administrativo do Curso

- Campus universitário: Campus Uvaranas – Av. Gal. Carlos Cavalcanti, 4748. CEP: 84030-900 – Ponta Grossa - PR
- Setor: Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes
- Departamento: História
- Contato: (42)3220-3317/(42)3220-3794. [bachareladohistoriauepg@gmail.com](mailto:bachareladohistoriauepg@gmail.com)

## 2.10 Número de Vagas Ofertadas:

Total:	40
--------	----

## 2.11 Conceitos do Curso:

ENADE	2017	3
IDD	2017	4

## 2.12 Percentual candidato/vaga Vestibular e Processo Seletivo Seriado (PSS)

ANO	TURNO	VAGAS	Nº DE INSCRIÇÕES			RELAÇÃO CANDIDATO/VAGA		
			Inverno	Verão	PSS	Inverno	Verão	PSS
2014	V	40	56	47	18	3,73	3,13	1,8
2015	V	40	39	31	23	2,44	2,21	2,3
2016	V	40	45	48	18	2,81	2,71	1,8

## 2.13 Dados sobre o Coordenador do Curso

Nome do coordenador do curso: José Roberto de Vasconcelos Galdino	
Titulação: Mestrado	
Portaria de designação: Portaria R. 2021.190 (26/03/2021 a 25/03/2023)	
Formação Acadêmica:	
Graduação	Licenciatura e Bacharelado em História, UFPR, 1984
Pós-Graduação	História Cultural, UFSC, 2022
Carga Horária semanal dedicada à coordenação do curso	20h
Regime de trabalho do coordenador do curso	TIDE
Tempo de exercício na IES	31 anos
Tempo na função de coordenador do curso	1 ano



## 2.14 Dados sobre o Colegiado de Curso

Membros componentes do Colegiado	Titulação	Regime de trabalho	Ato oficial de nomeação
Christiane Marques Szesz	Doutorado	TIDE	Portaria Setorial N. 48/2021 vigência de 25/08/2021 a 24/04/2023
Elizabeth Johansen	Doutorado	TIDE	
Maura Regina Petruski	Doutorado	TIDE	
Roberto Edgar Lamb	Doutorado	TIDE	
Georgiane Garabely Heil Vasquez	Doutorado	TIDE	
José Roberto de Vasconcelos Galdino	Mestrado	TIDE	

## 2.15 Dados sobre o Núcleo Docente Estruturante – NDE

Docentes componentes do NDE	Titulação	Regime de trabalho	Tempo de exercício no NDE
Christiane Marques Szesz	Doutorado	TIDE	Portaria Setorial N. 65/2019 28/10/2019 a 27/10/2023
Georgiane Garabely Heil Vasques	Doutorado	TIDE	28/10/2019 a 27/10/2023
Elizabeth Johansen	Doutorado	TIDE	28/10/2021 a 27/10/2023
Maura Petruski	Doutorado	TIDE	28/10/2021 a 27/10/2023
José Roberto de Vasconcelos Galdino	Mestrado	TIDE	28/10/2021 a 27/10/2023

## 2.16 Dados sobre Discentes Ingressantes e Formados

Ingresso (Quantitativo de alunos ingressantes efetivamente matriculados)		Formação (Quantitativo de alunos efetivamente formados)			
Ano de Ingresso	Nº de vagas ofertadas	Nº de alunos ingressantes	Ano de formação	Nº de alunos concluintes	Relação formados/ingressantes (porcentagem nos últimos 5 anos)
2012	40	30	2015	6	20,00
2013	40	36	2016	10	27,78
2014	40	32	2017	11	34,38
2015	40	35	2018	05	14,29
2016	40	34	2019	12	35,29
2017	40	28	2020	-	-
2018	0	0	2021	07	-

## 3. PRINCÍPIOS NORTEADORES DO PROJETO PEDAGÓGICO

### 3.1 Apresentação do Curso

A Matriz curricular atual do curso (Currículo 3), aprovada e iniciada em 2020 segue as Diretrizes Curriculares do curso de Bacharelado, conforme a Resolução CNE/CES 13, de 13.03.2002. O sentido de um curso de Bacharelado em História está intrinsecamente vinculado à formação de profissionais ligados à produção do conhecimento histórico e ao



conjunto de atividades inerentes aos trabalhos com a memória, à preservação do patrimônio, aos cuidados na busca, conservação e guarda de documentos. As origens do Curso de Bacharelado em História na UEPG, em 2001, respondem a essas demandas oriundas do próprio processo de desenvolvimento curricular do Curso de Licenciatura em História. Ao longo dos quase 70 anos de existência do Curso de Licenciatura em História, na UEPG, foram elaborados 9 diferentes currículos, todos voltados para a formação de professores. O curso de Bacharelado em História surge, assim, como um desdobramento das modificações curriculares da Licenciatura e de novas demandas, mais específicas, de formação de profissionais vocacionados à pesquisa e produção do conhecimento histórico, sem descurar das questões relativas à circulação e difusão social do conhecimento histórico. Sua modalidade sempre foi presencial, ofertada no turno vespertino.

Sobre os desdobramentos que levaram à sua criação, aponta a Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ângela Ferreira, coordenadora da elaboração do Plano Pedagógico da Licenciatura (nº9) que, entre 1999 e 2000, foi intenso o trabalho de avaliação do curso e discussão de propostas para uma ampla reformulação curricular da Licenciatura em História. Tal discussão foi acalorada e “assentada na percepção de que sua configuração não atendia mais as expectativas da maioria dos docentes e discentes”. Segundo ela: Com esse escopo, ainda em 2000, foi enviada ao CEPE (Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão) uma primeira proposta de reforma do currículo, que não foi aprovada. Em 2001, reunindo as críticas ao projeto anterior, foi encaminhada uma nova proposta ao CEPE, que também malogrou. Embora já houvesse a publicação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a graduação em História, a Câmara de Graduação argumentou que não haviam novas diretrizes para os cursos de Licenciatura em História. A alternativa encontrada pelo Departamento foi converter a proposta de reformulação da Licenciatura em uma proposta de criação do Bacharelado em História, aprovado em 2001 e iniciado em 2002, com o objetivo de tornar real um currículo que, mais que a expressão das expectativas dos proponentes, era uma forma de começar a sair do currículo antigo, que era considerado superado havia muito tempo (PROJETO PEDAGÓGICO DA LICENCIATURA EM HISTÓRIA, 2018, p. 22).

Em 2006 elabora-se um novo Projeto Pedagógico do Bacharelado em História e inicia-se um novo currículo em 2007. A reformulação se deu a partir da experiência de conclusão de sua primeira turma, em 2005. Dentro do espírito das Diretrizes Curriculares de História, o currículo iniciado em 2007 buscou conduzir a uma formação do historiador construída de modo a superar a dicotomia entre teoria e prática, pesquisa e ensino, produção do conhecimento e docência.

As disciplinas do curso se articularam em dois grandes eixos norteadores, um de Conteúdo Histórico e outro Teórico-Methodológico, voltados, respectivamente, para a formação geral histórico-historiográfica e para a capacitação teórico-metodológica do Bacharel em História.

Os avanços na caracterização do novo currículo, mais voltado para a formação de bacharéis/pesquisadores, foram inegáveis. A introdução de disciplinas como Fundos Históricos, Produção do Conhecimento Histórico, Métodos e Técnicas de Pesquisa Histórica I e II e Arquivos, Museus e Patrimônio Histórico I e II, para citar algumas mais significativas, contribuíram para um melhor delineamento da identidade do novo Projeto Pedagógico.

Porém, este currículo, quando de sua aprovação, não conseguiu efetivar uma articulação dos eixos com atividades de campo de pesquisa, vinculada a instituições, espaços e lugares de memória. Tal lacuna, por conseguinte, poderia ser superada com o fortalecimento dos componentes curriculares da área de Formação Específica Profissional, especialmente com a introdução da disciplina de Estágio Supervisionado em História, prevista no novo currículo que ora se apresenta.

Os princípios norteadores propostos para o desenho do novo Projeto Pedagógico, o terceiro no histórico do curso, foram pensados e discutidos pela Comissão Departamental de Reformulação do Currículo do Bacharelado em História, em inúmeras reuniões ao longo do segundo semestre de 2018. A comissão, instituída pelo Departamento de História com a





precípua finalidade de propor um novo Projeto e um novo currículo, pautou-se, inicialmente, no documento da Associação Nacional de História (ANPUH), de 2011, que preconiza uma formação específica para o bacharel, concebido como profissional que atua em todas as etapas do circuito de produção e circulação do conhecimento histórico. Nele, valoriza-se a integração entre bacharelado e pós-graduação e se reconhece a importância dos antigos espaços institucionais de memória, assim como dos novos surgidos nas últimas décadas. O documento sobre o bacharelado, da ANPUH, atesta ainda sobre as disciplinas específicas destinadas ao trato com museus, patrimônio histórico, arquivos, dentre outras voltadas para os diversos espaços de memória. A ANPUH preconiza a realização de estágio como elemento obrigatório e imprescindível para o funcionamento do bacharelado.

Um princípio norteador foi estabelecido pela Comissão Departamental de Reformulação para a criação do novo currículo: o curso de Bacharelado em História é um curso específico voltado, fundamentalmente, para a formação de pesquisadores em História. A identidade própria de um curso de bacharelado em História está diretamente relacionada com uma matriz curricular assentada na articulação entre os desenvolvimentos teóricos e as práticas de pesquisa em história num processo de formação contínua do discente. Para tanto foram criadas, no Eixo Formação Específica Profissional, as disciplinas Pesquisa em História, de I a VI. Elas, num grau de complexidade crescente, atravessam todo o curso, do primeiro ao sexto semestre, e buscam preparar o profissional para desenvolver conhecimentos específicos teóricos, metodológicos e técnicos necessários ao seu exercício profissional. Complementando o eixo de formação específica profissional, as disciplinas Arquivo I e II (esta terá caráter extensionista); Patrimônio I e II; Museus e Espaços de Memória I e II (esta terá caráter extensionista). As atividades extensionistas serão realizadas através de quatro disciplinas extensionistas de 68h cada uma mais 17h de ações extensionistas na disciplina de História do Paraná ou História dos Povos Indígenas ou História da África e da Cultura africana e Afro-brasileira, totalizando 289h de atividades extensionistas (cerca de 10% do total do curso).

Ao preconizar a obrigatoriedade de Estágio Supervisionado, o novo currículo busca valorizar não apenas o aprendizado prático do discente no campo da pesquisa histórica, mas também encaminha o graduando para novas possibilidades de inserção no mercado de trabalho a partir de suas habilidades e competências. Com essas disciplinas e com o estágio objetiva-se: a valorização das interfaces dos cursos de Bacharelado e Licenciatura em História; o reconhecimento dos acervos, arquivos e museus e demais espaços de memória da cidade e região como locais de aprendizagem; a valorização da produção/construção de conhecimento histórico a partir da realidade local e regional.

Para além do exercício profissional, nos campos elencados acima, vale lembrar que nos últimos anos a importância da pesquisa em História ampliou-se nos diversos programas de pós-graduação, como atesta o próprio crescimento exponencial dos programas de pós-graduação na UEPG, envolvendo a criação de dois mestrados em História, um acadêmico (2012) e um profissional (2016), além do pioneiro mestrado acadêmico em Ciências Sociais Aplicadas (2000), complementado posteriormente pela inclusão do doutorado (2013). Todos esses programas também absorvem os egressos dos cursos de História. E, além desse envolvimento com os programas de pós-graduação em História e em Ciências Sociais Aplicadas da UEPG, o bacharel em história pode ainda optar por outros programas de pós-graduação em áreas conexas existentes na instituição, como Geografia, por exemplo, que possui uma linha de pesquisa voltada para análises socioeconômicas e dinâmicas regionais e urbanas.

Cabe ressaltar, por fim, que a existência e manutenção do curso de Bacharelado em História colabora fortemente para o cumprimento de um papel fundamental da própria Universidade, tal como proposto no Projeto Pedagógico Institucional da UEPG. É inegável que a Universidade tem como missão contribuir para o desenvolvimento social, econômico, e cultural, articulando o tripé ensino, pesquisa e extensão. Nesse sentido, o curso de Bacharelado em História, em seu novo formato curricular, ao atuar para a formação de



profissionais ligados à produção do conhecimento histórico, articulando pesquisa, desenvolvimentos teóricos e atuação prática, fortalece e colabora decisivamente para que essa missão se efetive. O novo PPC e currículo do Curso de Bacharelado em História articula atuações no campo do ensino, da pesquisa e da extensão. Preconiza-se então que: 1) não há ensino de História sem pesquisa histórica, sem produção do conhecimento histórico; 2) não há sentido na pesquisa sem que se efetive sua articulação com instâncias de produção e circulação do conhecimento que atinjam a sociedade através da extensão. O novo currículo ressignifica a Proposta Pedagógica do Curso de Bacharelado e, ao trabalhar para a formação de profissionais qualificados que atuarão nos espaços de memória e de produção e circulação do conhecimento histórico, contribui, portanto, para que a própria universidade atinja sua missão de promover o direito à memória, direito social e cultural e disseminação do conhecimento crítico que funda as bases de uma sociedade democrática.

### 3.2 Justificativa

A História como campo de produção de conhecimento e de formação de profissionais se fez presente no meio universitário brasileiro desde a instalação das primeiras instituições nas décadas iniciais do século XX. Sua inserção no meio acadêmico deve-se a razões poderosamente articuladas: a produção de conhecimento sistemático e rigoroso sobre as transformações da sociedade no tempo; a atuação para a constituição e preservação de acervos documentais e de patrimônios; a formação de profissionais capacitados ao exercício da produção desse conhecimento (domínio de procedimentos metodológicos do fazer historiográfico e capacidade de reflexão sobre os mesmos) e a formação de professores para o exercício do ensino de História na escola básica. Além disso, o curso de bacharelado em História se justifica pela necessidade de formação de pesquisadores preparados para o trabalho em arquivos, centros de documentação, museus e demais espaços de memória.

Cabe destacar que a região dos Campos Gerais não possui nenhum curso de Biblioteconomia ou de Museologia. Assim, o bacharel em História é o profissional que possui formação mais próxima para atuar em espaços de memória. O curso de bacharelado em história é único na rede pública superior de ensino dentro das IES do Estado do Paraná e, similar a ele, apenas o curso da UFPR com dupla habilitação (licenciatura e bacharelado). Sabendo dessa peculiaridade, o Departamento de História (DEHIS) aglutinou amplo corpo documental de acervos que possibilitam ao graduando, futuro bacharel em História, trabalhar com documentação primária, manusear documentos, desenvolver processos de higienização e conservação documental, bem como organização geral de arquivos.

Dentre os acervos documentais que estão sobre a guarda do DEHIS - UEPG e que justificam a manutenção do curso de Bacharelado em História temos:

Centro de Documentação e Pesquisa em História/CDPH - Laboratório de Pesquisa em História.

O CDPH-Laboratório tem, como um dos seus objetivos, preservar, organizar e disponibilizar para a comunidade diferentes fundos documentais relativos à região dos Campos Gerais do Paraná. Assim, ao disponibilizar o acervo para pesquisadores em geral (sem restrição nas condições de acesso às suas séries documentais) e garantir a consultas públicas pelos acadêmicos de graduação e pós-graduação, o laboratório contribui para a formação do corpo discente dos cursos de história. Neste último tocante, vale lembrar que a documentação preservada no CDPH já foi utilizada na construção de grande quantidade de trabalhos de conclusão de cursos de graduação e pós-graduação, realizados em diversas IES do Paraná e de outros estados. Reúne conjuntos documentais significativos, dentre os quais destacam-se: o Acervo do Centro Cultural Euclides da Cunha; o Acervo de Documentação Judiciária da Comarca de Ponta Grossa; o Fundo "Jornal da Manhã"; e o Acervo MPB (Sonoro e Bibliográfico) Professor Alceu Schwab.

Algumas características dos fundos sob a custódia do CDPH:



## *Acervo do Centro Cultural Euclides da Cunha*

Fundado em maio de 1948, o Centro Cultural constituiu-se numa sociedade civil, cujo objetivo era cooperar para o desenvolvimento da literatura, das ciências e artes, estimulando o intercâmbio das ideias entre os euclidianos da região dos Campos Gerais com intelectuais do país e das Américas. Essa instituição foi dirigida pelo Prof. Faris A. S. Michaelle até 1977 e pelo Dr. Cliceu Carlos de Macedo até 1985, quando encerrou suas atividades. Os euclidianos pontagrossenses divulgaram seu ideário na imprensa local/regional e, sobretudo, no jornal literário TAPEJARA - editado no período de 1951/1976, pelo Centro Cultural. Este fundo documental – do Centro Cultural Euclides da Cunha - consta de vasto acervo bibliográfico, com mais de 4.000 livros, 1.500 revistas, jornais, além de correspondências com intelectuais do Brasil e do exterior.

## *Biblioteca particular de Faris Antonio Salomão Michaelle*

Faris Michaelle (03/09/1911-21/05/1977) esteve inserido numa rede de relações que envolvia os principais intelectuais da sua época, americanos e europeus. Ponta Grossa deve-lhe a criação de entidades importantes como o Centro Cultural Euclides da Cunha, o Instituto Histórico e Geográfico, o Museu Campos Gerais e as Faculdades de Filosofia, Odontologia, Farmácia e Direito, as quais deram origem à atual Universidade Estadual de Ponta Grossa. Faris Michaelle é considerado cientista, filósofo, antropólogo, etnólogo e ensaísta. Em sua biblioteca estão presentes obra de diversas áreas do conhecimento, editadas não apenas no Brasil: Antropologia, Biologia, Geografia Humana, Filosofia, Fitogeografia, Sociologia, Linguística, Economia, Política e História. Ainda, encontra-se ali mais de 300 volumes da Coleção Brasileira. Juntamente com a biblioteca, o Departamento de História recebeu diversos manuscritos do Dr. Faris, que incluem manuscritos de suas obras, correspondências trocadas com inúmeros intelectuais do período 1945-1970, além de discursos proferidos e outros documentos. Encontram-se também, no CDPH-Laboratório de História, outros acervos documentais pessoais de intelectuais locais, que incluem correspondência, fotografias, bibliotecas pessoais, originais de livros, etc. Esses acervos podem oferecer elementos para investigações sobre a inserção da região em amplas redes de sociabilidade e de informações.

## *Acervo de Documentação Judiciária da Comarca de Ponta Grossa*

A documentação judiciária apresenta como eixo temático o processo de instauração e desenvolvimento dos mecanismos de controle, justiça e polícia na cidade de Ponta Grossa/Paraná. O espaço preserva e disponibiliza aos pesquisadores essa rica documentação composta por documentos oriundos da 1ª. Vara Criminal da Comarca de Ponta Grossa. À disposição dos pesquisadores encontra-se um catálogo geral que foi elaborado de acordo com as normas estabelecidas pela Corregedoria Geral da Justiça. É composto pelas seguintes séries documentais:

Série Documental - Autos Criminais / 1ª Vara Criminal / Comarca de Ponta Grossa - (1884-1980): em torno de 8.500 unidades entre processos, apelações, queixas, inquéritos etc.; livros de registro - somando um total de 111 livros. Livro Atas das Sessões de Júri, Livro para Registro de Termo de Bem Viver, Livro para Registro de Carga e Descarga dos autos, Livro para Protocolo de Correspondência Expedida, Livro para Registro de Termo de Compromissos Legais, Livro para Registro das Remessas de Documentos pelo Correio, etc.

Série Documental: Processos de Ponta Grossa - Juízo da 1ª Vara Cível, Comércio e demais anexos Cartório do 4º Ofício, Autos variados. Somam um total de 2699 documentos (1954 a 1973) divididos em 49 caixas.

Série Documental - Fichas individuais de Processos da Vara Criminal - Comarca de Castro: aproximadamente 500 documentos. São fichas de catalogação individual de autos criminais que transcorreram na Comarca de Castro nos séculos XVIII, XIX e XX. Os documentos originais estão na Casa da Cultura em Castro, distante 30 km de Ponta



Grossa. Série Documental - Livros de Registros Diversos / 13ª Subdivisão Policial de Ponta Grossa: Um total de 248 unidades (1928 - 1985).

Fundo “Jornal da Manhã” - O Jornal da Manhã constitui uma importante publicação da imprensa periódica da região dos Campos Gerais. Surgiu por conta de embates políticos regionais e consolidou-se como uma publicação de tendência conservadora. A coleção do Jornal da Manhã compreende o período de 1954 a 2007.

Fundo Professor Alceu Schwab (acervo de MPB – sonoro e bibliográfico): Alceu Schwab (1924-2004), docente da Universidade Federal do Paraná/UFPR por mais de 35 anos, atuou na mesma instituição como diretor do Departamento de Cultura e Coordenador de órgãos suplementares da Reitoria. Foi um dos fundadores e diretores da Associação de Pesquisadores da MPB. Seu acervo, no qual se evidencia seu amplo interesse pelas questões da música popular brasileira, era constantemente referenciado por críticos e jornalistas que destacavam a multiplicidade, a diversidade e a raridade das peças documentais (fonogramas, bibliografia, recortes de jornais, cartazes, correspondência, etc.). Esse conjunto documental foi doado, em dezembro de 2005, ao Departamento de História da Universidade Estadual de Ponta Grossa. Atualmente, encontra-se no CDPH-Laboratório de Pesquisa em História. Está higienizado e em fase de organização segundo os princípios da NOBRADE – Norma Brasileira de Descrição Arquivística. O arranjo da documentação considera-o a partir de cinco séries, de acordo com as características dos suportes documentais:

- Série Documental Discos de Vinil – reúne aproximadamente 3.800 discos/Long-plays, no suporte Vinil e Papel (Capas e Encartes), com ênfase para a Música Popular Brasileira.

- Série Documental Compact Discs - São aproximadamente 800 CDs, nos quais se ressalta a produção musical brasileira, incluindo reedições de gravações das décadas de 1920 e 1930.

- Série Documental Livros - bibliografia variada e farta sobre música, folclore, biografias, publicações de referência sobre MPB, song-books, e outros temas; total parcial: 1.200.

- Série “Documentos Pessoais” – documentos como certificados, currículos, documentos de identificação, anotações de terceiros (enfermeiros), etc.

- Série Documentos Avulsos – recortes/artigos de jornais e revistas, roteiros de programa de rádio, manuscritos, correspondências, charges, cartazes e gravuras sobre música popular.

O Departamento de História recebeu também a doação dos equipamentos (aparelhos de som para audição e gravação) utilizados pelo professor Alceu Schwab, bem como dos móveis nos quais estavam dispostos originalmente os fonogramas e livros.

As instalações do CDPH estão distribuídas em espaço físico de 3 salas, totalizando 200,5 m<sup>2</sup>:

- Sala 1 – Sala de Pesquisa (destinada aos pesquisadores e igualmente constituindo-se como sala de atividade técnica/ trabalhos da equipe local). Esta sala possui estrutura informatizada. Dimensão aproximada: 35m<sup>2</sup>.

- Sala 2 – Reserva Técnica: congrega diversos fundos, dentre os quais: Acervo do Centro Cultural Euclides da Cunha; Biblioteca particular de Faris Antonio S. Michaele; Fundo Professor Alceu Schwab. Área física ocupada: 89,86m<sup>2</sup>.

- Sala 3 – Reserva Técnica: Fundo referente à Documentação Judiciária; Fundo “Jornal da Manhã”. Área física ocupada: 75,64m<sup>2</sup>.

As salas de Reserva Técnica são climatizadas, mantidas também sob controle de luminosidade e protegidas contra incêndio.

Situação Atual (acesso, organização e catalogação, instrumentos de pesquisa)

A Documentação do CDPH mantém-se em contínuo processo de preparo de instrumentos destinados à pesquisa; dentre os objetivos do plano de ação estão a digitalização dos corpus documentais, a contínua atualização dos bancos de dados, com



sua inserção e disponibilização em mídia eletrônica/virtual. A elaboração de instrumentos de pesquisa tem se pautado pela NOBRADE, portanto objetiva-se adequar tais instrumentos aos princípios normativos estabelecidos na Norma Brasileira de Descrição Arquivística. Encontra-se nesta sede desde julho de 2009.

O CDPH também recebeu em doação o Acervo Brasil Pinheiro Machado. Doador pela família de Brasil Pinheiro Machado, contém aproximadamente 40 cadernos manuscritos com anotações de pesquisa; comentários de livros lidos e textos não publicados; revistas; jornais, etc. O acervo expressa a construção das reflexões de Pinheiro Machado, que foi um dos fundadores da Faculdade de Filosofia da UFPR, onde foi professor por toda sua vida acadêmica, contribuindo significativamente para a formação de gerações de historiadores. Tendo em vista sua dedicação à pesquisa da história do Paraná, com especial atenção para a região dos Campos Gerais, é de interesse para pesquisadores nessa área. Foi também ativo político nas décadas de 1930 a 1950.

Em 2018, o Departamento de História da UEPG recebeu uma doação do Instituto de Filosofia e Teologia Mater Eclésia (IFTME) que consiste em um número considerável de revistas (em especial a Revista Eclesiástica Brasileira, com exemplares desde a década de 1940), obras catequéticas, Mariologia, Teologia, Filosofia da Religião, História religiosa, família e outras temáticas que constituem um arcabouço documental de grande valia para os estudantes e pesquisadores da área.

Neste ponto, é importante lembrar que o departamento de História da UEPG possui dois (2) Programas de Pós-Graduação, sendo eles: Mestrado em História (área de concentração em História, Cultura e Identidades) e Mestrado Profissional em Ensino de História (PROFHISTÓRIA - UEPG). Tais espaços de pesquisas e produção do conhecimento histórico justificam a manutenção do curso de Bacharelado que visa, em sua essência, a formação do pesquisador em História e, em articulação com acervos e espaços de memórias, possibilita uma formação privilegiada ao bacharel em História formado pela UEPG. Tais justificativas favorecem a construção do conhecimento histórico por profissionais formados por essa instituição, valorizam a possibilidade de produção da História Local e Regional (tendo em vista o amplo número de documentos primários armazenados pelo DEHIS) e fornece capacitação para acadêmicos egressos continuarem seus estudos na Pós-Graduação em instituições nacionais e estrangeiras

### 3.3 Objetivos

1. Formar profissionais para atuar na pesquisa histórica;
2. Formar profissionais com capacidade crítica para interpretar a realidade em seus aspectos sincrônicos e diacrônicos;
3. Formar profissionais para atuar como historiadores em arquivos, museus e demais espaços de memória;
4. Formar profissionais capacitados para o assessoramento, a implantação e a direção de serviços de avaliação, seleção, preservação de documentação e de informação histórica.
5. Formar profissionais capazes de produzir materiais para a promoção/divulgação dos conhecimentos históricos;
6. Formar profissionais aptos ao trato e manuseio dos diversos arquivos, fundos e fontes documentais;
7. Formar profissionais para atuação no ensino superior;
8. Formar professores para atuação no ensino fundamental e médio das redes públicas e privadas de ensino, com a devida complementação exigida pela legislação em vigor destinada ao exercício docente.

### 3.4 Perfil Profissional do Egresso

Para ser um Bacharel em História, o egresso deve, segundo o Conselho Nacional de Educação (CNE), estar capacitado ao exercício do trabalho de Historiador, em todas as



suas dimensões, o que supõe pleno domínio da natureza do conhecimento histórico e das práticas essenciais de sua produção e difusão, no exercício profissional, ético, político, social, cultural, educacional. Atendidas estas exigências básicas e conforme as possibilidades, necessidades e interesses das instituições de ensino superior (IES), com formação complementar e interdisciplinar, o profissional está em condições de suprir demandas sociais específicas relativas ao seu campo de conhecimento. Nele, englobam-se:

- Dominar os conteúdos da História;
- Reconhecer criticamente as linhas gerais dos processos históricos e as respectivas elaborações historiográficas;
- Produzir projetos de pesquisa e de divulgação do conhecimento histórico;
- Instrumentalizar as metodologias e técnicas de produção da pesquisa histórica;
- Produzir materiais em diversos suportes e tecnologias para divulgação do conhecimento histórico;
- Apreender os diferentes conceitos que auxiliam no entendimento das estruturas e as relações de uma determinada realidade histórica;
- Operacionalizar o tratamento dos diversos arquivos, fundos e fontes documentais;
- Caracterizar os principais formatos de museus e demais espaços de memória, suas formas de organização e funções;
- Promover a interdisciplinaridade, tanto na produção quanto na difusão do conhecimento;
- Atuar para a valorização da diversidade da formação étnicorracial e de gênero do Brasil;
- Contribuir para o fortalecimento de práticas e políticas de preservação e valorização do patrimônio natural/ambiental e material/imaterial como partes constitutivas das identidades.

Além disso, o egresso deve posicionar-se como um cidadão ético comprometido com a construção da paz, com a defesa dos direitos humanos, das políticas inclusivas através do debate das ações afirmativas, da justiça social e dos valores democráticos para todos(as). Ainda, deve ser capaz de enfrentar os atuais desafios do mundo contemporâneo, buscando uma sociedade multicultural, a erradicação do racismo, do preconceito, da discriminação, do machismo, com habilidades e competências para conservação e sustentabilidade do meio ambiente.

### 3.5 Campos de Atuação

Os profissionais formados no Bacharelado em História devem estar habilitados para atuar em campos fundamentalmente voltados para a pesquisa histórica, atuando como:

- Gestores documentais em arquivos públicos e privados;
- Técnicos especializados no manejo de coleções de objetos, iconografia e materiais diversos em museus públicos e privados;
- Técnicos especializados na identificação de patrimônio material e imaterial;
- Instrutores de atividades variadas no interior de museus, públicos ou privados e demais espaços de memória;
- Produtores de material bibliográfico na área de História e em áreas conexas (textos, livros, apostilas, vídeos, filmes, jogos, etc.).
- Assessores e consultores no desenvolvimento de vídeos e películas fílmicas – documentários ou ficção;
- Assessores e consultores em instituições, empresas diversas e organizações não-governamentais;
- Pesquisadores de história empresarial;
- Curadores de exposições em espaços públicos e privados;
- Professores do ensino superior;



- Professores do ensino fundamental e médio das redes privadas e públicas de ensino, com a devida complementação exigida pela legislação em vigor destinada ao exercício docente.

### 3.6 Integração Graduação e Pós-Graduação

Atualmente o DEHIS oferta os seguintes cursos:

**Graduação** – O Departamento de História tem vinte (20) professores efetivos e onze (11) colaboradores que trabalham nos dois cursos de Graduação:

- Licenciatura em História – Presencial
- Bacharelado em História - Presencial

**Pós-graduação stricto-sensu** – O Departamento de História conta hoje com dois Programas de Mestrado:

- Mestrado Acadêmico em História – História, Cultura & Identidades
- Mestrado Profissional em Ensino de História.

Esses dois programas contam com quatorze (14) professores efetivos do DEHIS o DEED, além de professores convidados de outras instituições paranaenses (UEL, UNICENTRO-Irati e Guarapuava, UENP-Jacarezinho). Além disso, um professor do DEHIS está inserido no Programa de Pós-Graduação (Mestrado e Doutorado) em Ciências Sociais Aplicadas, onde tem grupo de pesquisa, orienta e ministra disciplinas. Esses cursos são integrados por áreas de pesquisa organizadas em Grupos e/ou Laboratórios de Estudo que agrupam os docentes e os alunos, em torno de temáticas específicas às áreas de interesse. A articulação graduação e pós-graduação acontece em vários níveis. Palestras, aulas inaugurais, Seminários, etc, são ofertadas para todos os cursos, favorecendo o diálogo entre as áreas de pesquisa. Além disso, os acadêmicos da graduação podem participar das atividades desenvolvidas pelo PET-História e pelos Grupos ou Laboratórios de Estudo (reuniões de estudo, palestras, defesas). Fato que fomenta a produção de pesquisa na Iniciação Científica e os TCC. Os grupos e laboratórios de estudo do Dehis, certificados pela CNPQ, são:

- LAGEDIS: Laboratório de Gênero, Diversidade, Infância e Subjetividades;
- LEFOPEH: Laboratório de Estudos sobre Formação de Professores e Ensino de História;
- GEDHI: Grupo de Estudos em Didática da História;
- Grupo pesquisa - História, Cultura e Natureza;
- Grupo pesquisa - Intelectuais, discursos e instituições;
- Grupo pesquisa - Mundos dos trabalhadores: Culturas, Memórias e Identidade de Classe;
- Grupo pesquisa - História, doença e sociedade;
- Grupo pesquisa - História da Historiografia paranaense;
- Grupo pesquisa - Geografia e História: memória social e patrimônio cultural;
- Grupo pesquisa - História das Religiões e Religiosidades.

### 3.7 Mobilidade acadêmica e internacionalização

Há alguns anos o curso teve várias participações em intercâmbios internacionais com a participação de acadêmicos da UEPG, especialmente em universidades portuguesas, no Programa Universidade Sem Fronteiras, do Governo Federal. Infelizmente este programa não teve continuidade. O curso sempre esteve e está aberto para receber acadêmicos estrangeiros e da mobilidade acadêmica das universidades estaduais, mas não tivemos procura nos últimos anos, com exceção de um estudante moçambicano, mas que entrou no curso através de vestibular. Atualmente a UEPG está consultando os cursos sobre a possibilidade de receber acadêmico/as estrangeiros e os cursos de história aprovaram essa solicitação.

### 3.8 Extensão como Componente Curricular



Para atender as exigências da Curricularização da Extensão, com no mínimo 10% de sua carga horária total, o curso de Bacharelado em História totalizará 289h de ações extensionistas. Para a sua efetivação concreta serão trabalhadas atividades extensionistas em várias disciplinas com carga horária total ou parcial.

As duas disciplinas terão sua carga total com ações extensionistas: Arquivos II, com 51h e Museus e Espaços de Memória II com 68h – com um total de 119h. Dez (10) disciplinas terão a utilização de 17h, cada uma, de ações extensionistas – com um total de 170h. Totalizando, assim, as 289h de atividades extensionistas (10%) necessárias para cumprir a carga horária mínima no curso.

As dez disciplinas com carga horária parcial de 17h com atividades e ações extensionistas serão as seguintes: História do Paraná; História e Cultura Africana e Afro-brasileira; História dos Povos Indígenas; História do Brasil III e História do Brasil VI; História da América I e História da América III; História Contemporânea III; Pesquisa em História III; Patrimônio II, cada uma com 17h de carga horária para atividades e ações extensionistas. As disciplinas e atividades extensionistas serão relacionadas aos Projetos de Extensão e ações extensionistas já existentes ou que serão criados no DEHIS, especialmente o Projeto de Extensão Laboratório de Gênero, Sexualidades e Diversidades (LAGEDIS); o Projeto de Extensão Culturas Africanas e Latino-americanas: Música, Documentário e História; o Projeto de Extensão Museu do Colégio Regente Feijó; o Dicionário Histórico dos Campos Gerais; o Museu dos Campos Gerais, além de outros que poderão ser criados.

Disciplinas com carga horária total ou parcial extensionistas:

**Arquivos II – 51h**

**Museus e Espaços de Memória II – 68h**

**História do Paraná – 17h** (uma parte da disciplina de 68h)

**História dos Povos Indígenas – 17h** (uma parte da disciplina de 68h)

**História e Cultura Africana e Afro-brasileira – 17h** (uma parte da disciplina de 68h)

**História do Brasil III – 17h** (uma parte da disciplina de 68h)

**História do Brasil VI – 17h** (uma parte da disciplina de 68h)

**História da América I – 17h** (uma parte da disciplina de 68h)

**História Contemporânea III – 17h** (uma parte da disciplina de 68h)

**História da América III – 17h** (uma parte da disciplina de 68h)

**Patrimônio II – 17h** (uma parte da disciplina de 51h)

**Pesquisa em História III – 17h** (uma parte da disciplina de 68)

**Total: 289h** de disciplinas e ações extensionistas.

### 3.9 Flexibilização Curricular

O/a acadêmico/a poderá escolher quatro disciplinas do rol das disciplinas de Diversificação e Aprofundamento, conforme oferta semestral/anual disponível no Departamento de História (DEHIS). As disciplinas de diversificação e aprofundamento serão ministradas no 1º, 2º, 3º e 4º anos do curso e deverão ser cumpridas da seguinte forma: 1ª série - carga horária de 68h; 2ª série - carga horária de 34h; 3ª série - carga horária de 34h e 4ª série – carga horária de 51h. Totalizando 187h. As disciplinas ofertadas são as seguintes: Pesquisa Temática I, Pesquisa Temática II, Pesquisa Temática III e Pesquisa Temática IV (cada uma com 34 horas); e a disciplina de LIBRAS, com 51 horas.

### 3.10 Atendimento aos Temas Transversais

O cumprimento das legislações específicas no que se refere aos temas transversais: libras, meio-ambiente, direitos humanos, gênero, diversidade, relações étnicorraciais são atendidas em disciplinas específicas ou trabalhadas em partes de conteúdos de disciplinas variadas, conforme o Item 6. Libras terá uma disciplina específica, com 51h; relações étnicorraciais será trabalhada em duas disciplinas específicas, com conteúdo de ampla discussão dessa temática, com 68h em História dos Povos Indígenas e 68h em História e Cultura Africana e Afro-brasileira, além de conteúdos nas disciplinas de História do Paraná e





História do Brasil (I a VI); meio-ambiente será discutido em partes dos conteúdos das disciplinas de História do Paraná e História do Brasil (I a VI); direitos humanos será contemplado em partes dos conteúdos das disciplinas de História Contemporânea (I a IV) e Estágio Supervisionado; diversidade de gênero, sexual, geracional, religiosa e de classe social será atendida nas disciplinas de diversificação e aprofundamento e em partes das disciplinas de História do Brasil (I a VI), História Contemporânea (I a IV) e História do Paraná.

## 4. AVALIAÇÃO

### 4.1 Avaliação do Curso

O curso participa de todas as avaliações institucionais, realizadas pela CPA. A última avaliação externa aconteceu em 2017, com a prova do ENADE. O curso de Bacharelado em História obteve a nota 3 (três), escore superior ao ano de 2014, quando o curso obteve a nota 2 (dois). O Núcleo Docente Estruturante do curso vem trabalhando na sistematização de um processo de avaliação do curso junto aos alunos e egressos. Devido a não ocorrência de vestibulares por dois anos seguidos (2018 e 2019) e a pandemia de COVID, que acarretou a continuidade do curso através de aulas remotas (2020 e 2021), não houve a possibilidade de realizar avaliações do curso.

### 4.2 Sistema de Avaliação do Rendimento Escolar aprovado pela Instituição

O Sistema de Avaliação do Rendimento Escolar do curso de Bacharelado em História será o sistema aprovado pela Instituição a partir da Resolução UNIV nº 12/2017.

RESOLUÇÃO UNIV Nº 012, DE 22 DE JUNHO DE 2017.

Altera o Regimento Geral da Universidade Estadual de Ponta Grossa, no que se refere à Operacionalização da Avaliação do Rendimento Escolar.

O CONSELHO UNIVERSITÁRIO, no uso de suas atribuições legais e estatutárias, na reunião do dia 22 de junho de 2017, considerando o artigo 13, VI do Estatuto da Universidade Estadual de Ponta Grossa; o Parecer CEPE no 015/2017 e a Decisão do Plenário do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão do dia 25 de abril de 2017; e, considerando mais, os termos do expediente autuado no Protocolo Geral da Universidade Estadual de Ponta Grossa onde se consubstanciou no Processo no 14.287/2015, aprovou e eu, Reitor, sanciono a seguinte Resolução:

Art. 1º Fica alterado o Regimento Geral da Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG, em seu Título VI, Capítulo IV, Seção III – Da Operacionalização da Avaliação do Rendimento Escolar,

Art. 60 §§ 4º e 5º, conforme segue: Art. 60. [...] § 4º A nota mínima para aprovação com exame final deverá ser igual a seis (6,0) [...]

Art. 63-A. [...] § 6º Deverá prestar exame final na disciplina, o acadêmico que obtiver nota entre quatro (4,0) e seis e nove (6,9), obtida pela média aritmética simples das duas verificações. [...]

FINAL. Art. 63-B. [...] § 1º [...]

I - [...] b) nota final inferior a quatro (4,0) = REPROVAÇÃO DIRETA; c) nota final de quatro (4,0) a seis e nove (6,9) = submissão a EXAME

II - [...]; a) nota final de seis (6,0) a sete e nove (7,9) = APROVADO; b) nota final de dois e seis (2,6) a cinco e nove (5,9) = REPROVADO.

RESOLUÇÃO UNIV No 012, DE 22 DE JUNHO DE 2017. FL. 3

Art. 63-C. [...] § 2º Será aprovado na disciplina o acadêmico que obtiver média igual ou superior a sete (7,0) ou nota igual ou superior a seis (6,0), após a realização do exame final. Art. 63-D. [...]

## 5. ORGANIZAÇÃO CURRICULAR



## 5.1 Disciplinas Integrantes do Currículo Pleno

CÓDIGO	DISCIPLINA
504613	História Antiga I
504614	História dos Povos Indígenas
504615	História do Brasil I
504616	Introdução aos Estudos Históricos
504619	História Antiga II
504620	História do Paraná
504621	História do Brasil II
504622	Teoria da História e Historiografia I
504646	História Medieval I
504647	História do Brasil III
504648	Teoria da História e Historiografia II
504701	História Medieval II
504702	História do Brasil IV
504703	Teoria da História e Historiografia III
504706	História Moderna I
504707	História Contemporânea I
504708	História da América I
504709	Teoria da História e Historiografia IV
504712	História Moderna II
504713	História Contemporânea II
504714	História do Brasil V
504718	História Contemporânea III
504702	História do Brasil VI
504720	História da América II
504723	História Contemporânea IV
504725	História da América III
504724	História e Cultura Africana e Afro-brasileira
504617	Pesquisa em História I
504618	Arquivos I
504623	Pesquisa em História II
504700	Patrimônio I
504649	Pesquisa em História III
504705	Patrimônio II
504704	Pesquisa em História IV
504710	Pesquisa em História V
504711	Introdução ao Estágio Supervisionado em História
504716	Museus e Espaços de Memória I
504715	Pesquisa em História VI
504721	Orientação de Trabalho de Conclusão de Curso I
504726	Orientação de Trabalho de Conclusão de Curso II
504624	Arquivos II
504722	Museus e Espaços de Memória II
510500	Libras

## 5.2 Disciplinas de Formação Básica Geral

ÁREA DE CONHECIMENTO	CÓDIGO	DISCIPLINA	SÉRIE	SEM.	% Ext.	CH Ext.	CH
História	504613	História Antiga I	1	1	-	-	68
História	504614	História dos Povos Indígenas	1	1	25	17	68
História	504615	História do Brasil I	1	1	-	-	68
História	504616	Introdução aos Estudos Históricos	1	1	-	-	34



História	504619	História Antiga II	1	2	-	-	34
História	504620	História do Paraná	1	2	25	17	68
História	504621	História do Brasil II	1	2	-	-	34
História	504622	Teoria da História e Historiografia I	1	2	-	-	68
História	504646	História Medieval I	2	1	-	-	68
História	504647	História do Brasil III	2	1	25	17	68
História	504648	Teoria da História e Historiografia II	2	1	-	-	68
História	504701	História Medieval II	2	2	-	-	34
História	504702	História do Brasil IV	2	2	-	-	68
História	504703	Teoria da História e Historiografia III	2	2	-	-	68
História	504706	História Moderna I	3	1	-	-	68
História	504707	História Contemporânea I	3	1	-	-	68
História	504708	História da América I	3	1	25	17	68
História	504709	Teoria da História e Historiografia IV	3	1	-	-	68
História	504712	História Moderna II	3	2	-	-	34
História	504713	História Contemporânea II	3	2	-	-	68
História	504714	História do Brasil V	3	2	-	-	68
História	504718	História Contemporânea III	4	1	25	17	68
História	504719	História do Brasil VI	4	1	25	17	68
História	504720	História da América II	4	1	-	-	68
História	504723	História Contemporânea IV	4	2	-	-	68
História	504725	História da América III	4	2	25	17	68
História	504724	História e Cultura Africana e Afro-brasileira	4	2	25	17	68
<b>Carga horária Extensão</b>						136	1530
<b>Total carga horária das disciplinas</b>							1666

### 5.3 Disciplinas de Formação Específica Profissional

ÁREA DE CONHECIMENTO	CÓDIGO	DISCIPLINA	SÉRIE	SEM.	% Ext	CH Ext.	CH
História	504617	Pesquisa em História I	1	1			34
História	504618	Arquivos I	1	1			51
História	504624	Arquivos II	1	2	100	51	51
História	504623	Pesquisa em História II	1	2			68
História	504700	Patrimônio I	2	1			51
História	504649	Pesquisa em História III	2	1	25	17	68
História	504705	Patrimônio II	2	2	30	17	51
História	504704	Pesquisa em História IV	2	2			68
História	504710	Pesquisa em História V	3	1			34
História	504711	Introdução ao Estágio Supervisionado em História	3	1			34
História	504716	Museus e Espaços de Memória I	3	2			68
História	504722	Museus e Espaços de Memória II	4	1	100	68	68
História	504715	Pesquisa em História VI	3	2			34
História	504721	Orientação de Trabalho de Conclusão de Curso I	4	1			17
História	504726	Orientação de Trabalho de Conclusão de Curso II	4	2			17



		Total de carga horária				153	561 714
--	--	------------------------	--	--	--	-----	------------

## 5.4 DISCIPLINAS DE DIVERSIFICAÇÃO E APROFUNDAMENTO

ÁREA DE CONHECIMENTO	CÓDIGO	DISCIPLINA	SÉRIE	SEMESTRE	%Ext	CH
Educação	510500	Libras	4	1/2		51
História	504625	Pesquisa Temática: Cinema, História e Ensino de História	1-2-3	1/2		34
História	504626	Pesq. Tem.: Corpo, Sexualidade e Diversidade	1-2-3	1/2		34
História	504627	Pesq. Tem.: História e Literatura	1-2-3	1/2		34
História	504628	Pesq. Tem.: História e Antropologia	1-2-3	1/2		34
História	504629	Pesq. Tem.: História e Cidade	1-2-3	1/2		34
História	504630	Pesq. Tem.: História e Ciências Sociais	1-2-3	1/2		34
História	504631	Pesq. Tem.: História e Gênero	1-2-3	1/2		34
História	504632	Pesq. Tem.: História e Imagem	1-2-3	1/2		34
História	504633	Pesq. Tem.: História e Natureza	1-2-3	1/2		34
História	504634	Pesq. Tem.: História e Teatro	1-2-3	1/2		34
História	504635	Pesq. Tem.: História Oral	1-2-3	1/2		34
História	504636	Pesq. Tem.: Historiografia Brasileira	1-2-3	1/2		34
História	504637	Pesq. Tem.: Japão, China e Oriente Médio. Questões Contem.	1-2-3	1/2		34
História	504638	Pesq. Tem.: Pensamento Social Brasileiro	1-2-3	1/2		34
História	504639	Pesq. Tem.: História do Tempo Presente	1-2-3	1/2		34
História	504640	Pesq. Tem.: História das Doenças	1-2-3	1/2		34
História	504641	Pesq. Tem.: História das Religiões e Religiosidade	1-2-3	1/2		34
História	504642	Pesq. Tem.: História Subjetividades e Sensibilidades	1-2-3	1/2		34
História	504643	Pesq. Tem.: História Pública	1-2-3	1/2		34
História	504644	Pesq. Tem.: História e Historiografia Paranaense	1-2-3	1/2		34
História	504645	Pesq. Tem.: História e Educação	1-2-3	1/2		34
<b>Total de Carga Horária</b>						<b>187</b>

**Obs:** O/a acadêmico/a poderá escolher quatro disciplinas do rol de Diversificação e Aprofundamento, conforme oferta semestral/anual disponível no Departamento de História (DEHIS). A carga horária e séries das disciplinas de Diversificação e Aprofundamento deverão ser cumpridas da seguinte forma: 1ª série – 68h, 2ª série – 34h, 3ª série – 34h e 4ª série 51h.

## 5.5 Estágio Curricular Supervisionado

O estágio curricular será obrigatório. Seguirá o estabelecido nos regulamentos da UEPG. O colegiado do curso de Bacharelado em História elaborou seu regulamento interno de estágio, que foi discutido e aprovado em reunião departamental do curso de História, no 2º semestre do ano de 2022.

A modalidade de estágio será indireta, seguindo o que preconiza o inciso III do artigo 25 da Resolução CEPE nº 056, de 24 de março de 2009: "orientação indireta: com acompanhamento feito pelo professor Orientador de Estágio por meio de orientações, reuniões, contatos com o profissional (supervisor) responsável pelo estagiário e relatório semestral".

### 5.5.1 Carga Horária



# Universidade Estadual de Ponta Grossa

ANEXO DA RESOLUÇÃO CEPE Nº 2023.16

FL. 28 DE 72

ÁREAS DE CONHECIMENTO	CÓDIGO	DISCIPLINA	SÉRIE	SEMESTRE	CH
História	504717	Estágio Supervisionado em História	3	2	102
<b>Total de Carga Horária</b>					102

## 5.5.2 Modalidade:

DISCIPLINA DE ESTÁGIO	CARGA HORÁRIA		MODALIDADE DE ORIENTAÇÃO		
	T	P	DIRETA	SEMI-DIRETA	INDIRETA
Estágio Supervisionado em História	-	102			X

## 5.5.3 Carga Horária de Supervisão de Estágio:

ANO	CURRÍCULO VIGENTE	NOVO CURRÍCULO
2023	25,5	25,5

## 5.6 Disciplinas com Aulas Práticas, Experimentais e/ou Laboratoriais

Não se aplica

## 5.7 Extensão como Componente Curricular

### 5.7.1 Disciplinas:

ÁREAS DE CONHECIMENTO	CÓDIGO	DISCIPLINA	SÉRIE	SEMESTRE	% Ext	CH Ext.
História	504624	Arquivos II	1	2	100	51
História	504722	Museus e Espaços de Memória II	4	1	100	68
História	504614	H. Povos Indígenas	1	1	25	17
História	504620	H. do Paraná	1	2	25	17
História	504647	H. do Brasil III	2	1	25	17
História	504719	H. do Brasil VI	4	1	25	17
História	504708	H. da América I	3	1	25	17
História	504725	H. Da América III	4	2	25	17
História	504705	Patrimônio II	2	2	30	17
História	504718	H. Contemp. III	4	1	25	17
História	504710	Pesq. Hist. III	2	1	25	17
História	504724	H. da Cultura Africana e Afrobrasileira	4	2	25	17
<b>Total de Carga Horária</b>						<b>289</b>

### 5.7.2 Outras atividades curriculares de Extensão

CARGA HORÁRIA EM ATIVIDADES DE EXTENSÃO DIVERSAS (NÃO CODIFICADAS NO CURSO)	-
<b>CARGA HORÁRIA TOTAL DA EXTENSÃO</b>	<b>289</b>



<b>PORCENTAGEM DE CH DE EXTENSÃO EM RELAÇÃO À CH TOTAL DO CURSO</b>	10%
---	-----

## 5.8 DISCIPLINAS NA MODALIDADE DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

O Bacharelado não ofertará disciplinas com carga horária a distância. Poderá, no entanto, a critério da coordenação, com base na análise de conteúdos e cargas horárias, validar disciplinas cursadas na modalidade a distância.

### 5.8.1 Disciplinas:

Não se aplica

### 5.8.2 Carga Horária:

Não se aplica

## 5.9 ATIVIDADES COMPLEMENTARES OU ACADEMICO CIENTÍFICO-CULTURAIS

Os alunos deverão, ao longo do curso, cumprir 200 horas de atividades complementares de natureza acadêmica e científico cultural, associadas ao seu campo de formação. Estas atividades deverão ser desenvolvidas nos campos do ensino, da pesquisa e da extensão, quer em seu aspecto de participação eventual, quer em sua atuação em projetos e programas.

O aluno deverá participar de eventos (congressos, semanas acadêmicas, simpósios, encontros e afins) ligados à sua área de formação e áreas conexas (os certificados serão analisados pelo colegiado para validação). Poderá integrar-se a trabalhos não eventuais (grupos de pesquisa, laboratórios de estudos, estágios não obrigatórios, voluntariados sociais e afins), e frequentar cursos e/ou palestras sobre aspectos éticos, políticos e educativos sobre a inclusão de portadores de necessidades especiais, como forma de apreender o seu campo de atuação através da ação extracurricular prática.

Será obrigatória a frequência em atividades sobre o uso indevido de drogas, nos termos da Resolução UNIV. nº 11/2017, em eventos promovidos pelo colegiado e departamento de curso. Serão exigidas amplitude e diversificação nas atividades para o cumprimento da carga horária, evitando-se, assim, que a concentração excessiva de horas em uma mesma atividade prejudique a formação do acadêmico.

A tabela de pontuação e a validação dos certificados foi elaborada pelo Colegiado de Curso, e atenta para a descrição das atividades a serem consideradas e computadas, e sua importância na formação acadêmica.

## 5.10 ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

O curso de Bacharelado conta, atualmente, com Regulamento próprio de Orientação de Trabalho de Conclusão de Curso, elaborado conjuntamente com o Projeto Pedagógico nº 2, que se iniciou em 2007. Ele será aprimorado, em consonância com o preconizado pelo Regulamento Geral da UEPG, que é regido pela Resolução CEPE nº 5 de 27 de março de 2018.

### 5.10.1 Carga Horária Supervisão do TCC:

ANO	CURRÍCULO VIGENTE	NOVO CURRÍCULO
2023	1360	1360
2024	Idem	Idem
2025	Idem	Idem
2026		Idem

## 6. ATENDIMENTO A LEGISLAÇÕES ESPECÍFICAS



LEGISLAÇÃO	DISCIPLINA	CARGA HORÁRIA
Relações étnicorraciais Lei nº 11645/2008	Disciplina História da África e Cultura Afro-Brasileira; História dos Povos Indígenas; conteúdos presentes nas ementas de História do Paraná e História do Brasil I a VI	68h + carga horária variada a partir do conteúdo das disciplinas
Educação Ambiental RESOLUÇÃO CEPE Nº 015, DE 15 DE ABRIL DE 2014	Aprova resolução pertinente à inclusão da disciplina de libras para os cursos de graduação bacharelado em vigor e a obrigatoriedade de conteúdos sobre educação ambiental a todos os cursos de graduação vigentes na UEPG. Conteúdos presentes em História do Brasil I a VI e História do Paraná.	34h + carga horária variada a partir do conteúdo das disciplinas
Educação em Direitos Humanos: DELIBERAÇÃO Nº 02/2015-CÉE/PR	Dispõe sobre as Normas Estaduais para a Educação em Direitos Humanos no Sistema Estadual de Ensino do Paraná. Conteúdos presentes nas Disciplinas História Contemporânea (I a IV); Estágio Supervisionado em História; e demais disciplinas	68h
Lei 13.005, de 25 de junho de 2015	Disciplinas: H. e Gênero; Corpo, Sexualidades e Diversidades; H. das Religiões e Religiosidades; além da abordagem em outras ementas do curso História do Brasil I a VI; História do Paraná; e demais disciplinas	68h + carga horária variada a partir do conteúdo das disciplinas
Libras como disciplina obrigatória RESOLUÇÃO CEPE 27/2017	Disciplina LIBRAS	51h
RESOLUÇÃO UNIV Nº 011, DE 22 DE JUNHO DE 2017	Aprova Normas Gerais para Elaboração e Análise de Propostas de Novos Currículos e/ou Adequação Curricular dos Cursos Superiores de Graduação Presenciais e a Distância, da UEPG.	
RESOLUÇÃO CEPE Nº 104, DE 02 DE JUNHO DE 2009	Aprova regulamento de disciplinas de diversificação e aprofundamento aos cursos de graduação presenciais da UEPG.	
RESOLUÇÃO Nº 7, DE 18 DE DEZEMBRO DE 2018	Estabelece as Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira	
RESOLUÇÃO CEPE - Nº 2020.6	Aprova Regulamento da Curricularização da Extensão Universitária na UEPG.	

## 7. EMENTAS E BIBLIOGRAFIA BÁSICA

### DISCIPLINAS DA PRIMEIRA SÉRIE - PRIMEIRO SEMESTRE

#### HISTÓRIA DOS POVOS INDÍGENAS

Estudo da história e cultura dos povos indígenas e dos movimentos indígenas no Brasil e no Paraná. Políticas indigenistas: Diretório dos Índios, SPI e FUNAI (aculturação,



assimilacionismo, integracionismo e reelaboração cultural). Representações dos povos indígenas, identidades étnicas e territorialidade. Da invisibilidade aos direitos indígenas contemporâneos: luta pela terra, educação, saúde e culturas próprias. Trabalhos práticos com atividades extensionistas relacionadas as temáticas da disciplina e aos Povos Indígenas.

## **BIBLIOGRAFIA BÁSICA:**

ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. *Metamorfoses indígenas: identidade e cultura nas aldeias coloniais do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro; Arquivo Nacional, 2003.

BANIWA, Gersem. *O Índio Brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; LACED/Museu Nacional, 2006.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. *História das populações indígenas na escola: memórias e esquecimentos*. In: PEREIRA, Amílcar Araújo; MONTEIRO, Ana Maria (Orgs.). *Ensino de histórias afro-brasileiras e indígenas*. Rio de Janeiro: Pallas, 2013. p. 101-132.

BRIGHENTI, Clovis Antônio. *Estrangeiros na própria terra: presença Guarani e Estados Nacionais*. Chapecó: ARGOS: Ed. da UFSC, 2010.

CUNHA, Manuela Carneiro da (org.). *História dos Índios no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras; Secretaria Municipal de Cultura; FAPESP, 1992.

FREIRE, Carlos Augusto da Rocha (org.). *Memória do SPI: textos, imagens e documentos sobre o Serviço de Proteção aos Índios*. Rio de Janeiro: Museu do Índio – FUNAI, 2011.

GALDINO, José Roberto de Vasconcelos. *Breve história da usurpação dos territórios indígenas no Paraná*. In: SCHLEUMER, Fabiana; OLIVEIRA. Ozeias de (org.). *estudos étnico-raciais*. Bauru: Canal 6, 2009.

MONTEIRO, John Manuel. *Negros da terra: índios e bandeirantes nas origens de São Paulo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. MONTEIRO, John Manuel (org.). *Guia de Fontes para a história indígena e do indigenismo em arquivos brasileiros: acervo das capitais*. São Paulo: Ed. FAPESP, 1994.

MOTA, Lúcio Tadeu. *As colônias indígenas no Paraná provincial*. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 2000.

NÖTZOLD, Ana Lúcia Vulfe; ROSA, Helena Alpini; BRINGMANN. Sandor Fernando. *Etnohistória, história indígena e educação: contribuições ao debate*. Porto Alegre: Pallotti, 2012.

OLIVEIRA, João Pacheco de Oliveira (org.). *Indigenismo e territorialização: poderes, rotina e saberes coloniais no Brasil contemporâneo*. Rio de Janeiro: Contracapa, 1998.

OLIVEIRA, João Pacheco de Oliveira. *O nascimento do Brasil e outros ensaios: "pacificação", regime tutelar e formação de alteridades*. Rio de Janeiro: Contracapa, 2016.

SILVA, Aracy Lopes da; GRUPIONI, Luís Donisete Benzi (orgs). *A temática indígena na escola: novos subsídios para professores de 1º e 2º graus*. Brasília: MEC/MARI/UNESCO, 2004.

## **HISTÓRIA DO BRASIL I**

Processos e estruturas que constituem a história do Brasil do período colonial, desde a formação do império português e a colonização do Brasil a partir do século XVI. A história indígena e a colonização.

## **BIBLIOGRAFIA BÁSICA:**

ALENCASTRO, L. F. *A economia política dos descobrimentos*. In: NOVAES, Adauto (Org.). *A descoberta do homem e do mundo*. São Paulo: Cia. das Letras, 1998, pp. 193-207.

BOXER, Charles R. *O Império Marítimo Português: 1415-1825*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.





CUNHA, Manuela Carneiro da Cunha (org.). História dos índios no Brasil. São Paulo, Companhia das Letras, 1998. HOLANDA, Sérgio Buarque de. Visão do paraíso. Os motivos Edênicos no Descobrimento e Colonização do Brasil. São Paulo, Brasiliense, 1992. MONTEIRO, John Manuel. As populações indígenas do litoral brasileiro no século XVI: transformação e resistência. In: PAULINO, Francisco Faria (Org.). Nas vésperas do mundo moderno: Brasil. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1992, pp. 121-136. NOVAES, Adauto (Coord.). A descoberta do homem e do mundo. São Paulo: Cia das letras/Minc-Funarte, 1998. RAMINELLI, Ronald. Habitus canibais. Os índios de Albert Eckhout. In: HERKENHOFF, Paulo (Org.). O Brasil e os holandeses (1630-1654). Rio de Janeiro: Sextante Artes, 1999, pp. 104-121. STADEN, Hans. "História verídica e descrição de uma terra de selvagens, nus e cruéis comedores de seres humanos..." In: Hans Staden: primeiros registros escritos e ilustrados sobre o Brasil e seus habitantes. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 1999, pág. 53-84. SCHWARTZ, Stuart; MYRUP, Erik (Orgs.). O Brasil no império marítimo português. Editora Edusc. 2009.

## INTRODUÇÃO AOS ESTUDOS HISTÓRICOS

Introdução aos conceitos fundamentais da história. História, historicidade, historiografia. Tempo e História. A constituição histórica do campo do saber histórico. Especificidades do conhecimento histórico.

## BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

BLOCH, Marc. Apologia da história ou o ofício do historiador. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. BOURDÉ, Guy e MARTIN, Hervé. As escolas históricas. Lisboa: Europa-América, 1992. CARBONELL, Charles-Olivier. A historiografia: Lisboa: Teorema, [s.d.]. CHARTIER, Roger. A história ou a literatura do tempo. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. JENKINS, Keith. A história repensada. São Paulo: Contexto, 2001. KOSELLECK, Reinhart et al. O conceito de história. Belo Horizonte: Autêntica, 2013. LANGLOIS, Charles-Victor e SEIGNOBOS, Charles. Introdução aos estudos históricos. São Paulo: Editora Renascença, 1946. LÖWENTHAL, David. Como conhecemos o passado. Projeto História. São Paulo: Educ, n. 17, nov. 1998. MARROU, H.-I. Sobre o conhecimento histórico. 4ª ed. rev. e aum. Lisboa: Martins Fontes, s.d. VEYNE, Paul. Como se escreve a história. Lisboa: Edições 70, 1983.

## HISTÓRIA ANTIGA I

Estudo histórico, conceitual e historiográfico sobre a Antiguidade. Introdução à História Antiga: fontes e questões teórico-metodológicas. A História Antiga no Brasil: núcleos de estudo e possibilidades de pesquisa. Abordagens historiográficas sobre os temas e processos históricos da Antiguidade Oriental: aspectos sociais, econômicos, políticos e culturais.

## BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

BAKOS, Margaret Marchiori. Fatos e mitos do antigo Egito Antigo. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001. BOTTÉRO, Jean. Nascimento de Deus: a Bíblia e o historiador. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993. BOTTÉRO, Jean. No princípio eram os deuses. Lisboa: Edições 70, 2006. BOUZON, Emanuel. Ensaios babilônicos: sociedade, economia e cultura na Babilônia pré-cristã. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998.



BUENO, André. A volta dos discos voadores e o ensino de História no Brasil. In: BUENO, André; ESTACHESKI, Dulceli; CREMA, Everton [orgs.] Futuro em construção: reflexões sobre a aprendizagem histórica. Rio de Janeiro/União da Vitória: Sobre Ontens Ebook, 2016, p. 9-30.

CARDOSO, Ciro Flamarion. Sete Olhares Sobre a Antiguidade. Brasília: UNB, 1994.

FINLEY, M. I. A política no mundo antigo. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

FINLEY, M. I. História Antiga: testemunhos e modelos. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

FUNARI, Pedro Paulo A. Os historiadores e a cultura material. In: PINSKY, Carla B. (org.). Fontes históricas. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2008, p. 81-110.

GUARINELLO, Norberto L. História antiga. São Paulo: Contexto, 2013.

GUARINELLO, Norberto L. Uma morfologia da História: as formas da História Antiga. Politeia: História e Sociedade. Vitória da Conquista, vol. 3, n. 1, p. 41-61, 2003.

KRAMER, Samuel N. A história começa na Suméria. Lisboa: Europa-América, 1997.

LEICK, Gwendolyn. Mesopotâmia: a invenção da cidade. Rio de Janeiro: Imago, 2003.

SCARPI, Paolo. Politeísmos: as religiões do mundo antigo. São Paulo: Hedra, 2004.

SILVA, Glaydson J. da. Os avanços da História Antiga no Brasil. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo, julho 2011.

VEYNE, Paul. Quando a verdade histórica era tradição e vulgata. In: Acreditavam os gregos em seus mitos? São Paulo: Brasiliense, 1984, p. 15-26.

## **PESQUISA EM HISTÓRIA I**

A importância e a especificidade das fontes manuscritas para a construção do conhecimento histórico. Tipologias de fontes manuscritas. Oficina prática e manuseio de documentos manuscritos.

## **BIBLIOGRAFIA BÁSICA:**

BARROS, José D'Assunção. Fontes históricas: revisitando alguns aspectos primordiais para a pesquisa histórica. In: Mouseion, n.12, mai-ago/2012, pp. 129-159.

BRANDÃO, Isabel C. de Jesus. Pesquisa em fontes primárias: algumas reflexões. In: Revista HISTEDBR On-line, Campinas, n.28, p.131-144, dez. 2007.

FRAGOSO, João; GUEDES, Roberto; SAMPAIO, Antônio. (Orgs.). Arquivos Paroquiais e História Social na América Lusa, séculos XVII e XVIII: métodos e técnicas de pesquisa na reinvenção de um corpus documental. Rio de Janeiro: MauadX, 2014.

RODRIGUES, Rogério Rosa (Org.). Possibilidades de Pesquisa em História. São Paulo: Contexto, 2017.

OLIVEIRA, Mariani Bandeira Cruz. Patrimônio, fortuna e escravidão. Campos Gerais do Paraná, 1820-1844. Saarbrücken, Alemanha: Novas Edições Acadêmicas, 2016.

PINSKY, Carla B. (Org.). Fontes históricas. São Paulo: Contexto, 2010.

PINSKY, Carla B.; LUCA, Tania Regina (Orgs.). O historiador e suas fontes. São Paulo: Contexto, 2012.

SAMARA, Eni de M.; TUPY, Ismênia S. Silveira T. História & Documento e metodologia de pesquisa. 2a ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

STONE, Lawrence. Prosopografia. Revista de Sociologia e Política, Curitiba, v. 19, 39, p. 115-137, jun. 2011.

TEIXEIRA, Adriano Braga. Inventários post mortem: possibilidades de pesquisa a partir de uma fonte plural. In: Mal-Estar e Sociedade, ano V, n. 8. Barbacena: jan-jun 2012, pp. 63-83.

ZENHA, Celeste. As práticas da Justiça no cotidiano da pobreza. Revista brasileira de história, São Paulo, v.5, n.10, mar./ago. 1985.

## **ARQUIVOS I**



Introdução à teoria geral dos arquivos. História dos arquivos e da arquivologia. Arquivos, acervos e locais de guarda de documentação histórica: tipologia, organização, legislação e acessibilidade. Preservação, gestão e difusão de arquivos e documentos.

## **BIBLIOGRAFIA BÁSICA**

- ARAÚJO, Fernanda da Costa Monteiro. A relação entre arquivos e centros de memória. In: *ÁGORA*, Florianópolis, v. 25, n. 50, p. 5-18, jan./jun., 2015.
- ARQUIVO NACIONAL. Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005.
- BELLOTO, Heloísa L. Arquivos Permanentes: Tratamento Documental. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- DELMAS, Bruno. Arquivos para quê? Textos escolhidos. São Paulo: Instituto Fernando Henrique Cardoso, 2010. p. 17-123.
- JARDIM, José Maria. "A invenção da memória nos arquivos públicos". *Ciência da Informação*, Brasília, v. 25, n. 2, p. 01-13, 1995.
- MALHEIRO da Silva, et. al. Arquivística. Teoria e prática de uma ciência da informação. Lisboa: Edições Afrontamento. 2002.
- MELO, Josemar Henrique de; SILVA, Ramsés Nunes e; DORNELES, Sânderson. Olhares sobre a história dos arquivos e da arquivologia no Brasil. In: *Pesq. Bras. em Ciência da Inf. e Bib. João Pessoa*, v.12, n.1, p. 129-144, 2017.
- NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-graduados em História e do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo*, São Paulo, v. 10, p. 07-28, dez. 1993, p.14.
- PINHEIRO, Lena Vânia (Org.). *Ciência da informação, ciências sociais e interdisciplinaridade*. Brasília/Rio de Janeiro: IBICT, 1999.
- POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.
- POSNER, Ernst. Alguns aspectos do desenvolvimento arquivístico a partir da Revolução Francesa. *Acervo*, Rio de Janeiro, v. 26, no 2, p. 273-284, jul./dez. 2013.
- RODRIGUES, Ana Márcia Lutterbach. A teoria dos arquivos e a gestão de documentos. In: *Perspect. ciênc. inf.*, Belo Horizonte, v. 11, n.1, p. 102-117, jan./abr. 2006.
- SILVA, Armando Malheiro. *Das Ciências Documentais à Ciência da Informação*. Porto: Edições Afrontamento, 2002.

## **DISCIPLINAS DA PRIMEIRA SÉRIE SEGUNDO SEMESTRE**

### **HISTÓRIA DO BRASIL II**

Processos e estruturas que constituem a história do Brasil dos séculos XVI a XVIII, a partir da vinda de povos africanos. A religiosidade, a sexualidade, a história das mulheres e a vida privada, até a crise do sistema colonial.

### **BIBLIOGRAFIA BÁSICA:**

- BLACKBURN, Robin. A construção do escravismo no Novo Mundo. Do barroco ao moderno, 1492-1800. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- FLORENTINO, Manolo. Em costas negras. Uma história do tráfico atlântico de escravos entre a África e o Rio de Janeiro (séculos XVII e XIX). Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1995.
- FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & Senzala: formação da família brasileira sobre o regime da economia patriarcal*. São Paulo: Global, 2003.
- FREITAS, Décio: *Palmares, a guerra dos escravos*. Rio de Janeiro: Graal, 1990.
- KLEIN, Herbert S. A demografia do tráfico atlântico de escravos para o Brasil. *Estudos Econômicos*. Vol. 17, no 2, maio/agosto, 1987, pp. 129-149.



LYRA, Maria de Lourdes Vianna. A utopia do poderoso império. Portugal e Brasil: bastidores da política 1798-1822. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1994.

MATTOS, Hebe Maria. "A escravidão moderna nos quadros do Império português: o Antigo Regime em perspectiva atlântica". In: Bicalho, M. F.; Gouvêa, M. de F. & Fragoso, João (orgs.) Antigo Regime nos Trópicos. A dinâmica imperial portuguesa (séculos XVI-XVIII). Rio de Janeiro: Civilização, Brasileira, 2001.

MARQUESE, Rafael de Bivar. A dinâmica da escravidão no Brasil: resistência, tráfico negreiro e alforrias, século XVII a XIX. Novos Estudos - CEBRAP. No 74, 2006, pp. 107-123.

PRIORE, Mary Del. A mulher na história do Brasil. São Paulo: Contexto, 1994.

REIS, João José. Rebelião escrava no Brasil. A história do levante dos malês em 1835. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SCHWARTZ, Stuart. Segredos internos: engenhos e escravos na sociedade colonial, 1550-1835. São Paulo, Companhia das Letras, 1988

SCHWARTZ, Stuart B. O Brasil colonial, c. 1580-1750: as grandes lavouras e as periferias. In: BETHEL, Leslie (Org.). América Latina colonial. São Paulo: Edusp/FUNAG, 1999, pp. 339-421.

SOUZA, Laura de Mello e. O diabo e a Terra de Santa Cruz. Feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial. São Paulo: Cia. das Letras, 1989.

## HISTÓRIA DO PARANÁ

Análise historiográfica dos processos históricos referentes ao Paraná. A ocupação territorial. Aspectos socioeconômicos e culturais do Paraná no Império e na República. Escravidão e escravismo no Paraná. Imigração no Paraná; Movimentos sociais no Paraná, séculos XIX e XX. Trabalhos práticos com atividades extensionistas relacionadas a temáticas da disciplina.

## BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

CARDOSO, J. A.; WESTPHALEN, Cecília. Atlas histórico do Paraná. Curitiba: Livraria do Chain Editora, 1986.

DITZEL, Carmencita de H. M.; LAMB, Roberto E. Na paragem das tropas: uma história dos Campos Gerais. In: Jornal de História, Ponta Grossa, ano 3, n.10, set-out 1998.

LEANDRO, José Augusto. A roda, a prensa, o forno, o tacho: cultura material e farinha de mandioca no litoral do Paraná. Revista Brasileira de História, vol. 27, n. 54, p.261- 278, 2007.

MACHADO, Brasil Pinheiro. Esboço de uma sinopse da história regional do Paraná. História: Questões & Debates. Curitiba, APAH, ano 8, n. 4, 1987.

MACHADO, Paulo Pinheiro. Lideranças do Contestado: a formação e a atuação das chefias caboclas (1912-1916). Campinas: Editora da Unicamp, 2004.

MENDONÇA, Joseli; SOUZA, Jhonatan. Paraná Insurgente: história e lutas sociais – séculos XVIII ao XXI. São Leopoldo: Casa Leiria, 2018.

MENDONÇA, Joseli. História e memória da escravidão no Paraná: possibilidades de uma produção na perspectiva da história pública. Texto apresentado no 7º Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional, Curitiba (UFPR), de 13 a 16 de maio de 2015. Anais completos do evento disponíveis em <http://www.escravidaoeliberdade.com.br/>

NISHIKAWA, Reinaldo Benedito. As Colônias de imigrantes na Província do Paraná, 1854-1889. São Paulo: Tese (Doutorado em História Econômica), USP, 2015.

PEREIRA, Magnus Roberto de Mello. Semeando iras rumo ao progresso. Curitiba: Editora UFPR, 1996.

SEGA, Rafael A. A Capital da Belle Époque: a reestruturação do quadro urbano de Curitiba durante a gestão do prefeito Cândido de Abreu (1913-1916). Curitiba: Aos Quatro Ventos, 2001.

## HISTÓRIA ANTIGA II



Abordagens historiográficas sobre os temas e processos históricos da Antiguidade Clássica: aspectos sociais, econômicos, políticos e culturais.

## **BIBLIOGRAFIA BÁSICA:**

- BROWN, Peter. A Ascensão do Cristianismo no Ocidente. Lisboa: Presença, 1999.
- CORASSIN, M. Sociedade e política na Roma antiga. São Paulo: Contexto, 2003.
- FLORENZANO, Maria B. O mundo antigo: economia e sociedade. São Paulo, Brasiliense, 1996.
- FLORES, Moacyr. Mundo greco-romano: arte, mitologia e sociedade. EDIPUCRS, 2000.
- FUNARI, Pedro Paulo A. Antiguidade Clássica: História e Cultura a partir dos documentos. Campinas: Ed. da Unicamp, 1995.
- FUNARI, Pedro Paulo A. Cultura popular na Antiguidade Clássica. São Paulo: Contexto, 1999.
- FUNARI, Pedro Paulo A. Grécia e Roma. São Paulo: Contexto, 2007.
- GRANDAZZI, A. As origens de Roma. São Paulo: Unesp, 2010.
- GRIMAL, Pierre. História de Roma. São Paulo: Unesp, 2011.
- McLAUGHLIN, Raoul. Roma e o Oriente distante: rotas comerciais para as terras antigas da Arábia, Índia e China. São Paulo: Rosari, 2012.
- PEREIRA, Maria Helena da Rocha. Estudos de história da cultura clássica. 3.ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.
- THEML, Neyde (Org). Linguagens e formas de poder na antiguidade. Rio de Janeiro: FAPERJ: Mauad, 2002.
- VEYNE, Paul. Acreditavam os gregos em seus mitos? São Paulo: Brasiliense, 1984.
- VEYNE, Paul (org.). História da vida privada - vol. 1: do Império Romano ao ano mil. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

## **PESQUISA EM HISTÓRIA II**

Fontes impressas e produção do conhecimento histórico: aspectos metodológicos. Acervos de fontes impressas disponíveis em instituições locais e regionais. Acervos de fontes impressas disponíveis na internet. Oficina prática e manuseio de documentos impressos.

## **BIBLIOGRAFIA BÁSICA:**

- ALMEIDA, Fábio Chang de. O historiador e as fontes digitais: uma visão acerca da internet como fonte primária para pesquisas históricas. In: Aedos, n. 8, v.3, Jan-Jun 2011, pp. 09-30.
- CAPELATO, Maria Helena Rolim. A imprensa na História do Brasil. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988.
- DARNTON, Robert. O beijo lamourette: Mídia, cultura e revolução. São Paulo: Companhia das letras, 1995.
- KARAWEJCZYK, Mônica. O Jornal como documento histórico - breves considerações. In: Historiæ, Rio Grande, 1 (3): 131-147, 2010.
- LAPUENTE, Rafael Saraiva. O jornal impresso como fonte de pesquisa: delineamentos metodológicos. In: Alcar 2015 - 10º Encontro Nacional de História da Mídia. Disponível em: [www.ufrgs.br/alcar2015](http://www.ufrgs.br/alcar2015).
- OLIVEIRA, Nucia Alexandra Silva de. História e internet: conexões possíveis. In: Tempo e Argumento, v. 6 n.12, 2014.
- PADRÓS, Enrique Serra. Os desafios na produção do conhecimento histórico sob a perspectiva do tempo presente. In: Anos 90, Porto Alegre, v. 11, n. 19/20, p.199-223, jan./dez. 2004.
- PINSKY, Carla B. (Org.). Fontes históricas. São Paulo: Contexto, 2010.
- PINSKY, Carla B.; LUCA, Tania Regina (Orgs.). O historiador e suas fontes. São Paulo: Contexto, 2012.
- RODRIGUES, Rogério Rosa (Org.). Possibilidades de Pesquisa em História. São Paulo: Contexto, 2017.



ZICMAN, Renée Barata. História através da imprensa – algumas considerações metodológicas. Projeto História. São Paulo, n. 4, jun. 1985.

## TEORIA DA HISTÓRIA E HISTORIOGRAFIA I

O campo da teoria da história. O campo da história da historiografia. Concepções clássicas de história.

### BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

ARENDT, Hannah. O conceito de história – antigo e moderno. In: Entre o passado e o futuro. 2ª. ed. São Paulo: Perspectiva, 1988.

BURGUIÈRE, André. Dicionário das ciências históricas. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

ENCICLOPÉDIA EINAUDI. Tempo/temporalidade, vol. 29. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1993.

FUNARI, Pedro Paulo; GLAYDSON, José da Silva. Teoria da história. São Paulo: Ed. Brasiliense, 2008.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. Sete aulas sobre linguagem, memória e história. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1997.

HARTOG, François. O espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

HARTOG, François. A história de Homero a Santo Agostinho. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

HARTOG, François. Evidência da história: o que os historiadores veem. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

KOSELLECK, Reinhart et al. O conceito de história. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

LE GOFF, Jacques. Memória e história. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1994.

LÖWITH, Karl. O sentido da história. Lisboa: Edições 70, 1991.

MOMIGLIANO, Arnaldo. As raízes clássicas da historiografia moderna. Bauru: Edusc, 2004.

PROST, Antoine. Doze lições sobre a história. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

## ARQUIVOS II

Estudo teórico e prático da natureza extensionista aplicada a formação do profissional da história em ações, atividades, projetos e programas de referência, divulgação e educação com acervos históricos, culturais e naturais, na articulação com a pesquisa, o ensino em abordagens trans e multidisciplinares.

### BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

ARAÚJO, Fernanda da Costa Monteiro. A relação entre arquivos e centros de memória. In: ÁGORA, Florianópolis, v. 25, n. 50, p. 5-18, jan./jun., 2015.

ARQUIVO NACIONAL. Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005.

BELLOTO, Heloísa L. Arquivos Permanentes: Tratamento Documental. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

SILVA, Armando Malheiro. Das Ciências Documentais à Ciência da Informação. Porto: Edições Afrontamento, 2002.

PINHEIRO, Lena Vânia (Org.). Ciência da informação, ciências sociais e interdisciplinaridade. Brasília/Rio de Janeiro: IBICT, 1999.

DELMAS, Bruno. Arquivos para quê? Textos escolhidos. São Paulo: Instituto Fernando Henrique Cardoso, 2010. p. 17-123.

MALHEIRO da Silva, et. al. Arquivística. Teoria e prática de uma ciência da informação. Lisboa: Edições Afrontamento. 2002.

POSNER, Ernst. Alguns aspectos do desenvolvimento arquivístico a partir da Revolução Francesa. Acervo, Rio de Janeiro, v. 26, no 2, p. 273-284, jul./dez. 2013.



- RODRIGUES, Ana Márcia Lutterbach. A teoria dos arquivos e a gestão de documentos. In: *Perspect. ciênc. inf.*, Belo Horizonte, v. 11, n.1, p. 102-117, jan./abr. 2006.
- JARDIM, José Maria. "A invenção da memória nos arquivos públicos". *Ciência da Informação*, Brasília, v. 25, n. 2, p. 01-13, 1995
- MELO, Josemar Henrique de; SILVA, Ramsés Nunes e; DORNELES, Sânderson. Olhares sobre a história dos arquivos e da arquivologia no Brasil. In: *Pesq. Bras. em Ciência. da Inf. e Bib.* João Pessoa, v.12, n.1, p. 129-144, 2017.
- SOUZA, Francisco Weliton Oliveira Araújo. Arquivo e Centro de Documentação: semelhanças e diferenças, teoria e prática. In: *ÁGORA*, Florianópolis, v. 26, n. 52, p. 30-48, jan./jun., 2016.

## DISCIPLINA DA SEGUNDA SÉRIE PRIMEIRO SEMESTRE

### HISTÓRIA MEDIEVAL I

Estudo histórico, conceitual e historiográfico sobre o medievo. A construção da ideia de Idade Média e suas implicações no passado e no presente. A História Medieval como campo de estudo: elementos históricos, fontes e questões teórico-metodológicas. A História Medieval no Brasil: núcleos de estudo e possibilidades de pesquisa. A Idade Média e a problemática da periodização. A transição entre a Antiguidade e a Idade Média no debate historiográfico. Abordagens historiográficas sobre os temas e processos históricos da Alta Idade Média (séculos V a X): aspectos sociais, econômicos, políticos e culturais.

### BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

- BARROS, José D'Assunção. Passagens da Antiguidade Romana ao Ocidente Medieval: leituras historiográficas de um período limítrofe. *História* [online]. 2009, vol. 28, n. 1, pp. 547-573.
- BASTOS, Mário J. M. Quatro décadas de História Medieval no Brasil: contribuições à sua crítica. *Diálogos*, v. 20, n.3, 2016, p. 2-15.
- BASTOS, Mário J. M.; RUST, Leandro D. *Translatio Studii. A História Medieval no Brasil*. Signum, n. 10, 2009, p. 163-188.
- DUBY, Georges. *A Europa na Idade Média*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- DUBY, Georges. *Guerreiros e camponeses: os primórdios do crescimento econômico europeu - séculos VII a XII*. Lisboa: Estampa, 1989.
- ESPINOSA, Fernanda. *Antologia de textos históricos medievais*. Lisboa: Sá da Costa, 1972.
- FRANCO JÚNIOR, Hilário. *Idade Média, nascimento do Ocidente*. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2001.
- FRIGUETTO, Renan. *Antiguidade Tardia: Roma e as Monarquias Romano-Bárbaras*. Curitiba: Juruá, 2012.
- HEERS, Jacques. *A Idade Média: uma impostura*. Lisboa: Asa, 1994.
- LE GOFF, Jacques. *A História deve ser dividida em pedaços?* São Paulo: Unesp, 2015.
- LE GOFF, Jacques. *Em busca da Idade Média*. 6ª ed. Rio de Janeiro, 2014.
- LE GOFF, Jacques. *Para um novo conceito de Idade Média*. Lisboa, Estampa, 1981.
- MARROU, Henri-Irénée. *Decadência romana ou antiguidade tardia?* Lisboa: Aster.
- MCEVEDY, Colin. *Atlas da História Medieval*. Lisboa: Ulisseia, 1973.
- DE LIBERA, Alain. *Pensar na Idade Média*. São Paulo: Editora 34, 1999.

### HISTÓRIA DO BRASIL III

A independência e a estruturação da ordem monárquica. A sociedade escravista no Brasil Império: cotidiano e resistências. Pobres livres e libertos na ordem escravocrata. A construção do espaço territorial e a consolidação do poder da elite agrária exportadora. A crise do Império: contestações sociais e as transformações institucionais no final do século XIX. Trabalhos práticos com atividades extensionistas relacionadas a temáticas diversas da disciplina.



## **BIBLIOGRAFIA BÁSICA:**

- AZEVEDO, Célia Maria M. Onda negra, medo branco: o negro no imaginário das elites do século XIX. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1987.
- CARVALHO, José Murilo de. A construção da ordem: a elite política imperial. Teatro de Sombras: a política imperial. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- DORÉ, Andréa; LIMA, Luís Filipe S.; SILVA, Luiz Geraldo (orgs.). Facetas do Império na História. São Paulo: Aderaldo & Rothschild; Brasília, DF: Capes, 2008.
- GRINBERG, Keila; SALLES, Ricardo (orgs.). O Brasil Imperial. volume II: 1831-1870. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017. 4ª edição.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. Raízes do Brasil. São Paulo: Cia. Das Letras. 1995.
- IZECKSOHN, Vitor. A guerra do Paraguai. In: GRINBERG, Keila; SALLES, Ricardo (orgs.). O Brasil Imperial, volume II: 1831-1870. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017. 4ª edição.
- JANCSÓ, István (org.). Brasil, Formação do Estado e na Nação. São Paulo: Hucitec; Unijuí; Fapesp, 2003.
- JANOTTI, Maria de L.M.. A balaiada. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- MAMIGONIAN, Beatriz. Africanos livres: A abolição do tráfico de escravos no Brasil. São Paulo: Cia das Letras, 2017.
- NOVAIS, Fernando (coord.). História da vida privada no Brasil Império: a corte e a modernidade nacional. São Paulo: Cia das Letras, 1997.
- REIS, João Carlos. Rebelião escrava no Brasil. SP. Cia das Letras, 2003.
- SALLES, Vicente. Memória da Cabanagem esboço do pensamento político revolucionário no Grão-Pará. Belém: CEJUP, 1992.
- SOUZA, Paulo Cesar. A sabinada. S.P.: Cia das Letras, 2009.

## **TEORIA DA HISTÓRIA E HISTORIOGRAFIA II**

Concepções de história na Idade Média e no Renascimento. Teleologias e sentidos da história. Cultura histórica e gêneros historiográficos: anais, genealogias, crônicas, história eclesiástica. O humanismo e a querela dos antigos e dos modernos. O nascimento da erudição.

## **BIBLIOGRAFIA BÁSICA:**

- ARIÈS, Philippe. O tempo da história. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989.
- BOURDÉ, Guy e MARTIN, Hervé. As escolas históricas. Lisboa: Europa-América, 1992.
- CARBONELL, Charles-Olivier. A historiografia: Lisboa: Teorema, [s.d.].
- GRAFTON, Anthony. As origens trágicas da erudição: Pequeno tratado sobre a nota de rodapé. São Paulo, SP: Papyrus, 1998.
- HORKHEIMER, Max. Origens da filosofia burguesa da história. Lisboa: Editorial Presença, 1984.
- KOSELLECK, Reinhart et al. O conceito de história. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.
- KOSELLECK, Reinhart. Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto/Ed. PUC-RIO, 2006.
- LE GOFF, Jacques. Memória e história. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1994.
- LEFEVRE, George. El nacimiento de la historiografia moderna. Barcelona: Martinez Roca, 1974.
- LÖWITH, Karl. O sentido da história. Lisboa: Edições 70, 1991.
- MOMIGLIANO, Arnaldo. As raízes clássicas da historiografia moderna. Bauru: Edusc, 2004.
- MURARI PIRES, Francisco (Org.). Antigos e modernos: diálogos sobre a (escrita) da história. São Paulo: Alameda, 2009.
- YATES, Frances A. A arte da memória na Idade Média. A arte da memória. Campinas, SP: Editora UNICAMP, 2007.





## **PESQUISA EM HISTÓRIA III**

O trabalho do historiador com fontes iconográficas: a imagem como documento e como monumento; da análise iconográfica e iconológica à história cultural da imagem. Oficina prática e manuseio de fontes iconográficas. Trabalhos práticos com atividades extensionistas relacionadas a temáticas diversas da disciplina.

## **BIBLIOGRAFIA BÁSICA:**

- BURKE, Peter. Testemunha ocular: história e imagem. Bauru/SP: EDUSC, 2004.
- CARDOSO, Ciro F.; MAUAD, Ana Maria. História e imagem: os exemplos da fotografia e do cinema. In: CARDOSO, C. F.; VAINFAS, R. Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- CIAVATTA, Maria. O mundo do trabalho em imagens: a fotografia como fonte histórica (Rio de Janeiro, 1900-1930). Rio de Janeiro: DPA, 2002.
- COELHO NETO, J. Teixeira. Semiótica, informação e comunicação. São Paulo: Perspectiva, 1989.
- FABRIS, Annateresa (Org.). Fotografia: usos e funções no século XIX. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998. \_\_\_\_\_. Identidades virtuais: uma leitura do retrato fotográfico. Belo Horizonte: UFMG, 2004.
- FREUND, Gisele. La fotografia como documento social. Barcelona: Gustavo Gili, 1976.
- GINZBURG, Carlo. Medo, reverência, terror: quatro ensaios de iconografia política. São Paulo: Cia. Letras, 2014.
- KOSSOY, Boris. Dicionário histórico-fotográfico brasileiro: fotógrafos e ofício da fotografia no Brasil (1833-1910). São Paulo: Instituto Moreira Sales, 2002a. \_\_\_\_\_. Fotografia e história. 2. ed. rev. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.
- SANTOS, Francieli Lunelli. Arranjos fotográficos, arranjos familiares: representações sociais em retratos de família do Foto Bianchi (Ponta Grossa, 1910-1940). Ponta Grossa (Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas), UEPG, 2009.
- VOVELLE, Michel. Imagens e imaginário na História. São Paulo: Ática, 1997.

## **PATRIMÔNIO I**

Introdução ao conceito de patrimônio. Debates teóricos referentes ao patrimônio cultural. Tipologias de patrimônio. Legislação sobre patrimônio. Educação patrimonial.

## **BIBLIOGRAFIA BÁSICA:**

- ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (orgs.). Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, 320 p.
- CANANI, Aline S. K. B. Herança, sacralidade e poder: sobre as diferentes categorias do patrimônio histórico e cultural no Brasil. Horizontes Antropológicos. Porto Alegre: UFRGS, ano 11, n. 23, jan.jun 2005, p. 163-175. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ha/v11n23/a09v1123.pdf> Acesso em: 08.fev.2017.
- CANDAU, Joël. Memória e identidade. São Paulo: Contexto, 2016, 219 p.
- CHOAY, Françoise. A alegoria do patrimônio. São Paulo: UNESP, 2001.
- FONSECA, Maria Cecília L. O patrimônio em processo: trajetória da política federal de preservação no Brasil. Rio de Janeiro, Ed. UFRJ, 2009.
- KERSTEN, Márcia S. A. Os rituais do tombamento e a escrita da história. Curitiba: UFPR, 2000.
- MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. O campo do patrimônio cultural: uma revisão de premissas. In: FÓRUM NACIONAL DO PATRIMÔNIO CULTURAL: DESAFIOS, ESTRATÉGIAS E EXPERIÊNCIAS PARA UMA NOVA GESTÃO, 1., 2009, Ouro Preto. Anais do I Fórum Nacional do Patrimônio Cultural. Brasília: IPHAN, 2009. v. 1. p. 25-40.
- MINISTÉRIO da Cultura. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. O registro do patrimônio imaterial: dossiê final das atividades da comissão e do grupo de trabalho patrimônio imaterial. Brasília: Ministério da Cultura; Instituto do Patrimônio Histórico e



Artístico Nacional, 4 ed., 2006, 140 p. Disponível em: [http://portal.iphan.gov.br/uploads/.../PatImaDiv\\_ORregistroPatrimoniomaterial\\_1Edicao](http://portal.iphan.gov.br/uploads/.../PatImaDiv_ORregistroPatrimoniomaterial_1Edicao) Acesso em: 14.nov.2017.

SENADO Federal. Patrimônio imaterial: disposições constitucionais, normas correlatas, bens imateriais registrados. Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 2012, 85 p. Disponível em:

<http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/496320/000934175.pdf> Acesso em: 13.fev.2018.

SILVA, Zélia Lopes da. Arquivos, patrimônio e memória: trajetórias e perspectivas. São Paulo: UNESP, 1999.

## DISCIPLINAS DA SEGUNDA SÉRIE SEGUNDO SEMESTRE

### HISTÓRIA MEDIEVAL II

Abordagens historiográficas sobre os temas e processos históricos da Idade Média Central (séculos XI a XIII) e da Baixa Idade Média (séculos XIV e XV): aspectos sociais, econômicos, políticos e culturais.

### BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

ANDERSON, Perry. Passagens da Antiguidade ao Feudalismo. Porto: Afrontamento, 1982.

BARTHÉLEMY, Dominique. A Cavalaria. São Paulo: Unicamp, 2010. BASCHET, Jérôme. A civilização feudal: do ano mil à colonização da América. São Paulo: Globo, 2006.

DUBY, Georges. Ano 1000, ano 2000: na pista de nossos medos. São Paulo: Unesp/Imprensa Oficial do Estado, 1999.

DUBY, Georges. As três ordens ou o imaginário do feudalismo. Lisboa: Estampa, 1982.

DUBY, Georges. Guerreiros e Camponeses: os primórdios do crescimento econômico europeu. Lisboa: Estampa, 1989.

DUBY, Georges. Idade Média, idade dos homens: do amor e outros ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

ESPINOSA, Fernanda. Antologia de textos históricos medievais. Lisboa: Sá da Costa, 1972.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. As Cruzadas. São Paulo: Brasiliense, 1981.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. As utopias medievais. São Paulo: Brasiliense, 1992.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. Feudalismo: uma sociedade religiosa, guerreira e camponesa. São Paulo: Moderna, 1999.

GANSHOF, François L. Que é o feudalismo? Lisboa: Europa-América, 1968.

HEERS, Jacques. O Ocidente nos séculos XIV e XV: aspectos econômicos e sociais. São Paulo: Pioneira/Edusp, 1981. HUIZINGA, Johan. O outono da Idade Média. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

LE GOFF, Jacques. A bolsa e a vida: economia e religião na Idade Média. São Paulo: Brasiliense, 2004.

LE GOFF, Jacques. O apogeu da cidade medieval. São Paulo: Martins Fontes, 1992. 65

LE GOFF, Jacques. Os intelectuais na Idade Média. 2ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

LE GOFF, Jacques; TRUONG, Nicolas. Uma história do corpo na Idade Média. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

QUEIROZ, Tereza A. P. de. As heresias medievais. São Paulo: Atual, 1988.

RICHARDS, Jeffrey. Sexo, desvio e danação: as minorias na Idade Média. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

VERGER, Jacques. Homens e saber na Idade Média. Bauru: Edusc, 1999.

### HISTÓRIA DO BRASIL IV

A sociedade brasileira durante a Primeira República: questões políticas, processos de imigração, urbanização e industrialização. Movimentos sociais no campo e na cidade. Sociabilidade e cultura.



## **BIBLIOGRAFIA BÁSICA:**

- BATALHA, Cláudio Henrique de Moraes. O movimento operário na Primeira República. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- CARVALHO, José Murilo de. Pontos e bordados: escritos de história e política. Belo Horizonte: UFMG, 1999.
- CARVALHO, José Murilo de. Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- CASTRO SANTOS, Luiz Antônio de. Poder, ideologias e saúde no Brasil da Primeira República: ensaio de sociologia histórica. In: HOCHMAN, Gilberto (Org.). Cuidar, controlar, curar: ensaios históricos sobre saúde e doença na América Latina e Caribe. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2004.
- FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (orgs.). O Brasil republicano. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. Vol. 1.
- GOMES, Ângela de Castro; FERREIRA, Marieta de Moraes. Primeira República: um balanço historiográfico. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 2, n. 4, p. 244-280, 1989.
- GALVÃO, Walnice Nogueira. O império de Belo Monte: vida e morte em Canudos. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001.
- NAPOLITANO, Marcos. História do Brasil República: da queda da Monarquia ao fim do Estado Novo. São Paulo: Contexto, 2016.
- PEREIRA, Leonardo. As barricadas da saúde: vacina e protesto popular no Rio de Janeiro da Primeira República. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2002.
- SEVCENKO, Nicolau. Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 1920. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- SCHWARCZ, Lília Moritz. Nem preto nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na sociabilidade brasileira. São Paulo: Claro Enigma, 2012.
- WEHLING, Arno et al. 100 anos do Contestado: memória, história e patrimônio. Florianópolis: MPSC, 2013.
- WOITOWICZ, Karina Janz. Imagem contestada: a guerra do contestado pela escrita do diário da tarde (1912-1916). Ponta Grossa: UEPG, 2015.
- VISCARDI, Cláudia M. R. O teatro das oligarquias: uma revisão da política do café com leite. 2. ed. Belo Horizonte: Fino Traço, 2012

## **TEORIA DA HISTÓRIA E HISTORIOGRAFIA III**

Concepções de história na modernidade. Iluminismo: historiografia e filosofias da história. História e ciência no século XIX. Historicismos.

## **BIBLIOGRAFIA BÁSICA:**

- CASSIRER, Ernst. A filosofia do iluminismo. Campinas, SP: Ed. Da Unicamp, 1992.
- DELACROIX, Christian; DOSSE, François; GARCIA, Patrick. As correntes históricas na França: século XIX e XX. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012.
- DILTHEY, W. A construção do mundo histórico nas ciências humanas. São Paulo: Editora UNESP, 2010. Edusp, 1992.
- GAY, Peter. O estilo na história: Gibbon, Ranke, Macaulay, Burckhardt. São Paulo, Companhia das Letras, 1990.
- HARTOG, François. O século XIX e a história: o caso Fustel de Coulanges. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2003.
- HOBSBAWN, Eric (Org). História do marxismo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989, v. 1.
- HOBSBAWN, Eric. Sobre história. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- LANGLOIS, Charles-Vitor; SEIGNOBOS, Charles. Introdução aos estudos históricos. São Paulo: Editora Renascença, 1946.
- MARX, K. ENGELS F. A Ideologia Alemã. São Paulo: Martins Fontes, 2007.



- MARX, Karl e ENGELS, F. História. Organizador [da coletânea] Florestan Fernandes. São Paulo: Ática, 1983.
- MEINECKE, Friedrich. El historicismo y su genesis. México: Fondo de Cultura Económica, 1982.
- NIETZSCHE, Friedrich. Das utilidades e dos inconvenientes da história para a vida, In: Considerações Intempestivas, II. Lisboa: Presença, 1976.
- PROST, Antoine. Doze lições sobre história. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.
- RANKE, Leopold. História. Organizador [da coletânea] Sérgio Buarque de Holanda. São Paulo: Ática, 1979.
- SILVA, Glaydson José da (Org.). A "Escola metódica". Campinas, SP: IFCH/Unicamp, jul. 2006 (Textos Didáticos)
- VARELLA, Flávia et al. (orgs.). A dinâmica do historicismo: revisitando a historiografia moderna. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2008.
- WEHLING, Arno. A invenção da história: estudos sobre o historicismo. Rio de Janeiro: Ed. UFF, 1994.
- WHITE, Hayden. Meta-história: a imaginação histórica do século XIX. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1995.

## **PESQUISA EM HISTÓRIA IV**

Estudo da história oral e das linguagens audiovisuais na investigação histórica e na produção historiográfica. Articulações entre memória, narrativa, oralidade e visualidade na escrita e comunicação do conhecimento histórico. Estudo dos aspectos éticos da produção e circulação das memórias na história oral e suas metodologias. Usos teóricos e metodológicos da história oral em narrativas audiovisuais e do conhecimento no campo das ciências humanas.

## **BIBLIOGRAFIA BÁSICA**

- ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. In: PINSK, CARLA BASSANEZI (Org.). Fontes históricas. São Paulo: Contexto, 2006.
- \_\_\_\_\_. Ouvir contar. Textos em história oral. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2004.
- FENELON, Déa Ribeiro (Org.). Muitas memórias, outras histórias. Olho d'Água, 2004.
- FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina (Orgs.). Usos e abusos da história oral. Editora FGV, 2015.
- FERREIRA, Marieta de Moraes. História oral: velhas questões, novos desafios. In: VAINFAS, RONALDO; CARDOSO, CIRO F. (Org.). Novos domínios da História. Rio de Janeiro: Elsevier Brasil, 2012.
- KHOURY, Yara Aun (Org.). Outras histórias: memórias e linguagens. São Paulo: Olho D'Água, 2006.
- MAUAD, Ana Maria. História, iconografia e memória. Os desafios contemporâneos da história oral. Campinas: CMU/Unicamp, 1997.
- PORTELLI, Alessandro. Forma e significado na história oral. A pesquisa como um experimento em igualdade. Projeto História, v. 14, p. 7–24, fev. 1997
- \_\_\_\_\_. O que faz a história oral diferente. Projeto História, v. 14, fev. 1997.
- RICOEUR, Paul. A memória, a história, o esquecimento. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

## **PATRIMÔNIO II**

Conceito de patrimônio cultural na atualidade. Campo disciplinar e profissional relacionado ao patrimônio cultural no Brasil. A institucionalização da preservação do patrimônio cultural no Brasil: ações, projetos culturais, projetos educativos e conhecimento histórico. Trabalhos práticos com atividades extensionistas relacionadas a temáticas diversas da disciplina.

## **BIBLIOGRAFIA BÁSICA:**



ASSOCIAÇÃO Brasileira de Antropologia. Antropologia e patrimônio cultural: diálogos e desafios contemporâneos. Blumenau: Nova Letra, 2007, p. 263-285.

ANDRADE, Anna Maria. TATOO, Nilto. Inventário cultural de quilombos do Vale do Ribeira. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2013, 380 p. Disponível em: [https://issuu.com/instituto-socioambiental/docs/pdf-publicacao-final\\_inventario](https://issuu.com/instituto-socioambiental/docs/pdf-publicacao-final_inventario) Acesso em: 15.mar.2018.

CASTELLS, Alicia N. G de; NARDI, Letícia (orgs.). Patrimônio cultural e cidade contemporânea. Florianópolis: Editora da UFSC, 2012, p. 253-274.

FONSECA, Maria Cecília L. O patrimônio em processo: trajetória da política federal de preservação no Brasil. Rio de Janeiro, Ed. UFRJ, 2009.

FREIRE, Beatriz Muniz. O inventário e o registro do patrimônio imaterial: novos instrumentos de preservação. Cadernos do LEPAARQ: textos de Antropologia, 68 Arqueologia e Patrimônio. Pelotas: Editora da UFPEL, v. II, n. 3, jan-jul 2005, p. 11- 20. Disponível em:

<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/lepaarq/article/download/1047/938> Acesso em: 12.fev.2018.

GIOVANAZ, Marlise. Pedras e emoções: os percursos do patrimônio. Em Questão. Porto Alegre: UFRGS, v. 13, n.2, p. 235-242, jul-dez 2007. Disponível

em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/2982/2019> Acesso em: 11.fev.2018.

ICOMOS. Declaração de Québec. Disponível em: [https://www.icomos.org/images/DOCUMENTS/Charters/GA16\\_Quebec\\_Declaration\\_Final\\_PT.pdf](https://www.icomos.org/images/DOCUMENTS/Charters/GA16_Quebec_Declaration_Final_PT.pdf) Acesso em: 25.fev.2018.

INSTITUTO do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Inventário nacional de referências culturais: manual de aplicação. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2000, 156 p. Disponível em: [http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Manual\\_do\\_INRC.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Manual_do_INRC.pdf) Acesso em: 05.out.2016.

KERSTEN, Márcia S. A. Os rituais do tombamento e a escrita da história. Curitiba: UFPR, 2000.

SILVA, Zélia Lopes da. Arquivos, patrimônio e memória: trajetórias e perspectivas. São Paulo: UNESP, 1999.

## DISCIPLINAS DA TERCEIRA SÉRIE PRIMEIRO SEMESTRE

### HISTÓRIA DA AMÉRICA I

Análise temática-historiográfica de processos históricos referentes à colonização da América Hispânica. Meso América e os Andes Centrais. Da descoberta à conquista: unificação da coroa espanhola e as grandes navegações. Dinâmicas da conquista espanhola. Crônicas e cronistas: os diversos enfoques sobre a vida na América Colonial. América Colonial: natureza americana, meio ambiente, setores produtivos e relações de trabalho. Sociedade colonial: relações étnico-racial, diversidades, pluralismo das tradições e as mestiçagens na construção de uma cultura colonial. Trabalhos práticos com atividades extensionistas relacionadas a temáticas diversas da disciplina.

### BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

BERNARD & GRUZINSKI, Serge. História do Novo Mundo. Vol. 1: Da descoberta à conquista, uma experiência européia (1492-1550). Vol. 2: As mestiçagens. São Paulo: Edusp, 1997 e 2006.

BETHELL, Leslie (org.). História da América Latina. América Latina Colonial. 3 vols (v. 1, 2 e 3.). São Paulo/ Brasília: EDUSP/ Fundação Alexandre de Gusmão, 1998-1999.

CABEZA DE VACA, Álvar Núñez. Naufrágios e comentários. Curitiba: Farol do Saber, 1995.

CIEZA DE LEÓN, Pedro. Crónica del Perú (1550-54). Caracas: Fundación Biblioteca Ayacucho, 2005.

CORTÉS, Hernán. Cartas de Relación (Sevilla, 1522). México: Porrúa, 1983.



DE LAS CASAS, Frei Bartolomé. Brevíssima Relação da Destruição das Índias. Porto Alegre: L &PM, 1984.

ELLIOT, John H. O velho mundo e o novo: 1492-1650. Lisboa: editorial Querco, 1984 (1970).

GARCILASO DE LA VEGA, Inca. Comentarios reales de los Incas e Historia general del Perú (1609). México: Porrúa, 2006.

GÓMARA, Francisco López de. Historia de la conquista de México. México: Porrúa, 2006.

LEHMANN, Henri. As civilizações pré-colombianas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

## HISTÓRIA MODERNA I

Análise temático-historiográfica de processos históricos referentes ao processo de modernização da cultura e da sociedade europeias. A crise do feudalismo e o nascimento do capitalismo. A formação dos Estados Modernos. As múltiplas dimensões e implicações do Renascimento europeu.

### BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

APOSTOLIDÉS, Jean-Marie. O rei-máquina: espetáculo e política no tempo de Luís XIV. Rio de Janeiro: José Olympio, Brasília: EDUnB, 1993.

ANDERSON, Perry. Linhagens do Estado Absolutista. 3a ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

BURKE, Peter. Cultura Popular na Idade Moderna, São Paulo: Cia das Letras, 1989.

\_\_\_\_\_. O Renascimento. Lisboa: Edições Texto e Grafia, 2008.

DELUMEAU, Jean. A civilização do Renascimento. Lisboa: Editorial Estampa, 1984.

\_\_\_\_\_. História do medo no ocidente: 1300-1800, uma cidade sitiada. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

DELLA MIRANDOLA, Pico. A Dignidade do Homem. Coleção Grandes Obras do Pensamento Universal. São Paulo: Editora Escala, s.d.

FALCON, Francisco; RODRIGUES, Antônio E. A formação do mundo moderno: a construção do Ocidente dos séculos XIV ao XVIII. 2a ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.

GARIN, Eugénio. Idade Média e Renascimento. Lisboa: Editorial Estampa, 1989.

SEVCENKO, Nicolau. O Renascimento. São Paulo: Saraiva, 2004. WALLERSTEIN, Immanuel. O sistema mundial moderno. v. 1. Porto: Afrontamento, 1990.

WOOD, Ellen M. A origem do capitalismo. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

## HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA I

Análise e debate temático-historiográfico das mudanças e permanências observadas nas dimensões sociais, econômicas e culturais, com sua contrapartida nas sociabilidades, sensibilidades e representações, durante o processo de consolidação das sociedades contemporâneas no “longo século XIX” (1789-1914), com ênfase nos processos revolucionários.

### BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

BAUMER, Franklin L. O pensamento europeu moderno. 2 vol. Lisboa: Edições 70, 1990.

BLANNING, T. C. W. Aristocratas versus burgueses? A Revolução Francesa. São Paulo: Ática, 1991.

CHARTIER, Roger. Origens culturais da Revolução Francesa. São Paulo: UNESP, 2009.

DARNTON, Robert. Os best-sellers proibidos da França pré-revolucionária. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

DOYLE, William. O Antigo Regime. São Paulo: Ática, 1991.

ELIAS, Norbert. A sociedade de corte: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

FURET, François; OZOUF, Mona. Dicionário crítico da Revolução Francesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

HOBBSAWM, Eric. A era das revoluções. 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.



MAYER, Arno. A força da tradição: a persistência do Antigo Regime (1848-1914). São Paulo: Cia. das Letras, 1991.

RUDÉ, George. Ideologia e protesto popular. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

\_\_\_\_\_. A multidão na história: estudos dos movimentos populares na França e na Inglaterra (1730-1848). Rio de Janeiro: Campus, 1991.

THOMPSON, E. P. A formação da classe operária inglesa. 3 vol., 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2012.

## TEORIA DA HISTÓRIA E HISTORIOGRAFIA IV

Concepções de história na contemporaneidade. História e ciências sociais. História e memória. O pós-moderno e a crise dos modelos explicativos. A nova história cultural e os jogos de escala.

### BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

ANKERSMIT, F. R. A escrita da história: a natureza da representação histórica. Londrina: EDUEL, 2012. 71

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito da História, in Magia e técnica, arte e política. Obras Escolhidas, V. 1: Ensaios sobre literatura e história da cultura. 6ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.

BRAUDEL, Fernand. Escritos sobre a história. 2ª. ed. São Paulo: Perspectiva, 1992.

BURKE, Peter (Org.). A escrita da história: novas perspectivas. São Paulo: Editora UNESP, 1992.

CERTEAU, Michel de. A escrita da história. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CHARTIER, Roger. À beira da falésia: A história entre certezas e inquietudes. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2002.

FEBVRE, Lucien. Combates pela história. Lisboa: Editorial Presença, 1977.

FOUCAULT, M. A arqueologia do saber. 4ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

GINZBURG, Carlo. A micro-história e outros ensaios. Lisboa: Difel/Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991.

HUNT, Lynn (Org.). A nova história cultural. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

REVEL, Jacques. A invenção da sociedade. Lisboa: Difel, s/d. REVEL, Jacques. Proposições: ensaios de história e historiografia. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009.

REVEL, J. Jogos da escala: a experiência da micro-análise. Rio de Janeiro: Editorada da Fundação Getúlio Vargas, 1998.

RICOEUR, Paul. A memória, a história e o esquecimento. Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 2007.

THOMPSON, E. P. Folclore, antropologia e história social. In. As peculiaridades dos ingleses e outros artigos. Campinas: Ed. Unicamp, 2001.

THOMPSON, E. P. A miséria da teoria ou um planetário de erros: crítica ao pensamento de Althusser. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editora, 1981.

VEYNE, Paul. Como se escreve a história. Lisboa: Edições 70, 1983.

WHITE, Hayden. Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura. São Paulo: Editora da EDUSP, 2014.

## PESQUISA EM HISTÓRIA V

Elaboração de pré-projeto de pesquisa: definição de tema e de fontes para a realização do trabalho de conclusão de curso.

### BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. História: a arte de inventar o passado. Bauru: EDUSC, 2007.

CARDOSO, Ciro F.; VAINFAS, Ronaldo (orgs.) Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997.



CARDOSO, Ciro F.; VAINFAS, Ronaldo (orgs.) Novos domínios da história. Rio de Janeiro: Campus, 2012.

FREITAS, Marcos C. Historiografia brasileira em perspectiva. São Paulo: Contexto, 2005.

GUZZELLI, Cesar A. B.; PETERSEN, Sílvia R. F.; SCHMIDT, Benito B.; XAVIER, Regina C. L. Questões de teoria e metodologia da história. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2000.

HOBBSAWM, Eric J. Sobre História: ensaios. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

LE GOFF, Jacques & NORA, Pierre. História: novos problemas; novos objetos; novas abordagens. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

NOVAIS, Fernando A; SILVA, Rogério F. (Org.). Nova história em perspectiva. Propostas e desdobramentos (v. 1). São Paulo: Cosac Naify, 2011.

NOVAIS, Fernando A; SILVA, Rogério F. (Org.). Nova história em perspectiva. Propostas e desdobramentos (v. 2). São Paulo: Cosac Naify, 2013.

PINSKY, Carla B. (org.). Fontes históricas. São Paulo: Contexto, 2005.

SILVA, Edson A; SILVA, Joseli M. Construindo a ciência: elaboração crítica de projetos de pesquisa. Curitiba: Pós-Escrito, 2009.

## **INTRODUÇÃO AO ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM HISTÓRIA**

Instituições públicas, privadas e organizações não-governamentais credenciadas e conveniadas com a Universidade Estadual de Ponta Grossa. Construção do plano individual de estágio: inventário de possibilidades. Ética e comportamento no mundo do trabalho contemporâneo.

## **BIBLIOGRAFIA BÁSICA:**

ALMEIDA, Filipe. Organizações, pessoas e novas tecnologias. Coimbra: Quarteto Editora, 2001.

\_\_\_\_\_. Ética e desempenho social das organizações: um modelo teórico de análise dos fatores culturais e contextuais. Rev. adm. contemp., Set 2007, vol.11, no.3, p.105-125.

FERNANDES, Rubem César. Privado porém público: o terceiro setor na América Latina. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

MATOS, Maria Izilda S. de. Terceiro setor e gênero: trajetórias e perspectivas. São Paulo: Cultura Acadêmica: Instituto Presbiteriano Mackenzie, 2005.

OLIVEIRA, Nucia Alexandra Silva de. História e internet: conexões possíveis. In: Tempo e Argumento, v. 6 n.12, 2014.

RODRIGUES, Rogério Rosa (Org.). Possibilidades de Pesquisa em História. São Paulo: Contexto, 2017.

VALENTI, Geni Dornelles; SINVAL, Regina Schiavine da Trabalho criativo e ética: o início da nova história. Rev. adm. empres., Fev 1995, vol.35, no.1, p.22-29.

PADRÓS, Enrique Serra. Os desafios na produção do conhecimento histórico sob a perspectiva do tempo presente. In: Anos 90, Porto Alegre, v. 11, n. 19/20, p.199-223, jan./dez. 2004.

PINHEIRO, Adriana de Alencar Gomes; CIOATTO, Roberta Marina Apropriação Indevida de Palavras Articuladas em Textos Científicos: a justiça restaurativa como possibilidade de resolução dos conflitos gerados. In: Sequência (Florianópolis), Dez 2018, no.80, p.75-95.

SILVA, Zélia Lopes da. Arquivos, patrimônio e memória: trajetórias e perspectivas. São Paulo: UNESP, 1999.

## **DISCIPLINAS DA TERCEIRA SÉRIE SEGUNDO SEMESTRE**

### **HISTÓRIA MODERNA II**

Análise temático-historiográfica de processos históricos referentes ao processo de modernização da cultura e da sociedade europeias. Religiosidade e crenças na modernidade. Subjetividades e sociabilidades modernas. Revolução científica. Iluminismo.





## **BIBLIOGRAFIA BÁSICA:**

- BAUMER, Franklin L. O pensamento europeu moderno. Vol. 1. Séculos XVII e XVIII. Lisboa: Edições 70, s.d.
- CASSIRER, Ernst. A filosofia do Iluminismo. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.
- DARNTON, Robert. O grande massacre dos gatos. Rio de Janeiro: Graal, 1986.
- DELUMEAU, Jean. Nascimento e afirmação da Reforma. São Paulo: Pioneira, 1989
- ELIAS, Norbert. O processo civilizador. Rio de Janeiro: Zahar, 1990, vol.1.
- GALILEI, Galileu. Ciência e fé: cartas de Galileu sobre o acordo do sistema copernicano com a Bíblia. São Paulo: Editora da UNESP, 2009.
- GOULD, Stephen Jay. Seta do tempo, ciclo do tempo: mito e metáfora na descoberta do tempo geológico. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- GINZBURG, Carlo. O queijo e os vermes. O cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo: Cia das Letras, 1987.
- LEVACK, Brian P. A caça às bruxas na Europa moderna. Rio de Janeiro: Campus, 1988.
- ROSSI, Paolo. O nascimento da ciência moderna na Europa. Bauru/S.P, Edusc, 2001.

## **HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA II**

Análise e debate temático-historiográfico das mudanças e permanências observadas nas dimensões sociais, econômicas e culturais, com sua contrapartida nas sociabilidades, sensibilidades e representações, durante o processo de consolidação das sociedades contemporâneas no “longo século XIX” (1789-1914), com ênfase em personagens e movimentos sociais emergentes.

## **BIBLIOGRAFIA BÁSICA:**

- ARTHUR, Max. Vozes esquecidas da Primeira Guerra Mundial. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.
- CORBIN, Alain. (Dir.). História da virilidade: o triunfo da virilidade (o século XIX). Petrópolis: Vozes, 2013.
- FURET, François (Dir.). O homem romântico. Lisboa: Presença, 1999.
- GAY, Peter. A experiência burguesa: da rainha Vitória à Freud: a educação dos sentidos. São Paulo: Cia. Letras, 1989.
- HOBSBAWM, Eric. A era dos impérios (1875-1914). 13. ed. rev. São Paulo: Paz e Terra, 2009.
- \_\_\_\_\_. Nações e nacionalismo desde 1780. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.
- MAYER, Arno. A força da tradição: a persistência do Antigo Regime (1848-1914). São Paulo: Cia. das Letras, 1991.
- PERROT, Michelle. História da vida privada: da Revolução Francesa à Primeira Guerra Mundial. São Paulo: Cia. Letras, 1995.
- \_\_\_\_\_. Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.
- SAFRANSKI, Rüdiger. Romantismo: uma questão alemã. 3. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2010.
- STANCIK, Marco A. Souvenirs da Grande Guerra (1914-1918): virilidade e feminilidade em cartões-postais franceses. Curitiba: CRV, 2017.
- WINOCK, Michel. As vozes da liberdade: os escritores engajados do século XIX. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

## **HISTÓRIA DO BRASIL V**

Revolução de 1930: debates historiográficos. Era Vargas: política, sociedade e cultura. O Estado Novo: autoritarismo, controle social e violência institucionalizada. Período democrático. JK e o nacional desenvolvimentismo. João Goulart, os movimentos sociais e a crise pré-golpe.



## **BIBLIOGRAFIA BÁSICA:**

- CAPELATTO, Maria Helena R. Multidões em Cena. Campinas: Papyrus, 1999.
- DECCA, Edgar. 1930. O Silêncio dos Vencidos. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- DULLES, John. W. Foster. O comunismo no Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- FAORO, Raymundo. Os Donos do Poder. V. 2. Rio de Janeiro: Globo, 1987.
- FAUSTO, Boris. A revolução de 1930: historiografia e história. São Paulo, 1970.
- FERREIRA, Jorge (org.) O populismo e sua história: debate e crítica. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (orgs.). O Brasil republicano. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. Vol. 2 e 3.
- FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão (orgs.) Nacionalismo e reformismo radical (1945-1964). Rio de Janeiro, 2007.
- FERREIRA, Marieta de Moraes (coord.). João Goulart: entre a memória e a história. Rio de Janeiro, FGV, 2016.
- GARCIA, Miliandre. Do teatro militante à música engajada: a experiência do CPC da UNE (1958-1964). São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2007.
- GOMES, Ângela de Castro. A invenção do trabalhismo. 3. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005.
- PRIORI, Ângelo. O Levante dos Posseiros: A revolta camponesa de Porecatu e a ação do Partido Comunista Brasileiro no campo. Maringá: Eduem, 2011.
- RIDENTI, Marcelo; REIS FILHO, Daniel Aarão (orgs.). História do marxismo no Brasil. Campinas: Unicamp, 2002. Vols. 1, 2, 3, 4 e 5.
- ROLLEMBERG, Denise; QUADRAT, Samantha Viz (orgs.). A construção social dos regimes autoritários: legitimidade, consenso e consentimento no século XX – Brasil e América Latina. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010. Vol. 2.

## **PESQUISA EM HISTÓRIA VI**

O projeto de pesquisa em história e suas partes constitutivas: aspectos formais e metodológicos. Elaboração do projeto de pesquisa em história. Seminários temáticos de pesquisa histórica.

## **BIBLIOGRAFIA BÁSICA:**

- ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. História: a arte de inventar o passado. Bauru: EDUSC, 2007.
- CARDOSO, Ciro F.; VAINFAS, Ronaldo (orgs.) Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- CARDOSO, Ciro F.; VAINFAS, Ronaldo (orgs.) Novos domínios da história. Rio de Janeiro: Campus, 2012.
- FREITAS, Marcos C. Historiografia brasileira em perspectiva. São Paulo: Contexto, 2005.
- GUZZELLI, Cesar A. B; PETERSEN, Silvia R. F.; SCHMIDT, Benito B.; XAVIER, Regina C. L. Questões de teoria e metodologia da história. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2000.
- HOBBSAWM, Eric J. Sobre História: ensaios. São Paulo: Cia das Letras, 1998.
- LE GOFF, Jacques & NORA, Pierre. História: novos problemas; novos objetos; novas abordagens. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.
- NOVAIS, Fernando A; SILVA, Rogério F. (Org.). Nova história em perspectiva. Propostas e desdobramentos (v. 1). São Paulo: Cosac Naify, 2011.
- NOVAIS, Fernando A; SILVA, Rogério F. (Org.). Nova história em perspectiva. Propostas e desdobramentos (v. 2). São Paulo: Cosac Naify, 2013.
- PINSKY, Carla B. (org.). Fontes históricas. São Paulo: Contexto, 2005.
- SILVA, Edson A; SILVA, Joseli M. Construindo a ciência: elaboração crítica de projetos de pesquisa. Curitiba: Pós-Escrito, 2009.

## **MUSEUS E ESPAÇOS DE MEMÓRIA I**



Discussão teórica da relação entre história, memória e museus ou espaços de memória. Museologia e história. Tipologia de museus. Museu Escolar.

## **BIBLIOGRAFIA BÁSICA:**

- CANCLINI, Néstor García. Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: EDUSP, 1998.
- CANDAU, Joël. Memória e identidade. São Paulo: Contexto, 2016, 219 p.
- CHAGAS, Mario de Souza; BEZERRA, Rafael Zamorano; BENCHETRIT, Sarah Fassa (orgs.). A democratização da memória: a função social dos museus iberoamericanos. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2008.
- HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Edições Vértice, 1990, 189 p.
- HALL, Stuart. Da diáspora: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008, 410 p.
- MAGALHÃES, Aline Montenegro; BEZERRA, Rafael Zamorano (orgs.). Coleções e colecionadores: a polissemia das práticas. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2012.
- MENESES, Ulpiano Bezerra de. Como explorar um museu histórico. São Paulo: Museu Paulista/USP, 1992.
- PARANÁ. Secretaria de Estado da Cultura. Princípios básicos da museologia. Curitiba: Coordenação do Sistema Estadual de Museus/Secretaria de Estado da Cultura, 2006.
- PINTO, Júlio Pimentel. Os muitos tempos da memória. Projeto História. São Paulo: Editora PUC-SP, n. 17, nov. 1998, p. 203-211.
- POLLAK, Michel. Memória e identidade social. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

## **ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM HISTÓRIA**

Atuação prática em instituições públicas, privadas ou em organizações não governamentais credenciadas e conveniadas com a Universidade Estadual de Ponta Grossa. Desenvolvimento e implementação de plano individual de estágio. Construção do relatório de estágio.

## **BIBLIOGRAFIA BÁSICA:**

- ALMEIDA, Filipe. Organizações, pessoas e novas tecnologias. Coimbra: Quarteto Editora, 2001.
- BARROS, Dirlene Santos; NEVES, Dulce Amelia. Arquivo e memória: uma relação indissociável. Transinformação, Abr. 2009, vol.21, no.1, p.55-61.
- CORAIOLA, Diego Maganhoto. Importância dos arquivos empresariais para a pesquisa histórica em administração no Brasil. Cad. EBAPE.BR, Jun 2012, vol.10, no.2, p.254-269.
- COSTA, Alessandra Sá Mello; SILVA, Marcelo Almeida de Carvalho Novas Fontes, Novas Versões: Contribuições do Acervo da Comissão Nacional da Verdade. Rev. adm. contemp., Mar 2017, vol.21, no.2, p.163-183.
- FIGUEIREDO, Miriam. Da Memória dos Trabalhadores à Memória Petrobras: história de um projeto'. Dissertação de Mestrado. CPDOC – FGV, Rio de Janeiro, 2009.
- FORJAZ, Maria Cecília Spina. História empresarial como área de pesquisa. São Paulo: FGV, 2008. Disponível em: >  
<https://pesquisaeasp.fgv.br/sites/gvpesquisa.fgv.br/files/publicacoes/Rel142008.pdf>
- SILVA, Zélia Lopes da. Arquivos, patrimônio e memória: trajetórias e perspectivas. São Paulo: UNESP, 1999.
- SILVEIRA, Sandra da Silva. Estado da arte do social: uma perscrutação às práticas de responsabilidade social empresarial. Serv. Social. Soc., Set 2010, no.103, p.532- 553.
- TENÓRIO, F. G. Gestão de ONGs: principais funções gerenciais. 9a ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.
- YOUTUBE. (2014, dezembro 10). Comissão Nacional da Verdade. Entrega do relatório final da CNV. Brasília, DF. Recuperado em 20, dezembro, 2014



Recuperado em 20, dezembro, 2014 <https://www.youtube.com/user/comissaodaverdade/>  
ZENERATTI, Gabriella Mariano Munhoz; GUEDES, Olegna de Souza Dilemas éticos e a elaboração de relatórios sociais. Rev. katálysis, Dez 2017, vol.20, no.3, p.363-372.

## DISCIPLINAS DA QUARTA SÉRIE PRIMEIRO SEMESTRE

### HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA III

Processos históricos da primeira metade do séc. XX: expansão do capitalismo monopolista e disputas imperialistas (I Guerra Mundial); crises do capitalismo, expansão e declínio dos fascismos (II Guerra Mundial); a contestação socialista soviética. Trabalhos práticos com atividades extensionistas relacionadas a temáticas diversas da disciplina.

#### BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

ARENDR, Hanna. As origens do totalitarismo. São Paulo: Companhia das Letras, 1989  
COGGIOLA, Osvaldo (org.) Segunda Guerra Mundial: um balanço histórico. São Paulo: Xamã, 1995

Da SILVA, Francisco Carlos Teixeira. Os Fascismos. In: REIS FILHO, Daniel Aarão & FERREIRA, Jorge & ZENHA, Celeste (orgs.). O século XX: o tempo das crises, revoluções, fascismos e guerras. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000

HOBBSAWM, Eric. A Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1995

\_\_\_\_\_. A Era dos Impérios. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989

LENHARO, Alcir. Nazismo: o triunfo da vontade. São Paulo; Ática, 1998

MARQUES, Adhemar & BERUTTI, Flávio & FARIA, Ricardo. História Contemporânea através de textos. São Paulo: Contexto, 1990

PROST, Antoine & VINCENT, Gérard. História da vida privada: da primeira guerra aos nossos dias. Vol. 5. São Paulo: Cia das Letras, 1992

REIS FILHO, Daniel Aarão & FERREIRA, Jorge & ZENHA, Celeste (orgs.). O século XX: o tempo das crises, revoluções, fascismos e guerras. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000

REIS FILHO, Daniel Aarão. As revoluções russas e o socialismo soviético. São Paulo: Ed. UNESP, 2003

SAID, Edward. A Cultura e o Imperialismo. São Paulo: Companhia das Letras, 1999

### HISTÓRIA DO BRASIL VI

A década de 1960 e o golpe de 1964. A década de 1970 e o recrudescimento do regime militar. Cultura e resistência na ditadura militar. A década de 1980: crise econômica e movimentos sociais. O fim da ditadura militar. A "Nova República": cidadania inconclusa. O Brasil no século XXI: economia, sociedade e cultura. Trabalhos práticos com atividades extensionistas relacionadas a temáticas diversas da disciplina.

#### BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (orgs.). O Brasil republicano. O tempo da ditadura: regime militar e movimentos sociais em fins do século XX. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010. Vol. 4.

FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (orgs.). O Brasil republicano. O tempo da Nova República: da transição democrática à crise política de 2016. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018. Vol. 5.

FICO, Carlos. Como eles agiam: os subterrâneos da ditadura militar: espionagem e polícia política. Rio de Janeiro: Record, 2001.

FICO, Carlos. Ditadura militar brasileira: aproximações teóricas e historiográficas. Tempo & Argumento, Florianópolis, v. 9, n. 20, p. 5-74, 2017.



- GARCIA, Miliandre; SOUZA, Silvia Cristina Martins. Um caso de polícia: a censura teatral no Brasil dos séculos XIX e XX. Londrina: Eduel, 2018.
- HAGEMEYER, Rafael Rosa. Caminhando e cantando: o imaginário do movimento estudantil brasileiro de 1968. São Paulo: Edusp, 2016.
- MAIA, Tatyana de Amaral. Os cardeais da cultura nacional: o Conselho Federal de Cultura na ditadura civil-militar (1967-1975). São Paulo: Itaú Cultural: Iluminuras, 2012.
- MOTTA, Rodrigo Patto Sá. As universidades e o regime militar: cultura política brasileira e modernização autoritária. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.
- MOTTA, Rodrigo Patto Sá. Em guarda contra o “perigo vermelho”: o anticomunismo no Brasil (1917-1964). São Paulo: Perspectiva: Fapesp, 2002.
- NAPOLITANO, Marcos. 1964: história do regime militar brasileiro. São Paulo: Contexto, 2014.
- NAPOLITANO, Marcos. Coração civil: a vida cultural brasileira sob o regime militar (1964-1985) – ensaio histórico. São Paulo: Intermeios: USP – Programa de Pós-Graduação em História Social, 2017.
- REIS FILHO, Daniel Aarão. Ditadura militar, esquerdas e sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000. REIS, Daniel Aarão;
- ROLLAND, Denis (orgs.). Intelectuais e modernidades. Rio de Janeiro: FGV, 2010.
- SALES, Jean Rodrigues (org.). Guerrilha e revolução: a luta armada contra a ditadura militar no Brasil. Rio de Janeiro: Lamparina, Faperj, 2015.
- SINGER, A. et al. Por que gritamos golpe? Para entender o impeachment e a crise política no Brasil São Paulo: Boitempo, 2016.

## HISTÓRIA DA AMÉRICA II

Ideias políticas nas Américas em fins do século XVIII e século XIX. As independências na América Hispânica e Anglo-Saxônica, seus impactos para as diferentes classes sociais e a formação dos Estados Nacionais Americanos. Caudilhismos. A construção das identidades nacionais e supranacionais. Nacionalismos, mitos fundadores da Nação e conflitos bélicos; Cenários culturais na virada do século XIX para o XX.

## BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

- AZEVEDO, Cecília; RAMINELLI, Ronald. História das Américas – Novas perspectivas. Rio de Janeiro. FGV, 2011
- BARSOTTI, Paulo & PERICÁS, Luís Bernardo. América Latina: História, ideias e revolução. São Paulo: Xamã, 1998
- BETHELL, Leslie (org.). História da América Latina. Vol. III. São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo; Brasília, DEFENSOR: Fundação Alexandre Gusmão, 1997.
- DONGHI, Halperin. História da América Latina. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.
- DORATIOTO, Francisco F. Monteoliva. Maldita Guerra: Nova história da Guerra do Paraguai. São Paulo: Cia das Letras, 2002.
- JAMES, C.L.R. Os jacobinos negros. Toussaint L`Ouverture e a revolução de São Domingos. São Paulo: Boitempo, 2000.
- KARNAL, Leandro (org). História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI. São Paulo: Contexto, 2014.
- MADER, M. E. Revoluções de independência na América Hispânica: uma reflexão historiográfica. Revista de História. USP, v 2, n 159, 2008. p 225-241.
- PRADO, Maria Lígia. América Latina no século XIX: tramas, telas e textos. 2 ed. São Paulo: USP, 2004.
- PRADO, Maria Lígia; PELLEGRINO, Gabriela. História da América Latina. São Paulo: Contexto, 2014.
- WASSERMAN, Claudia (org). História da América Latina: Cinco Séculos. 4ed. Porto Alegre, Editora UFRGS, 2010.



## ORIENTAÇÃO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO I

Planejamento e execução orientada de atividades de pesquisa em história.

### BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

- ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. História: a arte de inventar o passado. Bauru: EDUSC, 2007.
- CARDOSO, Ciro F.; VAINFAS, Ronaldo (orgs.) Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- CARDOSO, Ciro F.; VAINFAS, Ronaldo (orgs.) Novos domínios da história. Rio de Janeiro: Campus, 2012.
- FREITAS, Marcos C. Historiografia brasileira em perspectiva. São Paulo: Contexto, 2005.
- GUZZELLI, Cesar A. B; PETERSEN, Silvia R. F.; SCHMIDT, Benito B.; XAVIER, Regina C. L. Questões de teoria e metodologia da história. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2000.
- HOBSBAWM, Eric J. Sobre História: ensaios. São Paulo: Cia das Letras, 1998. LE GOFF, Jacques & NORA, Pierre. História: novos problemas; novos objetos; novas abordagens. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.
- NOVAIS, Fernando A; SILVA, Rogério F. (Org.). Nova história em perspectiva. Propostas e desdobramentos (v. 1). São Paulo: Cosac Naify, 2011.
- NOVAIS, Fernando A; SILVA, Rogério F. (Org.). Nova história em perspectiva. Propostas e desdobramentos (v. 2). São Paulo: Cosac Naify, 2013.
- PINSKY, Carla B. (org.). Fontes históricas. São Paulo: Contexto, 2005.
- SILVA, Edson A; SILVA, Joseli M. Construindo a ciência: elaboração crítica de projetos de pesquisa. Curitiba: Pós-Escrito, 2009.

## DISCIPLINAS DA QUARTA SÉRIE SEGUNDO SEMESTRE HISTÓRIA

### HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA IV

Processos históricos da segunda metade do séc. XX: a descolonização, a guerra fria e a bipolaridade EUA X URSS. Os movimentos de contracultura e a luta pelos direitos civis. O neoliberalismo, a crise do socialismo e os processos de mundialização.

### BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

- BARROS, Edgar Luís de. A Guerra Fria. São Paulo/Campinas: Atual/Ed UNICAMP, 1985.
- BOURDIEU, Pierre. Contrafogos: táticas para enfrentar a invasão neoliberal. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- CHESNAIS, François. A mundialização do capital. São Paulo: Xamã, 1996.
- CHESNEAUX, Jean. Modernidade-mundo: brave modern world. Petrópolis: Vozes, 1995.
- CHOMSKY, Noam. O lucro ou as pessoas: neoliberalismo e ordem global. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- FINKELSTEIN, Norman G. Imagem e realidade do conflito Israel-Palestina. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- HOBSBAWM, Eric. A Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- MARQUES, Adhemar & BERUTTI, Flávio & FARIA, Ricardo. História Contemporânea através de textos. São Paulo: Contexto, 1990.
- PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. O que é Contracultura. São Paulo: Brasiliense, 1992.
- PROST, Antoine & VINCENT, Gérard. História da vida privada: da primeira guerra aos nossos dias. Vol. 5. São Paulo: Cia das Letras, 1992.
- PURDY, Sean. O Século Americano. In: KARNAL, Leandro [et al.]. História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI. São Paulo: Contexto, 2007.
- ROZAK, Theodore. A Contracultura. Petrópolis: Vozes, 1972.
- SAID, Edward. A Questão da Palestina. São Paulo: Ed. UNESP, 2012. 82



SEGRILLO, Ângelo. O declínio da URSS: um estudo das causas. Rio de Janeiro: Record, 2000.

## **HISTÓRIA E CULTURA AFRICANA E AFROBRASILEIRA**

Estudo da História e da Cultura Africana e Afro-brasileira. Origem da humanidade na África. Expansão das tecnologias. Criação dos primeiros reinos subsaarianos. A diáspora africana: o tráfico árabe e o tráfico europeu no Atlântico. Invasão imperialista europeia e o processo de descolonização. Análise das culturas africanas e afro-brasileiras e das relações étnico-raciais no Brasil. Trabalhos práticos com atividades extensionistas relacionadas a temáticas diversas da disciplina.

### **BIBLIOGRAFIA BÁSICA:**

- BERND, Zilá. Racismo e anti-racismo. São Paulo: Moderna, 1997.
- CASHMORE, Ellis. Dicionário de relações étnicas e raciais. São Paulo: Summus/Selo Negro, 2000.
- FONSECA, Maria Nazareth Soares (org.). Brasil afro-brasileiro. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- KI-ZERBO, Joseph (org.). História Geral da África. Brasília: UFSCAR/MEC/UNESCO, 2010 (8 Volumes).
- LOPES, Nei. Enciclopédia brasileira da diáspora africana. São Paulo: Selo Negro, 2004.
- OLIVER, Roland. A experiência africana: da pré-história aos dias atuais. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.
- PINTO, Ana Flávia Magalhães. Escritos de liberdade. Literatos negros, racismo e cidadania no Brasil oitocentista. Campinas: Editora da Unicamp, 2018.
- PRANDI, Reginaldo. Mitologia dos Orixás. São Paulo: Cia. das Letras, 2000.
- SILVA, Alberto da Costa e. A enxada e a lança: a África antes dos portugueses. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.
- \_\_\_\_\_. A manilha e o libambo: a África e a escravidão; de 1500 a 1700. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/Biblioteca Nacional, 1992.
- WEDDERBURN, Carlos Moore. Novas bases para o ensino da História da África no Brasil. In: Educação anti-racista: novos caminhos abertos pela Lei Federal 10.639/2003. Brasília: MEC/SECAD, 2005.

## **HISTÓRIA DA AMÉRICA III**

Debate historiográfico sobre as Américas no século XX. Imperialismo Norte Americano na América Latina. Revoluções: Mexicana e Cubana e seus desdobramentos políticos e socioculturais; Populismos. As experiências socialistas; Ditaduras Militares: Argentina; Chile. Américas no tempo presente na perspectiva decolonial: acordos, blocos, dinâmicas sociais e novas concepções ambientais, de gênero e diversidade. Trabalhos práticos com atividades extensionistas relacionadas a temáticas diversas da disciplina.

### **BIBLIOGRAFIA BÁSICA:**

- AZEVEDO, Cecília; RAMINELLI, Ronald. História das Américas – Novas perspectivas. Rio de Janeiro. FGV, 2011
- BARBOSA, Carlos Alberto Sampaio. A fotografia a serviço de Clio; uma interpretação visual da Revolução mexicana -1900,1940-. São Paulo: Unesp, 2006.
- BARSOTTI, Paulo & PERICÁS, Luís Bernardo. América Latina: História, ideias e revolução. São Paulo: Xamã, 1998
- BAUMGARTEN, M. Sociedade, Conhecimentos e Colonialidade: Olhares sobre a América Latina. Porto Alegre: UFRGS.
- BETHELL, Leslie (org.). História da América Latina. Vol. IV. São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo; Brasília, DEFENSOR: Fundação Alexandre Gusmão,1997.



- BRINHOSA, Mario Cesar (org.). América Latina em debate: Revoluções e Movimentos Sociais. Florianópolis: Insular, 2014.
- CAMÍN, Hector Aguilar & MEYER, Lorenzo. À sombra da Revolução Mexicana – História Mexicana Contemporânea, 1910-1989. SP: Edusp, 2000.
- CERVO, Amado Luiz; RAPOPORT, Mario (orgs.). História do Cone Sul. Rio de Janeiro: Revan, 2015.
- FERREIRA, Jorge (org.). O populismo e sua história: debate e crítica. Rio: Civilização Brasileira, 2001.
- FIGARI, Carlos. Cuerpo(s), Subjetividad(es) y Conflicto(s); Hacia una sociología de los cuerpos y las emociones desde Latinoamérica. Buenos Aires: CICCUS, 2009. FLORES, Jorge Rojas. História de la infancia en el Chile Republicano (1810-2010). 2 ed. Santiago: ediciones Delajunji, 2016.
- KARNAL, Leandro (org.). História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI. São Paulo: Contexto, 2014.
- MISKULIN, Sílvia Cezar. Cultura ilhada: imprensa e Revolução Cubana (1959- 1961). São Paulo: Xamã, 2003.
- WASSERMAN, Claudia (org.). História da América Latina: Cinco Séculos. 4ed. Porto Alegre, Editora UFRGS, 2010.
- PRADO, Maria Lígia; PELLEGRINO, Gabriela. História da América Latina. São Paulo: Contexto, 2014.

## **ORIENTAÇÃO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO II**

Elaboração de trabalho de conclusão de curso a partir de atividades orientadas.

### **BIBLIOGRAFIA BÁSICA:**

- ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. História: a arte de inventar o passado. Bauru: EDUSC, 2007.
- CARDOSO, Ciro F.; VAINFAS, Ronaldo (orgs.) Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- CARDOSO, Ciro F.; VAINFAS, Ronaldo (orgs.) Novos domínios da história. Rio de Janeiro: Campus, 2012.
- FREITAS, Marcos C. Historiografia brasileira em perspectiva. São Paulo: Contexto, 2005.
- GUAZZELLI, Cesar A. B; PETERSEN, Sílvia R. F.; SCHMIDT, Benito B.; XAVIER, Regina C. L. Questões de teoria e metodologia da história. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2000.
- HOBSBAWM, Eric J. Sobre História: ensaios. São Paulo: Cia das Letras, 1998.
- LE GOFF, Jacques & NORA, Pierre. História: novos problemas; novos objetos; novas abordagens. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.
- NOVAIS, Fernando A; SILVA, Rogério F. (Org.). Nova história em perspectiva. Propostas e desdobramentos (v. 1). São Paulo: Cosac Naify, 2011.
- NOVAIS, Fernando A; SILVA, Rogério F. (Org.). Nova história em perspectiva. Propostas e desdobramentos (v. 2). São Paulo: Cosac Naify, 2013.
- PINSKY, Carla B. (org.). Fontes históricas. São Paulo: Contexto, 2005.
- SILVA, Edson A; SILVA, Joseli M. Construindo a ciência: elaboração crítica de projetos de pesquisa. Curitiba: Pós-Escrito, 2009.

## **MUSEUS E ESPAÇOS DE MEMÓRIA II**

Estudo teórico e prático de natureza extensionista aplicada a formação do profissional de História em ações, atividades educativas e projetos de acervos museológicos e/ou espaços de memória, com ênfase nas articulações entre ensino e pesquisa em abordagens trans e multidisciplinares.

### **BIBLIOGRAFIA BÁSICA:**





- BELLIDO GANT, Maria Luísa – Artes, museos y nuevas tecnologías. Gijón: Trea, 2001.
- CENTRO de Memória do Oeste de Santa Catarina. Cadernos do CEOM: museus: pesquisa, acervo, comunicação. Chapecó: Argos, 2005, n. 21.
- CHAGAS, Mario de Souza; BEZERRA, Rafael Zamorano; BENCHETRIT, Sarah Fassa (orgs.). A democratização da memória: a função social dos museus iberoamericanos. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2008.
- GUEDES, Angela Cardoso. A formação da coleção de brinquedos do Museu Histórico Nacional: memórias afetivas, história e histórias. Anais do Museu Histórico Nacional. Rio de Janeiro. vol. 42, p. 107-123, 2010.
- GOVERNO DO ESTADO DE PERNAMBUCO. EMPRESA DE TURISMO DE PERNAMBUCO - EMPETUR. Cais do Sertão. Disponível em: > <http://www.caisdosertao.org.br>
- MAGALHÃES, Aline Montenegro; BEZERRA, Rafael Zamorano (orgs.). A imaginação museal: os caminhos da democracia – relatório. Brasília: MinC/IPHAN/DEMU, 2004.
- MAGALHÃES, Aline Montenegro; BEZERRA, Rafael Zamorano; BENCHETRIT, Sarah Fassa (orgs.). Museus e comunicação: exposições como objeto de estudo. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2010.
- MELLO, Cleyson de Moraes; ALMEIDA NETO, José Rogério M. de; PETRILLO, Regina Pentagna. *Curricularização da Extensão Universitária: teoria e prática*. Valença: Ed. Unifava/Ed. Processo, 2022.
- MELO NETO, José Francisco de. Extensão universitária e produção do conhecimento. In: *Conceitos*. João Pessoa: v. 5, n. 9, p. 13-19, 2003.
- MUSEU DA PESSOA. Site. Disponível em: > <http://www.museudapessoa.net/pt/home>
- NOGUEIRA, Maria das Dores Pimentel. *Políticas de Extensão na Universidade Brasileira*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005.
- SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. Museus brasileiros e política cultural. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. v. 19, n. 55, p. 53-73, jun.2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v19n55/a04v1955.pdf> Acesso em: 08.out.2017.
- \_\_\_\_\_. Os museus brasileiros e a constituição do imaginário nacional. In: *Revista Sociedade e Estado*, XV (2): 271- 302.
- SILVA, Maria das Graças M. *Extensão: a face social da universidade?* Campo Grande: Ed. UFMS, 2000.
- SOUZA, Flávia C.A. de. WEIERS, Meriluce S. Uma experiência de educação patrimonial no Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville: provocando sensações e estimulando percepções. *Revista CPC*. São Paulo, n.9, p. 25-41, nov.2009/abr.2010.

## LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS – LIBRAS

TEORIA: (26 h) Artefatos culturais surdos. O processo histórico da comunidade surda no mundo. Os parâmetros fonológicos principais da Libras (CM.; P.A.; M.). Legislação.

PRÁTICA: (25 h) Expressões corpóreo-faciais e campos semânticos: Alfabeto datilológico; Números; Identificação Pessoal; Saudações e Gentilezas; Formas; Cores; Verbos; Estabelecimentos; Profissões.

## BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

- CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D. Dicionário enciclopédico ilustrado trilingue da língua brasileira de sinais. v. I e II. São Paulo: USP, 2001. 2 e.
- FERNANDES, S. Metodologia da educação especial. Curitiba: IBPEX, 2007.
- GESSER, A. LIBRAS? Que língua é essa? Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola, 2009.
- LODI, A. C. B.; HARRISON, K. M. P.; CAMPOS, S. R. L de; TESKE, O. (org.) Letramento e Minorias. Porto Alegre: Mediação, 2002.
- QUADROS, R. M. de; FINGER, I. Teorias de aquisição da linguagem. Florianópolis: UFSC, 2017. 3 e.



QUADROS, R. M. de; KARNOPP, L. B. Língua de Sinais Brasileira, estudos linguísticos. Porto Alegre: Artemed, 2004.

SANTANA, A. P. Surdez e linguagem: aspectos e implicações neurolinguísticas. São Paulo: Plexus, 2007.

STROBEL, K. As imagens do outro sobre a cultura surda. Florianópolis: UFSC, 2008.

WILCOX, S. & WILCOX, P. P. Aprender a ver. Petrópolis: Arara Azul, 2005.

## DISCIPLINAS OPTATIVAS – I a IV

### **PESQUISA TEMÁTICA: CINEMA, HISTÓRIA E ENSINO DE HISTÓRIA**

Discussão analítica sobre a relação História/Cinema. A produção e linguagem cinematográfica como campo de investigação histórica. As relações e possibilidades entre Ensino de História e Linguagem Cinematográfica.

### **BIBLIOGRAFIA BÁSICA:**

ABUD, Kátia Maria. A construção de uma didática da História: algumas ideias sobre a utilização de filmes no ensino. História – UNESP, São Paulo, v.22 (1), p. 183–193, 2003.

BERNADET, Jean-Claude & RAMOS, Alcides Freire. Cinema e história do Brasil. São Paulo.

BERNADET, Jean-Claude. O que é cinema. São Paulo: Brasiliense, 2004.

CARNES, Mark C. (org.). Passado imperfeito: a história no cinema. Rio de Janeiro: Record, 1997, p. 11-28.

CARRIÈRE, Jean-Claude. A linguagem secreta do cinema. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

FERRO, Marc. Cinema e História. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

MARCEL, Martin. A linguagem cinematográfica. São Paulo: Brasiliense, 2003.

NAPOLITANO, Marcos. Como usar o cinema na sala de aula. São Paulo: Contexto, 2003.

NIGRA, F. El cine y la historia de la sociedad: memoria, narracion y representación. Buenos Aires: Imago Mundi, 2016.

ROSESTONE, Robert. A história nos filmes, os filmes na história. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

### **PESQUISA TEMÁTICA: CORPO, SEXUALIDADES E DIVERSIDADE**

História do corpo e da sexualidade. O corpo e a sexualidade como discursos. Os estudos de gênero e suas contribuições para análise da diversidade sexual. Sexualidade, cultura, política e relações de poder.

### **BIBLIOGRAFIA BÁSICA:**

BRAIDOTTI, Rosi. Sujetos nômades. Buenos Aires: Paidós, 2000. “Órganos sin cuerpos” e “Hacia una nueva representación del sujeto”

BUTLER, Judith. Cuerpos que importam: sobre los limites materiales y discursivos del “sexo”. Buenos Aires: Paidós, 2005

CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. (orgs.) História do Corpo. Petrópolis: Vozes, 2008 (3 volumes).

DOSSIÊ: Corpo. Anais do Museu Paulista, São Paulo, v. 3, n. 1, 1995.

DEL PRIORE, Mary. Corpo a corpo com a Mulher. Pequena história das transformações do corpo feminino no Brasil. São Paulo: SENAC, 2000.

HARAWAY, Donna. “Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX.” In SILVA, Tomaz Tadeu da. Org. Antropologia do ciborgue. As vertigens do pós-humano. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

LOURO, Guacira. Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: \_\_\_\_\_. O corpo educado. Pedagogias da Sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 1999, p. 7-34



\_\_\_\_\_. Um corpo estranho. Ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

SANT'ANNA, Denise. Políticas do corpo. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.

\_\_\_\_\_. Corpos de passagem. Ensaios sobre a subjetividade contemporânea. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

PORTER, Roy. História do corpo. In: BURKE, Peter (org.). A escrita da história: novas perspectivas. São Paulo: UNESP, 1992.

VIGARELLO, Georges. História da Beleza: o corpo e a arte de se embelezar, do renascimento aos dias de hoje. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006

## **PESQUISA TEMÁTICA: HISTÓRIA DAS DOENÇAS**

Discussão sobre a constituição do campo temático da história das doenças: história da ciência, história da saúde pública e história sociocultural das doenças.

## **BIBLIOGRAFIA BÁSICA:**

BERTOLLI FILHO, Cláudio. História social da tuberculose e do tuberculoso, 1900- 1950. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2001.

FOUCAULT, Michel. A Microfísica do Poder. Rio de Janeiro, Graal, 1984.

HOCHMAN, Gilberto; ARMUS, Diego. Cuidar, controlar, curar: ensaios históricos sobre saúde e doença na América Latina e Caribe. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2004.

LEANDRO, José Augusto. Em prol do sacrifício do isolamento: lepra e filantropia na Argentina e no Brasil, 1930-1946. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.20, n.3, jul.-set. 2013, p.913-938.

NASCIMENTO, Dilene R. do; CARVALHO, Diana Maul de; Marques, Rita de Cássia (Org.). Uma história brasileira das doenças, v.2. Rio de Janeiro: Mauad X. p.10-23. 2006.

ORNELLAS, Cleusa Panisset. O paciente excluído: história e crítica das práticas médicas de confinamento. Rio de Janeiro: Revan. 1997.

PORTER, R. Das tripas coração. Rio de Janeiro: Record, 2004.

ROSEN, George. Uma História da Saúde Pública. São Paulo, Unesp/Abrasco, 1994.

ROSENBERG, Charles E.; GOLDEN, Janet. (Edit.). Framing diseases. Studies in Cultural History. society and history. New Brunswick, New Jersey: Rutgers University Press, 1997.

ROSENBERG, Charles E.; Explaining epidemics and other studies in the history of medicine. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.

## **PESQUISA TEMÁTICA: HISTÓRIA E LITERATURA**

Discussão analítica acerca das relações entre os campos da História e da Literatura, ressaltando-se as formas de aproximações, os diálogos possíveis, suas especificidades, potencialidades e problemas.

## **BIBLIOGRAFIA BÁSICA:**

AUBERBACH, Erich. Mimese. A representação da realidade na literatura ocidental. São Paulo: Perspectiva, 1994.

BAKHTIN, Mikhail. Questões de literatura e de estética: a teoria do romance. São Paulo: Hucitec, 2010.

BURKE, Peter (Org.) A escrita da história: novas perspectivas. São Paulo. UNESP, 1992.

CHARTIER, Roger. A história cultural entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

\_\_\_\_\_. Cultura Escrita, Literatura e História. Porto Alegre: ARTMED, 2001.

GINZBURG, Carlo. O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

POMIAN, K. História e ficção. Projeto História. São Paulo: PUC-SP, v. 23, jun. 2003. p. 11-45.

RICOEUR, Paul. Tempo e narrativa. Campinas: Papyrus, 1994-98. 3 v.



WATT, Ian. A ascensão do romance. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

WHITE, Hayden. Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura. São Paulo: Edusp, 1994.

## **PESQUISA TEMÁTICA: HISTÓRIA E ANTROPOLOGIA**

A partir do enfoque no(s) conceito(s) de cultura e relativismo cultural, o objetivo do curso é introduzir discussões sobre as trocas interdisciplinares em regiões fronteiriças entre a história e a antropologia social e cultural.

### **BIBLIOGRAFIA BÁSICA:**

LARAIA, Roque de Barros. Cultura: Um conceito antropológico. 7 a ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

LÉVI-STRAUSS, Claude. Raça e história. In: Os pensadores. 2a ed. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

GEERTZ, Clifford. Anti anti-relativismo. In: Nova luz sobre a antropologia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

THOMAS, Keith. Historia y antropologia, *Historia Social*, 3 (1989), pp. 62-80.

THOMPSON, E. P. Folclore, antropologia e história social. In: As peculiaridades dos ingleses e outros artigos. Campinas, SP: Ed. Unicamp, 2001.

LE ROY LADURIE, Emmanuel. Da inquisição à etnografia. In: Montaillou, povoado occitânico, 1294-1324. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

GURIÉVITCH, Aaron. Conclusão. Da história das mentalidades à antropologia histórica. In: A síntese histórica e a Escola dos Anais. São Paulo: Perspectiva, 2003.

GINZBURG, Carlo. O inquisidor como antropólogo. *Revista Brasileira de História*, v. 1, n. 21. São Paulo: ANPUH, set. 90/fev.91.

LEVI, Giovanni. Sobre a micro-história. In: BURKE, Peter (Org.). A escrita da história: novas perspectivas. São Paulo: Ed. Unesp, 1992.

DARNTON, Robert. História e antropologia. In: O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

## **PESQUISA TEMÁTICA: HISTÓRIA E CIDADE**

A cidade como objeto do historiador e as diversas concepções de História Urbana. Constituição dos sujeitos, espaços e territórios urbanos na historiografia. A Cidade no debate interdisciplinar.

### **BIBLIOGRAFIA BÁSICA:**

BRESCIANI, Maria Stella (org.). As Palavras da Cidade. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2001.

\_\_\_\_\_. "História e Historiografia das Cidades. Um percurso". In: FREITAS, M.C.(org.) *Historiografia Brasileira em Perspectiva*. 2.ed. São Paulo. Contexto, 1998, p. 237-258.

CALVINO, Ítalo. Cidades Invisíveis. São Paulo: Cia das Letras, 1995.

CASTELLS, Manuel. A questão urbana. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

DAVIS, Mike. Planeta Favela. São Paulo: Boitempo Editorial, 2006.

FENELON, Déa Ribeiro.(org.) Cidades. São Paulo: Olho d'Água, 1999.

LAPA, J. R. do Amaral. A cidade: os cantos e os antros: Campinas 1850-1900. São Paulo: Ed. Campinas/ Ed. USP, 2008.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi (org.). Cidade: história e desafios. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2002, p. 16-35.

PINHEIRO, E.P; GOMES, M.A. de F. A cidade como história: os arquitetos e a historiografia da cidade e do urbanismo.

RAMINELLI, Ronald. "História Urbana". In: CARDOSO, C.F; VAINFAS, R (orgs.) *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997, p.185-202.



## **PESQUISA TEMÁTICA: HISTÓRIA ORAL**

Estudo da teoria e da metodologia da história oral na produção do conhecimento histórico e nas interfaces interdisciplinares no campo das ciências humanas e sociais. Compreensão das dimensões conceituais da memória e da narrativa na produção e interpretação das fontes orais e oralidades. Estudo da história oral na historiográfica contemporânea e emprego na pesquisa, ensino e extensão.

### **BIBLIOGRAFIA BÁSICA:**

- ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. In: PINSK, Carla Bassanezi (Org.). Fontes históricas. São Paulo: Contexto, 2006.
- AMADO, Janaína. O grande mentiroso: tradição, veracidade e imaginação em História Oral. História, São Paulo, n. 14, p. 125-136, 1995.
- BOSI, Ecléa. Memória e sociedade: Lembrança de velhos. São Paulo: SP. T.A. Editor, 1979.
- FERREIRA, Marieta de Moraes. História oral: velhas questões, novos desafios. In: VAINFAS, Ronaldo; CARDOSO, Ciro F. (Org.). Novos domínios da História. Rio de Janeiro: Elsevier Brasil, 2012.
- POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. In: Estudos históricos, Rio de Janeiro: FGV, no 3, 1989.
- PORTELLI, Alessandro. Forma e significado na história oral. A pesquisa como um experimento em igualdade. Projeto História, v. 14, p. 7-24, fev. 1997.
- \_\_\_\_\_. O que faz a história oral diferente. Projeto História, v. 14, fev. 1997.
- POZZI, Pablo. Esencia y práctica de la historia oral. Revista Tempo e Argumento, vol. 4, núm. 1, jan/jun, 2012.
- RICOEUR, Paul. A memória, a história, o esquecimento. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.
- SANTHIAGO, Ricardo; Magalhães, Valéria B. Depois da Utopia: a história oral em seu tempo. São Paulo: Letra e Voz, 2014.

## **PESQUISA TEMÁTICA: HISTÓRIA E CIÊNCIAS SOCIAIS**

A constituição do campo da História e seus diálogos interdisciplinares com a Sociologia, a Antropologia, a Ciência Política e demais Ciências Sociais. Tensões, contrastes e convergências teóricas e conceituais entre a História e as Ciências Sociais. O pensamento social, a História e os desafios da contemporaneidade.

### **BIBLIOGRAFIA BÁSICA:**

- BAUMAN, Zygmunt. Modernidade e holocausto. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998, p. 9-50.
- BRAUDEL, Fernand. História e ciências sociais. Lisboa: Editorial Presença, 1990, p. 33-39.
- CLASTRES, Pierre. A sociedade contra o Estado. São Paulo: Cosac&Naif, 2003.
- DOSSE, François. História e ciências sociais. Bauru: EDUSC, 2004.
- FEIERSTEIN, Daniel. El genocidio como práctica social: entre el nazismo y la experiencia argentina. 2a ed. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2011, p. 87- 139.
- FONTANA, Josep. História: análise do passado e projeto social. Bauru: EDUSC, 1998, p. 137-155; 169-186; 217-251.
- FOUCAULT, Michel. Em defesa da sociedade. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 285-316.
- GIDDENS, Anthony. O Estado-nação e a violência: segundo volume de uma crítica contemporânea ao materialismo histórico. São Paulo: EDUSP, 2008, p. 27-59.
- HARVEY, David. Condição pós-moderna. 24a ed. São Paulo: Edições Loyola, 2013.
- \_\_\_\_\_. Dezesete contradições e o fim do capitalismo. São Paulo: Boitempo, 2016, p. 9-27; 59-72; 261-275.
- MÉSZÁROS, István. O desafio e o fardo do tempo histórico. São Paulo: Boitempo editorial, 2011, p. 13-45; 85-89; 141-147; 317-319.



SAHD, Fabio B. Vidas matáveis, propriedades roubáveis. As violações de direitos humanos e humanitários dos palestinos vivendo sob ocupação: possíveis interpretações. São Paulo: Programa Diversitas (tese de doutorado, FFLCH-USP), 2017, p. 207-248.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: \_\_\_\_\_; MENESES, Maria Paula (orgs.). Epistemologias do Sul. São Paulo: Cortez, 2010, p. 31-66.

WEBER, Max. Conceitos básicos da sociologia. São Paulo: Centauro, 2002, p. 9-39; 55-59; 61-65; 67-70; 77-81; 89-92; 107-108.

## **PESQUISA TEMÁTICA: HISTÓRIA E GÊNERO**

Da história das mulheres aos estudos de gênero: a trajetória da elaboração de um conceito. Estudos de gênero como categoria de pesquisa histórica e construção de conhecimento. Os processos de naturalização e de construção das identidades e das subjetividades de gênero em diferentes espaços culturais e temporalidades

## **BIBLIOGRAFIA BÁSICA:**

BORGES, Joana Vieira. Gênero e história das mulheres na historiografia. Rev. Estud. Fem., Dez 2008, vol.16, no.3, p.1112-1114.

BUTLER, Judith P. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Editora Civilização. Brasileira, 2003. 236 p.

CONNEL, R. e MESSERSCHMIDT, J. W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. Estudos Feministas, Florianópolis, 21(1): 241-282, janeiro-abril/2013.

RIAL, Carmen; PEDRO, Joana. AREND, Silvia Maria Fávero. (orgs.) Diversidades: dimensões de gênero e sexualidade. Ilha de Santa Catarina: Mulheres, 2010.

PEDRO, Joana. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. HISTÓRIA, SÃO PAULO, v.24, N.1, P.77-98, 2005

\_\_\_\_\_. Relações de gênero na pesquisa histórica. Revista Catarinense de História, n. 2, p.35-44, 1994.

PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Org.). Nova História das Mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 2013.

PINSKY, Carla Bassanezi. Estudos de Gênero e História Social. In: Revista Estudos Feministas. V. 17, n. 1, 2009, p. 159-189.

RAGO, Margareth. Epistemologia feminista, gênero e história. In: PEDRO, Joana Maria e GROSSI, Miriam Pillar. Masculino, feminino, plural: gênero na interdisciplinaridade. Florianópolis: Ed. Mulheres, 1998, p.21-41

SCOTT, Joan Wallach. "Gênero: uma categoria útil de análise histórica". Educação & Realidade. Porto Alegre, vol. 20, no 2, jul./dez. 1995, pp. 71-99.

SOIHET, Rachel e MATOS; Maria Izilda S. de. Gênero em debate: trajetórias e perspectivas na historiografia contemporânea. São Paulo: Educ, 1997.

## **PESQUISA TEMÁTICA: HISTÓRIA E IMAGEM**

Estudo sobre problemas teórico-metodológicos relativos ao uso de representações imagéticas, tendo em vista seu emprego como fontes documentais na produção do conhecimento histórico.

## **BIBLIOGRAFIA BÁSICA:**

BURKE, Peter. Testemunha ocular: história e imagem. Bauru/SP: EDUSC, 2004.

FREUND, Gisele. La fotografia como documento social. Barcelona: Gustavo Gili, 1976.

GERVEREAU, Laurent. Ver, compreender, analisar as imagens. Lisboa: Edições 70, 2007.

GINZBURG, Carlo. Medo, reverência, terror: quatro ensaios de iconografia política. São Paulo: Cia. Letras, 2014.

KOSSOY, Boris. Fotografia e história. 2. ed. rev. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.



LIEBEL, Vinícius. Charges. In: RODRIGUES, Rogério R. (Org.). Possibilidades de pesquisa em História. São Paulo: Contexto, 2017, p. 83-113.

MENESES, Ulpiano B. História e imagem: iconografia/iconologia e além. In: CARDOSO, C. F.; VAINFAS, R. Novos domínios da História. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012, p. 243-262.

PANOFSKY, Erwin. Significado nas artes visuais. São Paulo: Perspectiva, 1976.

STANCIK, Marco A. Souvenirs da Grande Guerra (1914-1918): virilidade e feminilidade em cartões-postais franceses. Curitiba: CRV, 2017.

VOVELLE, Michel. Imagens e imaginário na História. São Paulo: Ática, 1997.

## **PESQUISA TEMÁTICA: HISTÓRIA E NATUREZA**

Discussão analítica acerca da produção histórico-cultural de ideias, conceitos e sentimentos sobre o mundo natural. A história ambiental como campo de investigação das formas de interação entre comunidades humanas e não humanas ao longo do tempo. O tema da natureza na historiografia contemporânea.

## **BIBLIOGRAFIA BÁSICA:**

CAPRA, Fritjof. As conexões ocultas: ciência para uma vida sustentável. São Paulo: Cultrix, 2002.

CORBIN, Alain. O território do vazio: a praia e o imaginário ocidental. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

CROSBY, Alfred W. Imperialismo Ecológico: A Expansão Biológica da Europa, São Paulo, Companhia das Letras, 1997.

DEAN, Warren. A Ferro e Fogo: A História e a Destruição da Mata Atlântica Brasileira, São Paulo, Companhia das Letras, 1998.

DRUMMOND, José Augusto. A História Ambiental: temas, fontes e linhas de pesquisa. Estudos Históricos, n. 8, 1991.

FRANCO, José Luiz de Andrade et al. (orgs). História ambiental: territórios, fronteiras e biodiversidade. Vol. 2. Rio de Janeiro: Garamond, 2016.

PÁDUA, José Augusto. As bases teóricas da história ambiental. In: Estudos avançados. Instituto de Estudos Avançados – USP, v. 24, n. 68, jan/abril 2010.

PONTING, Clive. Uma história verde do mundo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

THOMAS, Keith. O homem e o mundo natural: mudanças de atitudes em relação a plantas e aos animais (1500-1800). São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

WORSTER, Donald. "Para Fazer História Ambiental", Estudos Históricos, n. 8, 1991.

## **PESQUISA TEMÁTICA: HISTÓRIA E TEATRO**

O campo teatral como linguagem autônoma. As possibilidades de diálogo com outras linguagens. As múltiplas formas teatrais como campo de pesquisa em história. Teatro brasileiro. Teatro Político. Teatro Engajado. Teatro Militante. Século XX.

## **BIBLIOGRAFIA BÁSICA:**

BRANDÃO, Tania. Uma empresa e seus segredos: Companhia Maria Della Costa. São Paulo: Perspectiva; Rio de Janeiro: Petrobras, 2009.

CAMARGO, Angélica Ricci. Em busca de uma política para o desenvolvimento do teatro brasileiro: as experiências da Comissão e do Serviço Nacional de Teatro (1936- 1945). Rio de Janeiro, 2011. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

CARDOSO, Maria Abadia. Mortos sem Sepultura: diálogos cênicos entre Sartre e Fernando Peixoto. São Paulo: Hucitec, 2011.

COLAÇO, Vera Regina. O Teatro da União Operária – um palco em sintonia com a modernização brasileira. Florianópolis, 2004. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina.



COSTA, Rodrigo de Freitas. Tambores na Noite: a dramaturgia de Brecht na cena de Fernando Peixoto. São Paulo: Hucitec, 2010.

GARCIA, Miliandre. Ou vocês mudam ou acabam: teatro e censura na ditadura militar (1964-1988). Rio de Janeiro, 2008. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

GODOY, Alexandre Pianelli. Nelson Rodrigues: o fracasso do moderno no Brasil. São Paulo: Alameda, 2012.

NASCIMENTO, Francisco de Assis de Sousa. Teatro dialógico: Benjamim Santos em incursão pela história e memória do teatro brasileiro. Niterói, 2009. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense.

PATRIOTA, Rosângela. Vianinha: um dramaturgo no coração de seu tempo. São Paulo: Hucitec, 1999.

## **PESQUISA TEMÁTICA: HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA**

Análise e contextualização da produção historiográfica no Brasil, sua institucionalização/disciplinarização nos séculos XIX e XX, com ênfase nas suas bases teóricas, metodológicas e conceituais, fomentando-se a discussão acerca de suas principais orientações, problemas e encaminhamentos.

## **BIBLIOGRAFIA BÁSICA:**

ALONSO, Ângela. Ideias em movimento: a geração de 1870 na crise do Brasil Império. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

ARAUJO, Ricardo Benzaquen. Ronda noturna: narrativa, crítica e verdade em Capistrano de Abreu. Estudos históricos, 1, 1988. Disponível em: > <http://www.cpdoc.fgv.br/comum/htm/>

ARAÚJO, Valdeci Lopes. Sobre o lugar da história da historiografia como disciplina autônoma. Locus, Juiz de Fora, v.12, n.1, 2006.

BOTELHO, André et al. (orgs). O moderno em questão: a década de 1950 no Brasil. Rio de Janeiro: Topbooks, 2008.

BOTTMANN, Denise G. Padrões explicativos da historiografia brasileira. 2.ed. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1999.

BURMESTER, A. M. O. A (des)construção do discurso histórico: a historiografia brasileira dos anos 70. 2.ed. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1998.

DIHEL, Astor Antônio. A cultura historiográfica brasileira: do IHGB aos anos 1930. Passo Fundo: UPF, 1998.

\_\_\_\_\_. A cultura historiográfica brasileira: da década de 1930 aos anos 1970. Passo Fundo: UPF, 1999.

FRANZINI, Fábio.; GONTIJO, Rebeca. Memória e historiografia no Brasil: a invenção de uma moderna tradição, anos 1940-1960. In SOIHET, R. et al. (orgs.) Mitos, projetos e práticas políticas: memória e historiografia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

FREITAS, Marcos C. (org.). Historiografia brasileira em perspectiva. São Paulo: Contexto, 1998.

GUIMARÃES, M.L.S. Nação e civilização nos trópicos: o IHGB e o projeto de uma história nacional. Estudos históricos, 1, 1988. (disponível em <http://www.cpdoc.fgv.br/comum/htm/>).

IGLÉSIAS, F. Historiadores do Brasil: capítulos de historiografia brasileira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

NICODEMO, Thiago; SANTOS, Pedro Afonso; Pereira; Matheus Henrique. Uma introdução à história da historiografia brasileira (1870-1970). Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2018.

RAGO, Magareth. A "nova" historiografia brasileira. Anos 90. Porto Alegre, v.7, n.11, 1999.

REIS, José Carlos. As identidades do Brasil: de Varnhagen à FCH, Rio de Janeiro: FGV, 1999

TURIN, Rodrigo. História da historiografia e memória disciplinar: reflexões sobre um gênero. História da historiografia. Ouro Preto, n. 13, dez, 2013.





## **PESQUISA TEMÁTICA: HISTÓRIA DAS RELIGIÕES E DAS RELIGIOSIDADES**

As religiões e as religiosidades como objeto de abordagem histórica e historiográfica. Estudos de obras e discussão de aspectos conceituais e de abordagens teórico-metodológicas no âmbito da história das religiões e religiosidades. O fenômeno religioso no Brasil e no mundo e seus vínculos com a organização social, política, econômica e artístico-cultural.

### **BIBLIOGRAFIA BÁSICA:**

- BERGER, Peter. O Dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulus, 1985.
- BOURDIEU, Pierre. A economia das trocas simbólicas. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- DURKHEIM. As formas elementares da vida religiosa. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- ELIADE, Mircea. O Sagrado e o Profano: A essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- FILORANO, Gioavani. As ciências das religiões. São Paulo: Paulus, 1999.
- GAARDER, Josten; HELLEN, Victor; HENRY, Notaker. O livro das religiões. São Paulo: Cia de Bolso. 2005.
- KUHN, Thomas. A estrutura das revoluções científicas. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- LENHARO, Alcir. A sacralização da política. Campinas: Papirus, 1986.
- MARANHÃO FILHO, Eduardo Meinberg de A. (org.). (Re)conhecendo o sagrado: reflexões teórico-metodológicas dos estudos de religiões e religiosidades. São Paulo: Fonte Editorial, 2013.
- NEVILLE, Robert Commings. A condição humana: um tema para religiões comparadas. São Paulo: Paulus, 2005.
- PIERUCCI, Antônio Flávio; PRANDI, Reginaldo. A realidade social das religiões no Brasil: religião sociedade e política. São Paulo: HUCITEC, 1996.
- REVISTA DE CIÊNCIAS HUMANAS. Edição Temática Religiosidade e Cultura. Florianópolis, EDUFS, n.30, pp.01-168, out. 2001.
- REVISTA PROJETO HISTÓRIA. Dossiê Temático História e Religiões. São Paulo, n.37, p.1-379, Dezembro/2008.

## **PESQUISA TEMÁTICA: JAPÃO, CHINA E ORIENTE MÉDIO: QUESTÕES CONTEMPORÂNEAS**

O conceito de Oriente e suas influências na produção teórica e cultura contemporânea. Aspectos da história da China e Japão no século XX e XXI. O Oriente médio e a história do tempo presente. Cultura pop: China Japão, Coreia e seu impacto na contemporaneidade.

### **BIBLIOGRAFIA BÁSICA:**

- GOODY, Jack. O Roubo da História: como os europeus se apropriaram das idéias e invenções do Oriente. São Paulo: Contexto, 2008.
- HOBBSBAWM, Eric. A era dos extremos. São Paulo: Cia das Letras, 1995.
- ORTIZ, Renato. O próximo e o distante: Japão e modernidade mundo. São Paulo: Brasiliense, 2000.
- PEREIRA, Ronan Alves; SUZUKI, Tae (orgs.). O Japão no Caleidoscópio: Estudos da Sociedade e da História Japonesa. Campinas, SP: Pontes Editores, 2014.
- SAHD, Fábio Bacila. Palestinos: as vítimas ulteriores do Holocausto. Revista Tempo, Espaço e Linguagem (TEL), v.2, no 3, p.143-171, Set./ Dez. 2011.
- SAID, Edward. A questão da Palestina. São Paulo: Editora Unesp, 2012.
- \_\_\_\_\_. Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- SATO, Cristiana A. Japop – O poder da cultura pop japonesa. São Paulo: Livro Certo Editora, 2007.



SHU, Sheng. Uma História da China Popular do Século XX. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011.

RAI, Milan. Iraque: plano de guerra, dez razões contra a guerra ao Iraque; com um capítulo de Noam Chomsky; Tradução Luiz Antônio Aguiar. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

## **PESQUISA TEMÁTICA: PENSAMENTO SOCIAL BRASILEIRO**

História e historiografia do pensamento social brasileiro. Análise das principais obras e correntes interpretativas considerando sua historicidade (o contexto e os meios de produção, as vinculações teórico-metodológicas, os alcances e limites da argumentação) bem como os temas mais recorrentes (colonização, povoamento, escravidão, raça, imigração, nação, identidade nacional, cidadania, movimentos sociais, sociabilidade, centro, periferia, desenvolvimento, subdesenvolvimento, desenvolvimentismo, cultura brasileira).

## **BIBLIOGRAFIA BÁSICA:**

ALONSO, Angela. Ideias em Movimento: a geração de 1870 na crise do Brasil Império. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

BOTELHO, André; SCHWARCZ, Lilia Moritz (orgs.). Agenda brasileira: temas de uma sociedade em mudança. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. BOTELHO, André; SCHWARCZ, Lilia Moritz (orgs.). Um enigma chamado Brasil: 29 intérpretes e um país. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

FAORO, Raymundo. Os donos do poder: formação do patronato político brasileiro. Rio de Janeiro, Porto Alegre, São Paulo: Globo, 1958. Vol. 1.

FICO, Carlos; POLITO, Ronald. A história no Brasil (1980-1989): elementos para uma avaliação historiográfica. Ouro Preto: Editora da UFOP, 1992.

FERNANDES, Florestan. A integração do negro na sociedade de classes: ensaio de interpretação sociológica. 5. Ed. São Paulo: Globo, 2008. Vol. 1.

FREYRE, Gilberto. Casa-grande & Senzala. 34. ed. Rio de Janeiro: Record, 1998.

GUIMARÃES, Manoel Luís Salgado. Nação e civilização nos trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma história nacional. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, n. 1, p. 5-27, 1988.

HOLANDA, Sérgio Buarque. Raízes do Brasil. 26. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

JUNQUEIRA, Mary Anne. Colônia de povoamento e colônia de exploração. Reflexões e questionamentos sobre um mito. In: ABREU, Martha; SOIHET, Rachel; GONTIJO, Rebeca (orgs.) Cultura política e leituras do passado: historiografia e ensino de história. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Faperj, 2007, p. 171-186.

MARTIUS, Karl Friedrich Von. Como se deve escrever a história do Brasil. Revista de História de América, n. 42, dez. 1956. Disponível em: [file:///C:/MILIANDRE/Livros%20e%20leituras/VON%20martiucomo\\_se\\_deve\\_escrever\\_a\\_Historia\\_do\\_Bras.pdf](file:///C:/MILIANDRE/Livros%20e%20leituras/VON%20martiucomo_se_deve_escrever_a_Historia_do_Bras.pdf). Acesso em: 26 abr. 2019.

MOTA, Lourenço Dantas (org.) Introdução ao Brasil – Volume 1: um banquete no Trópico. 5. Ed. São Paulo: Senac, 2008.

\_\_\_\_\_. Introdução ao Brasil – Volume 2: um banquete no Trópico. 3. Ed. São Paulo: Senac, 2011.

PRADO JÚNIOR, Caio. Formação do Brasil Contemporâneo. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

REIS, José Carlos. As identidades do Brasil: de Varnhagen a FHC. 9. Ed. Rio de Janeiro: FGV, 2007. P. 23-50. Vol. 1.

RODRIGUES, Raymundo Nina. As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisa Social, 2011.

RODRIGUES, José Honório. A pesquisa histórica no Brasil. São Paulo : Companhia Editora Nacional, 1978.

\_\_\_\_\_. História da história no Brasil. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1979.



SOUZA, Jessé. A elite do atraso: da escravidão à lava jato. Rio de Janeiro: Leya, 2017.

## **PESQUISA TEMÁTICA: HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE**

História Cultural. Tempo Presente. História oral. Pesquisa histórica e tempo presente: fontes, metodologia, temas, problemas e possibilidades.

## **BIBLIOGRAFIA BÁSICA:**

- CHAUVEAU, Agnès, TÉTART, Philippe. Questões para a história do tempo presente. Bauru, SP: EDUSC, 1999.
- FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaina. (orgs). Usos & Abusos da História Oral. Rio de Janeiro: FGV, 1996.
- FERREIRA, Marieta de Moraes. História, Tempo Presente e História Oral. Topoi, Rio de Janeiro, dez. 2002, pp.314-332
- HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. 6. Ed., Rio de Janeiro: DP&A, 2001. 96
- KOSELLECK, Reinhart. “Espaço da experiência” e “horizonte de expectativa”: duas categorias históricas. In: Futuro Passado. Contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto: Editora da PUCRio, 2006.
- HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Vértice, 1990.
- LE GOFF, Jacques. Memória. In: História e Memória. 4a ed., Campinas: Editora da Unicamp, 1996.
- LE GOFF, J. e NORA, P. História: novos problemas. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1976.
- NORA, Pierre. Entre memória e história. A problemática dos lugares. Revista Projeto História, São Paulo, (10), dez. 1993.
- POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio, In: Estudos Históricos, no. 3, Rio de Janeiro, Vértice e CPDOC/FGV, pags. 5 a 15.
- THOMPSON, Paul. A voz do passado. São Paulo e Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- VIDAL-NAQUET, Pierre. Os assassinos da memória (“Um Eichmann de papel” e outros ensaios sobre o revisionismo). Campinas: Papyrus, 1988.

## **TEMÁTICA: HISTÓRIA, SUBJETIVIDADES E SENSIBILIDADES**

As subjetividades e sensibilidades no processo de produção do conhecimento histórico: aspectos teóricos e metodológicos. A história das sensibilidades e suas especificidades e potencialidades como campo de investigação historiográfica. Análise crítica e discussão de estudos e pesquisas inseridos no âmbito de uma história das sensibilidades.

## **BIBLIOGRAFIA BÁSICA:**

- BURKE, Peter. O que é história cultural? Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- CORBIN, Alain. O prazer do historiador: entrevista concedida a Laurent Vidal. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 25, n. 49, p. 11-31, 2005.
- CORBIN, Alain. O território do vazio: a praia e o imaginário ocidental. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- CORBIN, Alain. Saberes e odores: o olfato e o imaginário social nos séculos XVIII e XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- DELUMEAU, Jean. História do medo no Ocidente: uma cidade sitiada. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- ERTZOGUE, Marina Haizenreder & PARENTE, Temis Gomes (Orgs.). História e sensibilidades. Brasília: Paralelo 15, 2006.
- FEBVRE, Lucien. Como reconstruir a vida afectiva de outrora? In: Combates pela história. 2ª. ed. Lisboa: Presença, 1985, p. 217-232.
- HUIZINGA, Johan. O outono da Idade Média. São Paulo: Cosac Naify, 2013.



PESAVENTO, Sandra [et. al.]. Sensibilidades e sociabilidades: perspectivas de pesquisa. Goiânia: Ed. UCG, 2008.

PESAVENTO, Sandra Jatahy e LANGUE, Frédérique. Sensibilidades na história: memórias singulares e identidades sociais. Porto Alegre: UFRGS, 2007.

RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François (Orgs.). Para uma história cultural. Lisboa: Estampa, 1998.

ZELDIN, Theodore. História pessoal e história das emoções. In: História: questões & debates. Curitiba, a.12, n. 22/23, p. 30-44, jun./dez. 1991. PESQUISA

## **TEMÁTICA: HISTÓRIA PÚBLICA**

Estudo de conceitos, metodologias e práticas de História Pública na atividade profissional do historiador. Diálogos com meios e linguagens de produção, comunicação, circulação de conhecimento histórico para diversos públicos. Análise de projetos e práticas de História Pública.

## **BIBLIOGRAFIA BÁSICA:**

ALMEIDA, Juniele Rabêlo de Almeida; ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira (Org.) Introdução à História Pública. São Paulo: Letra e Voz, 2011.

COELHO, Ilanil; SOSSAI, Fernando Cesar. Aproximações entre história pública e história oral: o caso do Laboratório de História Oral da Univil. Tempo e Argumento, v. 8, n. 19, p. 96-129, 2016.

DARNTON, Robert. O beijo de Lamourette. Editora Companhia das Letras, 2010.

FERREIRA, Marieta de Moraes. A história como ofício: a constituição de um campo DE FARIA CRUZ, Heloisa; DA CUNHA PEIXOTO, Maria do Rosário. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, v. 35, n. 2, 2007.

\_\_\_\_\_. História, tempo presente e história oral. Topoi (Rio de Janeiro), v. 3, n. 5, p. 314-332, 2002. GOFF, Le Goff. Reflexões sobre a história. Cap1: A História, o historiador e os Mass Media. Lisboa: Edições 70, 2009.

MAUAD, Ana Maria; DE ALMEIDA, Juniele Rabêlo; SANTHIAGO, Ricardo (Ed.). História pública no Brasil: Sentidos e itinerários. Letra e Voz, 2016.

MUELLER, Suzana P.M.; CARIBÉ, Rita de Cássia do Vale. A comunicação científica para o público leigo: breve histórico. Informação & Informação, v. 15, n. 1esp, p. 13- 30, dez. 2010.

NOIRET, Serge. História Pública Digital. Liinc em Revista, v. 11, n. 1, 2015.

SANTHIAGO, Ricardo; DE MAGALHÃES, Valéria Barbosa. História Oral na sala de aula. Autêntica, 2017.

## **PESQUISA TEMÁTICA: HISTÓRIA DA HISTORIOGRAFIA PARANAENSE**

Viajantes e cronistas do século XIX. O Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico do Paraná. A emergência do paranismo: a invenção de identidades regionais. Neoparanismo, história e pensamento social: modelos de história regional. A historiografia universitária dos 1960/70: interdisciplinaridade e modelos explicativos. A historiografia contemporânea dos anos 80 aos dias atuais: crise de modelos e novos paradigmas. A historiografia paranaense contemporânea: construção, desconstrução e reconstrução da história do Paraná.

## **BIBLIOGRAFIA BÁSICA:**

BAHLS, Aparecida Vaz da Silva. A busca de valores identitários: A memória histórica paranaense. Tese (Doutorado em História). Curitiba, UFPR, 2007.

BEGA, Maria Tarcisa Silva. Sonho e invenção do Paraná: geração simbolista e a construção de identidade regional. Tese (Doutorado em Sociologia). São Paulo, USP, 2001.

BENATTE, Antonio Paulo. SAAD, César L. (Orgs.) História da historiografia paranaense, Matrizes e mutações (séculos XIX e XX). Londrina: Eduel, 2019.



- BURMESTER, Ana Maria de Oliveira; PAZ, Francisco Moraes; MAGALHÃES, Marionilde Brepohl de. O paranismo em questão: o pensamento de Wilson Martins e Temístocles Linhares na década de 50. In: República em migalhas: História regional e local. São Paulo: Marco Zero, 1990.
- CARNEIRO, Cíntia Maria Sant'ana Braga. O museu paranaense e Romário Martins: a busca de uma identidade para o Paraná – 1902 a 1928. Dissertação de mestrado em história. Curitiba: Universidade Federal do Paraná. 2001.
- CORDOVA, Maria Julieta Weber. Bento, Brasil e David: o discurso regional de formação social e histórica paranaense. Curitiba: Ed. UFPR, 2016.
- KERSTEN, Márcia S. de A. Os rituais do tombamento e a escrita da história. Curitiba: Editora da UFPR – Imprensa Oficial do Paraná, 2000.
- MARCHI, Euclides; DE BONI, Maria Ignês M.; SIQUEIRA, Márcia D.; NADALIN, Sérgio. Trinta anos de historiografia: um exercício de avaliação. Revista Brasileira de História, v. 13, n. 25/26, São Paulo: ANPUH, set. 1992/ago. 1993.
- NEUNDORF, Alexandre. Intelectualidade, fronteiras e identidade: o Paraná no início do século XX. Curitiba, UFPR, 2009. 192f. Dissertação (Mestrado em História) - Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná.
- OLIVEIRA, Ricardo Costa de. O silêncio dos vencedores: genealogia, classe dominante e Estado no Paraná. Curitiba: Moinho do Verbo, 2001. PAZ, Francisco. Na poética da história: a realização da utopia nacional oitocentista. Curitiba: Ed. UFPR, 1996.
- PEREIRA, Luís Fernando Lopes. Paranismo: o Paraná inventado: cultura e imaginário no Paraná da I República. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1997.
- ROSEVICS, Larissa. O Instituto Histórico e Geographico Paranaense e a construção de um imaginário regional. Dissertação (mestrado em sociologia). Curitiba, UFPR, 2009.
- SCHWERTNER, Fernando. O paranismo como busca de uma identidade paranaense. Curitiba: PUC-PR, 1994.
- SOUZA, Fabrício Leal de. Nação e herói: a trajetória da intelectualidade paranaense. Dissertação. [Mestrado em História] UNESP, Assis, 2002.
- SZESZ, Christiane Marques. A invenção do Paraná: o discurso regional e a definição das fronteiras cartográficas, 1889-1920. Dissertação (Mestrado em História). Curitiba, UFPR, 1997.
- SZVARÇA, Décio Roberto. O forjador: ruínas de um mito – Romário Martins, 1893- 1944. 2ª ed. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 2004.

## **PESQUISA TEMÁTICA: HISTÓRIA E EDUCAÇÃO**

Temas interdisciplinares nos campos da História e Educação, com suas áreas conexas. Ensino de História, contexto educacional e social brasileiro. Fontes históricas para o estudo da História do Ensino da História no Brasil. Ensino de História na contemporaneidade.

## **BIBLIOGRAFIA BÁSICA:**

- BITTENCOURT, Circe. Livro didático e conhecimento histórico: uma História do saber escolar. São Paulo: Loyola, 1990.
- \_\_\_\_\_. Pátria, civilização e trabalho. O ensino de história nas escolas paulistas (1917-1939). São Paulo: s/e, 1988.
- \_\_\_\_\_. O saber histórico na sala de aula. São Paulo: Contexto, 2001.
- CEZAR, Temístocles, Lição sobre a escrita da História. Historiografia e nação no Brasil do século XIX, Diálogos. Maringá, (8):11-29, 2004.
- FERREIRA, Marieta de Moraes. O Ensino de História na Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil. Manguinhos - História, Ciências, Saúde, Rio de Janeiro, 19(2), abril-junho 2012.
- FONSECA, Selva Guimarães. Caminhos da história ensinada. Campinas: Papyrus, 1993.
- FONSECA, Thaís Nívia de Lima. História e Ensino de História. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.



GONCALVES, Marcia de Almeida et al. Qual o valor da história hoje? Rio de Janeiro: FGV, 2012.

JOUTARD, Phillippe. L'enseignement de l'histoire. In: BÉDARIDA, François (org.). L'histoire et le métier d'historien en France, 1945-1995. Paris: Éditions de la Maison des sciences de l'homme, 1995, p. 45-55.

MATTOS, Ilmar Rohloff de (org.). Histórias do ensino de História do Brasil. Rio de Janeiro: Access, 1998.

MONTEIRO, Ana Maria. Professores de História: entre saberes e práticas. Rio de Janeiro, Mauad, 2007.

MONTEIRO, Ana Maria; GASPARELLO, Arlette M.; MAGALHÃES, Marcelo (Org.). Ensino de História: sujeitos, saberes e práticas. Rio de Janeiro: FAPERJ, Mauad X, 2007. p. 59-72.

SILVA, Marcos; FONSECA, Selva Guimarães. Ensinar história no século XXI: em busca do tempo entendido. Campinas, São Paulo: Papyrus, 2007.

## 8. FLUXOGRAMA

Anexo

## 9. RECURSOS HUMANOS

### 9.1 Corpo Docente

SÉRIE	CURRÍCULO VIGENTE		NOVO CURRÍCULO	
	EFETIVOS	COLABORADORES	EFETIVOS	COLABORADORES
1ª	5+4	2+2	9	4
2ª	1+2	5+4	3	9
3ª	1+3	3+3	4	6

#### 9.1.1 Classe

EFETIVOS	
CLASSE	NÚMERO DE PROFESSORES
Titular	
Associado	09
Adjunto	10
Assistente	01
Auxiliar	
TOTAL	20

#### 9.1.2 Titulação

TITULAÇÃO	PROFESSORES EFETIVOS	PROFESSORES COLABORADORES
Graduado		
Especialista		
Mestre	1	2
Doutor	19	09
TOTAL	20	11

#### 9.1.3 Regime de Trabalho

REGIME DE TRABALHO	NÚMERO DE PROFESSORES
Tempo Integral e Dedicção	20



Exclusiva (TIDE)	
Tempo Integral (40 horas)	
Tempo Parcial (20 horas)	11
TOTAL	31

## 10. RECURSOS MATERIAIS

### 10.1 Materiais e Equipamentos

O Departamento de História, em 2022, conta com os seguintes recursos:  
Laboratório de Informática dos Cursos de Licenciatura e Bacharelado em História. Auditório – equipamento de projeção de multimídia – Sala 37  
Centro de Documentação e Pesquisa Histórica – CDPH  
Laboratório de Ensino de História – Sala 67  
Museu Campos Gerais  
Para manutenção das atividades, os equipamentos de multimídia nas salas de aula e auditório precisam ser mantidos.

### 10.2 Laboratórios, Salas de Aula e Salas Especiais

O Departamento de História possui, a princípio, espaços adequados para ofertar o novo currículo de Bacharelado em História. O curso possui quatro (4) salas de aula mais um auditório (que também serve como sala de aula), havendo a possibilidade de usar mais salas de aulas livres no período vespertino. Tem também uma sala usada para o PET e o LAGEDIS.

### 10.3 Biblioteca

O curso de Bacharelado em História conta com os acervos da:

- Biblioteca Central Prof. Faris Michaelle. Localizada no Campus de Uvaranas, contém livros e periódicos de diversas áreas do conhecimento.
- Biblioteca do acervo do Centro Cultural Euclides da Cunha. A biblioteca fica alocada no Bloco Central de Salas, sala 65 – Departamento de História/ Centro de Documentação e Pesquisa em História (CDPH). O seu fundo contém 5.033 livros, 354 títulos diferentes de periódicos, de 1907 a 1982. O número total de exemplares de periódicos atinge 2.062. A descrição do acervo da biblioteca pode ser encontrada no site [pitangui.uepg.br/cdph/](http://pitangui.uepg.br/cdph/)
- Acesso institucional ao Portal de Periódicos da CAPES;

## 11. ACESSIBILIDADE

O curso não conta com nenhuma política de acessibilidade além das previstas pela instituição. Para se adequar as possíveis condições de atendimento de alunos com necessidades especiais faz-se os pedidos necessários a PRAE.

## 12. OUTRAS INFORMAÇÕES

### 12.1 Estágio não obrigatório

O acadêmico de bacharelado em História da UEPG deverá, ao longo do curso, cumprir um total de 200 horas de atividades complementares. Dentre as atividades previstas por esta carga horária também poderá ser validada a realização de estágios não obrigatórios, regidos por legislação interna da UEPG e legislação federal de estágios, em áreas conexas à ação do historiador; estes estágios não obrigatórios poderão ser realizados (assim como o obrigatório) em museus, arquivos, bibliotecas e serão bem-vindas atividades desenvolvidas a partir de projetos sociais em instituições da sociedade civil organizada, ONGs e OSCIPS e similares. Será dado ênfase, na apreciação destes campos de estágio, aos espaços que caracterizem a integração e o serviço à comunidade pelo estagiário.



Os espaços abertos para o Estágio não obrigatório do estudante de bacharelado nos últimos anos na cidade de Ponta Grossa e nas cidades vizinhas são: as Prefeituras Municipais da região dos Campos Gerais.

Os Museus que recebem estagiários atualmente são: Museu Campos Gerais, Museu do Tropeiro em Castro, Museu Castrolanda, em Castro, Museu de Palmeira, Parque Histórico de Carambeí. O arquivo da Prefeitura de Ponta Grossa, o CDPH-DEHIS, arquivos de Escolas Municipais e Estaduais, Bibliotecas Municipais.

Muitos destes espaços já são conveniados com a UEPG. Eles passarão a fazer parte do cardápio de espaços para estágio obrigatório do discente do curso de Bacharelado em História.

### 13. ANEXOS

Como foi apenas feita uma readequação curricular com o acréscimo de atividades extensionistas em algumas disciplinas já vigentes no Currículo 3 (iniciado em 2020), não há necessidade de equivalências já que foram apenas acrescentadas atividades e ações extensionistas para adequar o curso a Curricularização da Extensão.

Com relação a Tabela de Equivalência do Currículo proposto e o Currículo da Licenciatura, a tabela de equivalências permanece e mesma do Currículo 3 do Bacharelado (de 2020) com o Currículo da Licenciatura.

Declaração de aceite dos Departamentos para cada disciplina da nova matriz curricular.

#### **ANEXO II.**

- Extrato de Ata de cada Departamento aprovando a oferta de disciplina(s).
- Tabela de equivalência de todas as disciplinas do currículo atual para o novo, com código e carga horária. No caso de cursos que são ofertados como Licenciatura e Bacharelado, ou Presencial e EaD, apresentar tabela de Equivalência entre eles. **ANEXO III**
- Extrato da Ata do Colegiado de Curso aprovando o novo Projeto.

Ponta Grossa, 10/dezembro/2022

José Roberto de Vasconcelos Galdino  
**COORDENADOR DO CURSO**





## FLUXOGRAMA DO CURSO DE BACHARELADO EM HISTÓRIA

<b>1ª Série</b>	História Antiga I	História dos Povos Indígenas	Introdução aos Estudos Históricos	Pesquisa em História I	Arquivos I	História do Brasil I		
663	323	504 68 4	504 68 4	504 34 2	504 34 2	504 51 3	504 68 4	
<b>1ª Série</b>	História Antiga II	História do Paraná	Teoria da História e Historiografia I	Pesquisa em História II	Arquivos II	História do Brasil II	Disciplinas Diversificação ou Aprofundamento I	Disciplinas Diversificação ou Aprofundamento II
663	391	504 34 2	504 68 4	504 68 4	504 51 3	504 34 2	504 34 2	504 34 2
<b>2ª Série</b>	História Medieval I	Pesquisa em História III	Teoria da História e Historiografia II	História do Brasil III	Patrimônio I			
680	323	504 68 4	504 68 4	504 68 4	504 51 3			
<b>2ª Série</b>	História Medieval II	História do Brasil IV	Teoria da História e Historiografia III	Pesquisa em História IV	Patrimônio II	Disciplinas Diversificação ou Aprofundamento III		
680	323	504 34 2	504 68 4	504 68 4	504 51 3	504 34		
<b>3ª Série</b>	História Moderna I	Introdução ao Estágio I	Teoria em História e Historiografia IV	Pesquisa em História V	História da América I	História Contemporânea I		
697	340	504 68 4	504 34 2	504 68 4	504 34 2	504 68 4	504 68 4	
<b>3ª Série</b>	História Moderna II	Pesquisa em História VI	História do Brasil V	História Contemporânea II	Museus e Espaços de Memória I	Estágio Supervisionado em História	Disciplinas Diversificação ou Aprofundamento IV	
697	408	504 34 2	504 34 2	504 68 4	504 68 4	504 102 6	504 34	
<b>4ª Série</b>	História Contemporânea III	História da América II	OTCC I	História do Brasil VI				
629	221	504 68 4	504 68 4	540 17 1	504 68 4			
<b>4ª Série</b>	História Contemporânea IV	História e Cultura Africana e Afro-brasileira	OTCC II	História da América III	Museus e Espaços de Memória II	Disciplinas Diversificação ou Aprofundamento V		
629	340	504 68 4	504 68 4	504 17 1	504 68 4	51 3		
<b>Disciplinas Formação Básica</b>	<b>Disciplinas Form. Espec. Profissional</b>	<b>Disciplinas Diversificação ou Aprofundamento</b>	<b>Atividades Acadêmico-Científico-Culturais</b>	<b>Estágio Curricular</b>	<b>EAD</b>			
1666	714	187	200	102				
<b>Extensão como Componente Curricular inserida nos grupos anteriores</b>	<b>TOTAL</b>	<b>Nome da Disciplina</b>	<b>___ª Série</b>					
289	2869	COD. CH	CH					
		CH-1ºs	CH-1ºs					
		CH-2ºs	CH-2ºs					

Em vigor a partir de 1º de janeiro de 2023 (Resolução CEPE nº 2023.16)